

A

858,796

Digitized by Google

Original from  
UNIVERSITY OF MICHIGAN

PROPERTY OF

*University of  
Michigan  
Library*

1817

---

ARTES SCIENTIA VERITAS

---











# CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

E COORDENADOS

POR

A. Thomaz Pires



---

VOLUME II

---



ELVAS  
TYPOGRAPHIA PROGRESSO

14—Rua Pérelra de Miranda—14

1905

1.2



63-275359

---

# CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

---

**( Volume II )**

869.8  
P667ca  
v. 2



# CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

## II

### A Natureza

#### h) Os vegetaes

2562 De Hespanha nos vêm o trigo,  
De Santarem o azeite,  
Do Algarve nos vem o figo,  
A castanha de Alegrete.

(A.)

2563 O Algarve é pae do figo,  
E a Beira é mãe da couve;  
Eu hei de falar comtigo,  
Teu pae é mouco, não ouve.

(A.)

2564 Do Algarve nos vem a palma,  
De Portalegre a castanha;  
Dizes que tenho outra amada,  
Oh que mentira tamanha!

(A.)

- 2565 *Dá o pulegão nas vinhas,  
A raiva nos gravações,  
O burgo nas azinheiras,  
A mela nos meloaes.*  
(A.)
- 2566 *As solteiras são de trigo,  
As casadas de cevada,  
As viúvas de centeio,  
As velhas não valem nada.*  
(A.)
- 2567 *Semei no meu quintal  
Cevada, trigo e centeio;  
Que lhe importam a qualquer  
Moitas em *alquéve* alheio.*  
(A.)
- 2568 *Tudo o que é verde se sécca  
Em vindo o pino do v'rão;  
Só meu amor reverdece  
Dentro do meu coração.*  
(A.)
- 2569 *Tudo que é verde renasce  
Lá na entrada do verão,  
Tudo torna a renascer,  
Só a mocidade não.*  
(A.)
- 2570 *Tudo que é verde se sécca  
Lá no estio do verão,  
Tudo torna ao que é seu,  
Só a mocidade não.*  
(T. M.)

2571 Já a aldeia cria herva,  
Já não tem passeadores,  
Ai de mim! que eu vivo ausente  
Dos meus tão lindos amores.

(A.)

2572 Já o adro está de relva,  
Já não ha passeadores,  
Já não ha quem venha ver  
A' janella os seus amores.

(A.)

2573 Já no adro nascem silvas,  
Já não ha passeadores,  
Já n'esta terra não vejo  
Passear os meus amores.

(A.)

2574 Já por aqui não passeias,  
Já o caminho tem hervas,  
O bem que tu me querias  
Diz-me se ainda o conservas.

(D.)

2575 Ao tempo que te não vi  
Já o caminho tem hervas ;  
O bem que tu me querias  
Tu diz-me se inda o conservas.

(D.)

2576 Quando Antonio vae á missa  
A igreja resplandece,  
A herva que Antonio pisa,  
Se está secca, reverdece.

(A.)

2577 Amor vario, amor louco,  
Amor das hervas do campo,  
Eu já me ia admirando  
Do teu amor durar tanto.

(T. M.)

2578 Eu escrevi na alabaça  
Com a penna do meimendo;  
Quando á vista me és tão falsa,  
Que será em me não vendo.

(A.)

2579 Degredaram a alabaça,  
Ao poejo deram fim,  
Degredaram meu amor,  
Degredem-me agora a mim.

(A.)

2580 Linda toalha de Medina,  
Estendida na alfazema;  
Amei-te com todo o gosto,  
Deixei-te com tanta pena.

(A.)

2581 Na rua de Santo Antonio  
'Stá uma verde nabiça,  
Que é regada co' os meus olhos  
Cada vez que vou á missa.

(T. M.)

2582 Tendes os olhos pisqueiros,  
Como a folha da nabiça,  
Trazeis a prisão comvosco,  
Não vos faz ninguem justiça.

(D.)



2583 Fui a um nabal aos grêlos  
E o nabal por semear;  
Ainda tenho unto velho  
Do porco que hei de matar.

(T. M.)

2584 As cantadeiras da herva  
Vão aos grêlos ao nabal,  
Já não ha santo nem santa  
Que as deixe ficar mal.

(D.)

2585 A folha do poêjo é fina,  
Nascida na terra fria;  
'Stavas tão firme p'ra mim,  
Eu não sei quem te desvia.

(E.)

2586 Delicado é o poêjo,  
Até a folha faz cruz,  
Delicados são teus olhos,  
Que até á noite dão luz.

(A.)

2587 Delicado é o poêjo  
Para a açorda dos ganhões;  
E' a primeira que vejo  
Berrar chibos em funcções.

(A.)

2588 Boa herva é o poêjo,  
Que se deita na açorda;  
Racha-me a cara com beijos,  
Tem cautela, não me mordas.

(A.)

- 2589 A folha da espadana,  
Armou combate ao poêjo;  
Já dormi na tua cama,  
Já matei o meu desejo.  
(A.)
- 2590 Hei de fazer um relógio  
De folhinhas de poêjo,  
Para contar os minutos  
Das horas que te não vejo.  
(A.)
- 2591 Ailé,  
Folha do poêjo,  
Que faz hoje um mez  
Que o meu bem não vejo.  
(A.)
- 2592 Terra de tanto sargaço  
Não lhe sei dar os valores;  
E' fructa de que eu não gasto,  
Dar *terela* a dois amores.  
(A.)
- 2593 O primeiro amor que eu tive  
Mandeí-o ao *sargaço*,  
A este que agora tenho  
Depressa o mesmo lhe faço.  
(A.)
- 2594 *Dête-me* a dormir um somno  
O' pé de um *sargaço*,  
*Acordê, ôvi* dizer:  
Bem padece quem é falso.  
(A.)

- 2595 Eu sou como a *s'ragacinha*,  
Que nasce p'los *s'ragaças*;  
O' minha branca pombinha,  
Cada vez te quero mais.  
(A.)
- 2596 Herva das sete sangrias,  
Boa para os crescimentos;  
Meu amor, eu não sabia  
Que demudavam os tempos.  
(A.)
- 2597 P'ra curar constipações,  
Herva das sete sangrias;  
Essa tua opinião  
Tiro-t'a eu em dois dias.  
(A.)
- 2598 Não é a ceifa que mata,  
Nem são as calmas do v'rão,  
E' a herva *unha gata*,  
Mais o cardo *beija-mão*.  
(A.)
- 2599 Olha a *unha gata*,  
Mais o cizirão,  
A maldita herva  
Que nasce no pão.  
(A.)
- 2600 Já hoje bebi um caldo  
Da verdura da urtiga;  
Ninguém falará de mim,  
S' não quem tem que se lhe diga.  
(A.)

- 2601 Hortelão da horta nova,  
Que rega o pé á urtiga;  
Anda agora muito em moda:  
'Stás pedida, rapariga.  
(A.)
- 2602 Os 'studantes de Coimbra  
Não comem senão urtigas,  
Andam a poupar dinheiro  
Para dar ás raparigas.  
(D.)
- 2603 Lindos campos de Coimbra,  
Semeados d'açafão;  
Essa tua aria tão linda  
Foi a minha perdição.  
(A.)
- 2604 Já lá vae, já se acabou  
O tempo dos agriões,  
Alabaças também servem  
Em certas occasiões.  
(A.)
- 2605 O alecrim é encontro,  
Eu morro por te encontrar,  
Se tu morres por me vêr,  
Eu morro por te falar.  
(B. A.)
- 2606 O' alecrim, rei das hervas,  
Retiro dos passarinhos;  
A quem *destes* os abraços,  
Vae também dar os beijinhos.  
(A.)

- 2607 Das *felores* que ha no campo  
O alecrim é o *rê*;  
Disseste que me deixaste,  
Mas *ê* é que te *dêxê*.  
(A.)
- 2608 O alecrim do deserto  
E' rei de todas as flores;  
Eu hei-de saber ao certo  
Se tu tens outros amores.  
(A.)
- 2609 O alecrim da Italia  
Tem folha que nunca vi;  
Não me percas o amor,  
Que eu inda t'o não perdi.  
(A.)
- 2610 O alecrim da muralha  
Quando reverdece chora;  
Sempre ha de haver quem se metta  
Na vida de quem namora.  
(A.)
- 2611 O alecrim da varanda  
Dá-lhe o vento, cáe-lhe a flôr;  
Hei-de vencer 'ma demanda  
Que tenho com meu amor.  
(A.)
- 2612 O alecrim d'esta terra  
Não é como o da minha,  
Este tem a folha larga,  
O meu tem-n'a miudinha.  
(A.)

2013 Alecrim pega d'estaca,  
 Mangerona de raiz;  
 Não te gabes que me deixas,  
 Fui eu a que te não quiz.  
 (A.)

2614 Déste-me alecrim por prenda,  
 Por ter a folha miuda,  
 Nem o alecrim é prenda,  
 Nem o meu amor se muda.  
 (D.)

2615 Déste-me alecrim por prenda,  
 Por ter a folha miuda,  
 Quizeste me esp'rimentar:  
 Quem é firme não se muda.  
 (A.)

2616 Ao alecrim na chapada  
 Dão a altura que elle q'ria;  
 Os olhos da minha amada  
 São pedras de cantaria.  
 (A.)

2617 Puz-me a chorar saudades  
 Ao pé do verde alecrim,  
 As folhas me responderam:  
 Tudo co' o tempo tem fim.  
 (A.)

2618 Entrei pelo jardim dentro,  
 E do alecrim fiz encosto;  
 Não me importa andar em fama  
 Com amor que é do meu gosto.  
 (A.)



2619 A' porta da minha sogra  
Bate o alecrim na areia;  
Tu és a minha prisão,  
Eu sou a tua cadeia.

(A.)

2620 Considera, amor, que eu durmo  
N'uma cama d'alecrim,  
Se dormira nos teus braços  
Seria um dormir sem fim.

(A.)

2621 Hei-de-te assentar o nome  
Na folha do alecrim bento,  
Para te lembrar's de mim,  
Meu castello cheio de vento.

(A.)

2622 O' alecrim de Castella,  
Alfazema da Galliza;  
Diga lá, minha menina,  
Se quem ama paga siza.

(A.)

2623 O amor do alvencu  
E' com' ó talo da *alfaça*,  
Em se acabando a obra,  
Menina, o que quer que eu faça?

(A.)

2624 Déste-me a comer alface,  
Logo me déste verdura,  
Logo o meu coração disse:  
E's amor de pouca dura.

(A.)

2625 Alfazema é que é de cá,  
O alecrim vem de fóra;  
Anda agora muito em moda  
As calças á portinhola.

(A.)

2626 Eu bem sei a quem tu déste  
Um raminho d'alfazema:  
Deixaste-me a mim por outra,  
Algum dia terás pena.

(A.)

2627 Eu queria cantar alto,  
Mas a voz já não me ajuda,  
Vou esfregar a garganta  
Com um raminho de arruda.

(M.)

2628 Dizeis que a *ruda* que amarga,  
Quem vol-a deu a *buber*?  
Segredos d'este meu peito  
Quem vol-os deu a saber?

(B. A.)

2629 Não sabes que significa  
A arruda pelos valados?  
Significa durar pouco  
Arrufos dos namorados.

(E.)

2630 Cuidas que eu não conheço  
A arruda pela toada?  
Faça-me eu desentendida,  
Que a mim não me escapa nada.

(D.)

2631 Adeus ó lameira verde  
Onde nasce o *açêdem*;  
Só te divertes commigo  
Quando não tens mais ninguém.  
(T. M.)

2632 Amor, já lá vae o tempo  
Da folha da batateira;  
Eu gosto da moça varia,  
Dá tudo quanto se queira.  
(A.)

2633 Passarinho, arr'bita o bico,  
Vae cantar ao meu quintal,  
Põe o pé na batateira,  
Estremece o batatal.  
(A.)

2634 Quem te disse, beldroéga,  
Que o queijo tira a memoria?  
Quem t'o disse, não mentiu,  
Que o cantar tambem tem hora.  
(B. B.)

2635 O queijo é p'r'ás beldroégas,  
Os ovos para as ervilhas;  
Que Deus faça as velhas cegas,  
P'ra eu conversar co'as filhas.  
(A.)

2636 O queijo com beldroégas,  
O bacalhau com ervilhas,  
No tempo da minha avó,  
E' o que ella dava ás filhas.  
(A.)

2637 Chamaste-me belladona,  
Por me ver's tão descórada,  
Se eu amar teu coração  
Serei bella e encarnada.

(A.)

2638 Mal o haja a cabaceira,  
Tanto cabaço tem dado,  
Deus permitta, a Virgem queira,  
Que me tenha algum guardado.

(A.)

2639 Ai, minha verde canninha,  
Verde canna em botão;  
Hei-de seguir o intento  
Que me diz meu coração.

(D.)

2640 O' minha canninha verde,  
Verde canna, agora, agora;  
Ausente d'esse teu corpo,  
Meu coração logo chora.

(D.)

2641 O' minha canninha verde,  
O' minha verde canninha,  
Salpicadinha d'amores,  
D'amores salpicadinha.

(D.)

2642 O' minha canninha verde,  
O' minha verde canninha,  
Se eu soubera que eras tu,  
Inda mais depressa vinha.

(D.)

2643 O' minha canninha verde,  
O' minha verde canninha,  
Não faças *la* tua cama,  
Anda-te dormir á minha.

(D.)

2644 O' minha canninha verde,  
O' verde minha canninha,  
Meu amor quem te atirara  
C' uma laranja da China.

(D.)

2645 O' minha canninha verde,  
O' minha salta p'r'ó ar,  
Hei-de-te dar uma saia  
Que te dure *té* acabar.

(D.)

2646 O' minha canninha verde,  
O' minha salta paredes,  
Hei-de-te dar uma saia  
Que te dure nove mezes.

(D.)

2647 O' minha canninha verde,  
Verde canna, rocóco,  
Fala p'ra quem tu quizeres,  
Que eu falo para ti só.

(M.)

2648 O' minha canninha verde  
Verde canna d'encannar ;  
Não q'rias casar commigo  
P'ra que me andaste á enganar.

(T. M.)

- 2649 O' minha canninha verde,  
Verde canna de encannar,  
As meninas dos meus olhos  
Se arrasaram com chorar.  
(D.)
- 2650 O' minha canninha verde  
Tornemos a começar,  
Tornemos á vacca-fria,  
Que me cresceu do jantar.  
(D.)
- 2651 O' minha canninha verde,  
O' minha S. Joanneira,  
Não ha dinheiro que pague  
A mocidade solteira.  
(D.)
- 2652 O' minha canninha verde,  
O' minha São Joanneira,  
Se quer's atirar, atira,  
Eu não te arreiou bandeira.  
(D.)
- 2653 O' minha canninha verde,  
Verde canna, tanto monta,  
Vieste por muito esperta,  
Agora tapei-te a bocca.  
(D.)
- 2654 O' minha canninha verde,  
O' bella canna sem lei,  
Dá-me a tua liberdade  
Que a minha já te a dei.  
(D.)



2655 O' minha canninha verde,  
O' meu panninho de armar,  
Inda te agora virei,  
Já te tornas a virar.

(A.)

2656 O' minha canninha verde,  
Verde canna, *fuge, fuge,*  
Se vens p'ra cantar comigo,  
Pega nos sóccos e *fuge.*

(D.)

2657 O' minha canninha verde,  
Verde canna, *fuge, fuge,*  
Os olhos do meu amor  
São brancos como a *ferruge.*

(D.)

2658 Deixa-te estar canna verde  
Ao pé do cannavial;  
Quem dá filhas a viuvos  
E' um peccado mortal.

(A.)

2659 Deixa-te estar canna verde  
Lá no teu cannavial;  
Deixa-te estar meu amor,  
O' pé de mim não 'stás mal.

(D.)

2660 Deixa-te estar canna verde  
Dentro do cannavial;  
Ainda não veio ao mundo  
Quem te a ti ha de lograr.

(A.)

- 2661 Quem achar a canna verde  
Faça favor de m'a dar,  
Que eu trazia-a no meu peito,  
Não dei fé de me faltar.  
(M.)
- 2662 Quem achar a canna verde  
Queira-m'a restituir,  
Eu trazia-a no meu peito,  
Não dei fé d'ella cahir.  
(M.)
- 2663 Encostei-me a verde canna,  
Fiquei todo atormentado;  
Só os teus olhos, amor,  
Me trazem hoje encantado.  
(A.)
- 2664 Encostei-me á canna verde,  
Cuidando que não quebrasse,  
A canna verde era ôca,  
Faltou como tu faltaste.  
(A.)
- 2665 Canna verde, verde canna,  
Trago eu no meu collete,  
Que m'a deu o meu amor,  
Que é um lindo ramalhete.  
(D.)
- 2666 Eu pintei a canna verde  
Na igreja de Rôriz,  
Eu pintei-a, bem pintada,  
Na ponta do teu nariz.  
(D.)

2667 A canna verde no ar,  
E a canna verde na areia,  
Quem as fôr desenterrar  
Tem cem annos de cadeia.

(A.)

2668 Os meus olhos não são pretos,  
São da côr da verde canna,  
Ainda que são pequenos,  
São leaes a quem os ama.

(T. M.)

2669 Desterrado, meu amor,  
Verde canna na raiz;  
Hêi-de seguir o intento  
Que o meu coração diz.

(D.)

2670 O' canna real das cannas,  
Quem te mandou aqui vir?  
Se te eu agora maçara  
Quem te havia de acudir?

(D.)

2671 Sêdes alta como a canna,  
*Délegada* com'á linha,  
Tendes o andar de rola,  
E *manear* de pombinha.

(B. A.)

2672 Esta noite, por meu gosto,  
Fui dormir ao teu quintal,  
Cobri-me com duas cannas  
Lá do teu cannavial.

(A.)

- 2673 Abre-te, canna da India,  
Toma tabaco, Thereza,  
Navega, não vás ao fundo,  
Minha maçã camoeza.  
(A.)
- 2674 Abre-te, canna da India,  
Que me quero metter dentro ;  
Estou mal com meu amor,  
Quero mostrar sentimento.  
(A.)
- 2675 Abre-te, canna da India,  
Que te quero ver o meio ;  
Se tu me quizeras bem  
Não andavas ó passeio.  
(D.)
- 2676 Abre-te ó canna da India,  
Que te quero ver o meio ;  
Que me tragas enganada  
E' o que eu mais arreceio.  
(M.)
- 2677 O' canna verde da India,  
Coberta de nó em nó ;  
Uma ausencia custa muito,  
Eu por mim me julgo só.  
(A.)
- 2678 Os primeir's amor's que eu tive  
Foram ao matto, á carqueja,  
E estes que agora tenho  
Hão de ir comigo á igreja.  
(A.)

2679 Eu fui ao campo á carqueja,  
Empecei n'um *saragaço*;  
Estes rapazes d'agora  
São bons p'ra comer bagaço.

(A.)

2680 O carrasco é desterro,  
Desterrada seja a murta;  
Se eu te logro a ti, menina,  
Teu pae é que tem a culpa.

(A.)

2681 O carrasco é distancias,  
Que nasce pelas campinas;  
Bem distanciadas que andam  
As tuas falas das minhas.

(A.)

2682 Não ha lenha como o carrasco,  
Nem pau como o de azinho,  
Nem rapaz como um bom frasco,  
Cheio de aguardente ou vinho.

(A.)

2683 Já cortei o bico á rôla,  
Que me comia o centeio;  
Quem tem o amor bonito  
Zomba de quem o tem feio.

(A.)

2684 Já cortei o bico á rôla,  
Que me comia o centeio;  
Quem me dera ter guarida  
Ahi dentro do teu seio.

(A.)

- 2685 Lá em junho é que se cortam  
As palhinhas ao centeio;  
Cá a mim pouco me importam  
Moitas em *alquêve* alheio. (A.)
- 2686 A horta do meu amor  
No meio tem um cipó;  
Quero-te bem, já t'ó disse,  
Quero-te bem a ti só. (A.)
- 2687 Nasce o cizirão na terra,  
Cresce, enleia-se no trigo;  
Oh! quem fôra cizirão,  
Que me enlelara contigo. (A.)
- 2688 Ailé,  
Lá no cizirão;  
Falo-te a verdade,  
Não é mangação. (A.)
- 2689 Semei no meu quintal  
Os coentros ás mãos cheias;  
Tanto custaram a Deus  
As bonitas, como as feias. (A.)
- 2690 Fui m'á praça a comprar *côve*,  
*Nan comprê senam* repolho;  
*Raparigas nam se fiem*  
Em rapaz que pisca o ôlho. (A.)

- 2691 O amor do alveneu  
E' como o talo da couve,  
Depois da obra acabada,  
Adeus menina, que eu vou-me.  
(A.)
- 2692 O meu amor é de longe,  
*Indas* que eu cante não me ouve,  
Hei-de-lhe mandar 'screver  
Na pontinha d'uma couve.  
(D.)
- 2693 O meu lindo amado  
Faz que me não ouve,  
Cata caracões  
Na folha da couve.  
(A.)
- 2694 Encontrei a douradinha,  
No adro de uma igreja;  
Não ha mulher com ventura,  
Nem homem que leal seja.  
(A.)
- 2695 Encontrei a douradinha,  
Nas escadas da igreja;  
Quem me tirar o meu bem  
Em ferros d'El-Rei se veja.  
(A.)
- 2696 Encontrei a douradinha  
Nas escadas da igreja;  
Anda o mundo bem mudado,  
Ninguem logra o que deseja.  
(A.)

2697 Hei de deixar-te sósinha,  
Bem como o espargo no monte,  
P'ra te ver andar chorando  
Lagrimas, de monte em monte.

(A.)

2698 Quem me déra estar tão alto,  
Como a esteveira na serra;  
Que avistára o meu amor  
Onde quer que elle estivera.

(A.)

2699 Quem subir a serra d'Ossa,  
Tem que ir devagarinho,  
Apartando as esteveiras,  
Que lá ha pelo caminho.

(A.)

2700 Já cahiu a folha ao féto,  
Já lá vae a liberdade;  
Hei de casar a meu gosto,  
Inda que seja mais tarde.

(A)

2701 O' altos montes, ouvi-me,  
*Fiéto* verdes, falae-me;  
Se vos fiz algum delicto,  
Aqui me tendes, matae-me.

(B. A.)

2702 Não cortes a folha ao féto,  
Nem a raiz á serralha,  
Que é o sustento dos homens  
No anno em que não ha palha.

(A.)



2703 Não córtes a videirinha,  
Nem a raiz á serralha,  
Que é o sustento dos homens  
Nos annos de pouca palha.

(D.)

2704 O' folhinha da *sarralha*,  
O' raiz do *almêrão*,  
E' o sustento dos homens,  
No anno que não ha pão.

(A)

2705 Minha fala, minha fala,  
Minha fala já não presta,  
'Stá agreste, retorcida,  
Como a folha da giesta.

(A)

2706 Côr de rosa, côr de rosa,  
Giesteira côr de limão,  
No Cercal um arco d'ouro,  
Onde as moças lindas são.

(D)

2707 Desafio, desafio,  
Desafio á giésta,  
A culpa tive-a eu  
Desafiar quem não presta.

(M.)

2708 Quem me déra ser como a hera,  
Pela parede a subir,  
Para chegar á janella,  
Do teu quarto de dormir.

(A.)

- 2709 Ailé,  
Na folha da hera;  
Quem não tem amores  
Não os considera.  
(A.)
- 2710 Herva cidreira no monte,  
Vós porque não daes fructo?  
O anno foi muito secco,  
Ficou o verde, foi muito.  
(A)
- 2711 Herva cidreira no monte  
E' regalo do pastor,  
Deita o gado a comer,  
Vae falar ao seu amor.  
(A.)
- 2712 A hortelã é crueza,  
Menina não seja crua,  
Seu pae não *na* mette freira,  
Aceite quem *na* procura.  
(B. A)
- 2713 Hortelã é herva bôa,  
Mas amarga lhe a raiz;  
Você diz que me não quer,  
Fui eu a que te não quiz.  
(A.)
- 2714 —Diz amor, que significa  
A hortelã verde-louca?  
—Significa lealdade.  
—Eu em ti vejo bem pouca.  
(A.)

2715 A hortelã verde louca,  
Colhida na madrugada,  
Para a dôr do cotovêllo  
E' medicina approvada.

(M.)

2716 A hortelã é me falsa,  
Fallemos com o *serpom*,  
Quem não quer que o mundo falle  
Não lhe dê *occasion*.

(M.)

2717 O jasmineiro é verde,  
As flôres que dá são brancas ;  
Como hei-de mostrar carinhos  
A quem me mostra carrancas.

(A.)

2718 Venha junça e tres a atar,  
Não faltará nósaria,  
Quem este nó desatar,  
Ha de ter sabedoria.

(A.)

2719 Puz o pé no junco verde,  
Fil-o andar ao redor ;  
Não ha cousa que mais custe  
Do que o apartar do amor.

(M.)

2720 Menina, aperte-se hem,  
Como o junco na junqueira ;  
Quanto mais apertadinha,  
Mais encontra quem a queira.

(A.)

- 2721 Lindos campos de Coimbra,  
Rodeados de linhaça;  
Tanto te hei de dar na vista,  
Que te hei de cair em graça.  
(D.)
- 2722 Maria, *munda* o teu linho,  
Não te ponhas á janella,  
Que passei hontem por elle,  
Não sei se é linho, se é herva.  
(M)
- 2723 Maria, *munda* o teu linho,  
Não te ponhas á janella,  
*Munda-o* e bem *mundado*,  
Que todo o linho tem herva.  
(M)
- 2724 Eu perdi o meu amor  
Entre as arestas do linho,  
Agora ando gritando  
Pelo meu agasalhinho.  
(D.)
- 2725 Quem me déra ser tão fino  
Como o linho que fiaes,  
Que vos déra tantos beijos  
Como vós no linho daes.  
(D.)
- 2726 —O' madresilva cheirosa,  
Aonde deixaste o cheiro?  
—Deixei-o na tua cama,  
Nos folhos do travesseiro.  
(A)

- 2727 O' madresilva cheirosa,  
*Felor* do mangericão;  
Quem te disse, ó madresilva,  
Que o meu amor é João.  
(A)
- 2728 A madresilva cheirosa  
Anda no seu limoeiro,  
Anda de ramo em raminho,  
Se cáe no chão perde o cheiro.  
(A.)
- 2729 A *felor* da madresilva,  
Tenho-a eu no meu quintal;  
Para dar ó meu amor,  
Se comigo estiver mal.  
(A.)
- 2730 Tu dizes, eu acredito,  
Que a folha da malva é verde;  
Faz as div'das que quizeres,  
Que eu pagal-as não hei de.  
(E.)
- 2731 Tu dizes, eu acredito  
Que a *felor* da malva é roxa;  
Todas fazem o delicto,  
Só eu carrego co'a trouxa.  
(A.)
- 2732 A *felor* da malva é roxa,  
Tu o dizes, acredito,  
Assim 'stá meu coração,  
Quando me vejo *affelicto*.  
(A.)

- 2733 A *felor* da malva é roxa,  
De roxa mette terror;  
Se me tens sido fiel  
Inda me has de crer, amor.  
(A.)
- 2734 A *felor* da malva é roxa,  
De roxa mette terror;  
Quem me quiz bem n'algum tempo  
Inda me ha de ter amor.  
(A.)
- 2735 Debaixo da malva roxa,  
'Stá meu amor a chorar;  
Mais vale um bom desengano,  
Que prometter e faltar.  
(A.)
- 2736 Lá detraz da malva roxa,  
Vem o girasol nascendo;  
Eu bem sei quem anda triste,  
E quem se alegra em me vendo.  
(A.)
- 2737 Na folha da malva roxa  
Tenho o amor encoberto;  
Todos dizem que namoro,  
Ninguem o sabe decerto.  
(A.)
- 2738 O' meu amor, meu amor,  
Flôr da malva regadia;  
Já não ha amor's leaes,  
Como havia algum dia.  
(E.)

2739 Malva roxa regadia  
Tenho eu para jantar;  
Ainda ha de ter hom olho  
Quem me a mim ha de lograr.  
(A.)

2740 O mundo tambem se engana,  
Na folha do malvaisco;  
Ai, ai, que me estou a rir  
Do meu amor, que é Francisco.  
(E.)

2741 Mangericão da janella,  
Todo bordado aos ramos;  
Os dias que te não vejo  
Todos me parecem annos.  
(D.)

2742 Mangericão da janella,  
Já te podes ir seccando,  
Já morreu quem te regava,  
Eu já me vou enfadando.  
(B. A.)

2743 Mangericão da janella,  
Dá-me a mão, que quer' subir,  
Eu tenho muita vergonha,  
Pela porta não hei de ir.  
(B. A.)

2744 Mangericão miudinho,  
Tosquiado pelo meio,  
Estes rapazes d'agora  
O que querem é palcio.  
(B. B.)

- 2745 Mangericão miudinho,  
Recortado até á ponta ;  
Se eu quizer dizer, bem sei,  
O amor que me faz conta.  
(E.)
- 2746 Mangericão miudinho,  
A' janella do abbade ;  
Nunca vi homem mentir,  
Nem mulher falar verdade.  
(D.)
- 2747 *Manjaricão* orvalhado,  
Mal haja quem te orvalhou ;  
Inda me hei de ver vingado  
De quem de mim se vingou.  
(A.)
- 2748 Mangericão *felorido*  
E' coisa que nunca vi ;  
Não me percas o amor,  
Que eu ainda t'o não perdi.  
(D.)
- 2749 Mangerico á janella  
Menina não o tenhaes,  
Dá-lhe o vento, bole, bole,  
Cuido que vós me acenaes.  
(A.)
- 2750 Mangerico á janella  
E' arv're que não dá fructo,  
Dá-lhe o vento na folhinha,  
Fica a janella de lucto.  
(A.)



2751 Não me aperte a mão,  
Que eu não sou quem cuida,  
Sou mangericão  
De folha miuda.

(A.)

2752 Mangerico recortado,  
Dá-lhe o vento, cae-lhe a flôr;  
O' quem quer comprar em praça  
O c'ração do meu amor.

(A.)

2753 Mangerico recortado,  
Dá-lhe o vento, abana, abana;  
Não ha balas que atravessem  
Aquella Rosa tyranna.

(A.)

2754 Mangerico recortado,  
Dá-lhe o vento, abana, abana;  
Quem me déra já chamar  
À tua irmã minna mana.

(A.)

2755 Mangerico redondinho,  
O teu verde é de encantar;  
A donzella que é honesta  
Sempre tem com quem casar.

(A.)

2756 D'aqui onde estou bem vejo  
O mangerico orvalhado,  
Tambem vejo uns lindos olhos  
N'um corpinho delicado.

(A.)

- 2757 Mangerico orvalhado,  
Mangerico, meu desvelo;  
Se eu sirvo nas faltas d'outrem,  
Te digo amor que não quero.  
(A.)
- 2758 Mangerona é prisão,  
Eu com ella me preendi;  
O' meu amor da minh'alma,  
Eu não posso estar sem ti.  
(A.)
- 2759 Sois baixa, sois redondinha,  
Sois bem como a mangerona;  
Tendes olhos feiticeiros,  
Quem t'os roubara, ladrona.  
(E.)
- 2760 Fui ao campo colher flôres,  
Colhi mangerona aos molhos;  
Amar a quem nos não ama  
E' forte cegueira d'olhos.  
(A.)
- 2761 Mangerona bate á porta,  
Alecrim vae vêr quem é,  
São os olhos de Maria,  
Que vem ver os de José.  
(A.)
- 2762 *Passê pola mangerona,*  
Corri a mão p'la semente;  
*Passê por esses tês olhos,*  
*Fiquê presa para sempre.*  
(A.)

2763 Rouxinol, que tão bem cantas,  
Vae cantar ao meu jardim,  
Põe o pé na mangerona,  
E o bico no alecrim.

(A.)

2764 Rouxinol, que tão bem cantas,  
Vae cantar á minha horta,  
Põe o pé na mangerona,  
O bico na cepa torta.

(A.)

2765 O sabbado é mangerona,  
Domingo cheiro excellente;  
Meu amor é um encanto,  
Pois encanta a toda a gente.

(A.)

2766 Mangerona aborrecida,  
Eu tenho p'ra te abor'cer,  
Diz-me os defeitos que tenho,  
P'ra me poder conhecer.

(A.)

2767 Que bella herva é o mentastro,  
E' herva que o boi não come;  
O meu amor é bojeiro,  
Elle é um bizarro *home*.

(A.)

2768 O *mantrasto* é cuidado,  
Vós com elle me trataes,  
Eu pensei, minha menina,  
Que vós que me q'rias mais.

(M.)

2769 O mandrasto é desterro,  
Não o *desponhas* na horta;  
Eu bem desterrado ando,  
Meu amor, da tua porta.  
(A.)

2770 Dizeis que viva Ramalde,  
Não sei que graça lhe achaes,  
Terra do milho miudo,  
Alimento dos pardaes.  
(D.)

2771 Minha mãe case-me cedo,  
Emquanto sou rapariga,  
Que o milho sachado tarde  
Não dá palha, nem dá espiga.  
(E.)

2772 Casae-me, meu pae, casae-me,  
Em quanto sou rapariga;  
O milho sachado tarde  
Pucha a palha, não dá espiga.  
(M.)

2773 Minha mãe, casae-me cedo,  
Em quanto sou rapariga;  
O milho sachado tarde  
Nunca dará boa espiga.  
(D.)

2774 Os olhos d'Anna parecem  
Milho miudo na eira,  
Inda não está semeado,  
Já *verdenga* na ribeira.  
(D.)

2775 Menina, vamos á murta,  
Se bem a sabe apanhar,  
Debaixo da verde murta  
Mil abraços lhe hei de dar.

(T. M.)

2776 Meu amor, vamos á murta,  
Que eu bem *na* sei apanhar,  
Debaixo da *martinheira*  
Mil abraços te hei de dar.

(A.)

2777 Menina da poupa alta,  
Ponha-lhe um ramo de murta,  
Que anda agora muito em moda  
Meia branca e saia curta.

(A.)

2778 Raminho de murta verde,  
Inda te hei de convencer.  
A murta dá-se a quem morre,  
Eu por ti hei de morrer.

(A.)

2779 Ailé,  
Eu quero-te tanto  
Como á flôr da murça  
Criada no campo.

(A.)

2780 Já te disse murtinheira,  
Que não desses mais murtinhos,  
Anda a justiça na terra  
Prendendo quem faz carinhos.

(D.)

- 2781 *A murtinhêra quebró-se,*  
Já não póde dar murtinhos ;  
Já *nan* ha quem *quêra* dar  
Abraços, tambem *bêjinhos*.  
(A.)
- 2782 *A murtinheira é de vidro,*  
Apertada na mão *esgaça,*  
Tambem tu, minha menina,  
E' como a pêra cabaça.  
(D.)
- 2783 *A murtinheira me disse*  
Que eu que havia de ir á lenha,  
Vae-te embora, murtinheira,  
Que eu tenho quem me mantenha.  
(D.)
- 2784 *A murtinheira me disse*  
Que eu que havia de ir com ella,  
Vae-te embora, murtinheira,  
Que eu não vou á tua terra.  
(D.)
- 2785 *O' povo de S. Vicente,*  
Cercado de *piornaes,*  
Onde vae o meu amor  
Dar os seus sentidos ais.  
(A.)
- 2786 *Muito bem parece a pita*  
Lá ao pé da minha aldeia ;  
Já tenho uma mais bonita  
Não te quero a ti, que és feia.  
(A.)

2787 Algum dia, n'esta rua,  
Havia aqui 'ma roseira,  
Onde os meus olhos paravam,  
Agora vão de carreira.  
(A.)

2788 Minha bella rapariga,  
Já por lá eu não dou voltas,  
Já cortaram a roseira  
Que tinhas ás tuas portas.  
(A.)

2789 Ai, Jesus! que eu já não vou  
Ao castello dar a volta,  
Já cortaram *na* roseira  
Que o meu amor tinha á porta.  
(A.)

2790 Chamaes-me trigueirinha,  
Isto é do pó da eira,  
Has de me vêr ao domingo.  
Como a rosa na roseira.  
(T. M.)

2791 Chamaste-me trigueirinha,  
Isto é do pó do pão,  
Tu me verás no domingo  
Como a rosa em botão.  
(A.)

2792 Chamaste-me trigueirinha,  
Isto é do pó da estrada,  
Lá me verás no domingo -  
Como a rosa encarnada.  
(A.)

2793 Chamaste-me triste, triste,  
Triste sou ás sextas-feiras,  
Lá me verás no domingo  
Como a rosa na rōseira.

(A.)

2794 Não vi roseira sem picos,  
Nem craveiro sem botões,  
Nem casamentos sem ditos,  
Nem a morte sem paixões.

(A.)

2795 Dizes que as minhas mãos picam,  
Ao pé das tuas, mimosas,  
Tambem as roseiras picam  
A quem vae colher as rosas.

(A.)

2696 Adeus, ó quinta do Poço,  
Adeus, ó casa cimeira ;  
Hei de cortar uma rosa  
Sem pôr a mão na roseira.

(B. A.)

2797 Não posso, amor, não posso,  
Não posso, antes que queira,  
Não posso tirar a rosa  
Sem bolir na roseira.

(D.)

2798 A roseira com a rosa  
Toda se humilha ao chão,  
Quando se a rosa humilha,  
Que fará meu coração.

(B. B.)



2799 **Bella rua da Cadeia,  
E' rua como as demais,  
Tem no centro uma roseira  
Com quatro rosas eguaes.**

(A)

2800 **Das plantas do meu quintal  
A mais linda é a roseira;  
Por muitas m'ninas que eu ame,  
Nunca me esquece a primeira.**

(A)

2801 **Que lindo botão de rosa  
Aquella roseira tem,  
Quem me déra possui-a  
P'ra off'recer ao meu bem.**

(A)

2802 **Eu tenho no *mê* quintal  
Sete vasos com *rosêras*,  
Que teem sido invejados  
P'las raparigas *soltêras*.**

(A.)

2803 **Foi-se a rosa da roseira,  
Fechou-se a porta ao jardim;  
Raparigas d'este tempo  
Já se não lembram de mim.**

(A.)

2804 ***Nan* me chegues á roseira,  
*Nan* me colhas os botões,  
*Nan* me *précures* riqueza,  
*Précura* me gerações.**

(A.)

2805 Hei-de-me ir a esconder  
N'uma roseira d'armar;  
Se me não levas ao geito,  
A' força não sei amar.

(A.)

2806 Hei-de-me ir a esconder  
N'uma roseira d'armar;  
De todos me hei-de esquecer,  
Só de ti me hei-de lembrar.

(A.)

2807 Quando a roseira dér cravos,  
E a craveira dér rosinhas,  
Só então se encontrarão  
As tuas penas co'as minhas.

(A.)

2808 Se o rosmaninho é somno,  
Quem tem somno vae dormir,  
Eu tenho somno e não durmo,  
Meu amor, p'ra te assistir.

(A.)

2809 Fui ao campo colher flôres,  
Colhi rosmaninho aos molhos;  
Ao amor fóra da terra  
Não se lhe póde pôr olhos.

(A.)

2810 Os primeir's amor's que eu tive,  
Mandei-os ó rosmaninho,  
Estes que eu agora tenho  
Levam o mesmo caminho.

(A.)

- 2811 O rosmano no outeiro  
Mesmo parece um jardim;  
Eu a ti não te aborreço,  
Tu aborreces-me a mim.  
(A.)
- 2812 Lá a salsa brava tem  
Repartimento na folha;  
Tenho dito ao meu amor:  
Emquanto ha duas ha escolha.  
(A.)
- 2813 Salsa da beira do rio  
Quem te comer morrerá;  
Quem falar p'r'o meu amor  
Pouca vergonha terá.  
(D.)
- 2814 Salsa da beira do rio,  
De mimosa, cae-lhe a folha;  
Tenho um amor bem bonito,  
Se não houver quem m'o tolha.  
(D.)
- 2815 A salsa d'alem do rio  
Grande conselho me deu:  
Que não tivesse amor firme  
Sem o sujeito ser meu.  
(T. M.)
- 2816 Semei salsa no rio,  
Hortelã na outra banda;  
Não se pódem ter amores  
Da sorte em que o mundo anda.  
(ALG)

2817 Salsa verde é lealdade,  
 Bem leal te tenho sido,  
 Hei-de sel-o até á morte,  
 Meu amor, para contigo.

(A.)

2818 Semei a salsa verde  
 Entre as portas da igreja;  
 Não ha mulher com ventura,  
 Nem homem que leal seja.

(A.)

2819 Semei a salsa verde  
 Nos escuros pinheiraes;  
 Cuidando que me esquecias,  
 Cada vez me lembrás mais.

(B. A.)

2820 Semei salsa no campo,  
 Logo m'a foram tirar;  
 Mais vale um bom desengano,  
 Que prometter e faltar.

(A.)

2821 A salsa vende-se aos molhos,  
 O alecrim ás mãos cheias;  
 Tanto custaram a Deus  
 As bonitas, como as feias.

(A.)

2822 A salsa subiu ao muro,  
 Por ser a mais diligente;  
 Menina que anda d'amores  
 Quanto mais jura mais mente.

(A.)

- 2823 Salsa verde melindrosa,  
Tem os bicos como a renda ;  
Estes mocinhos d'agora  
Já não ha quem os entenda.  
(A.)
- 2824 Tiraram-me o meu rapaz  
Visinhas d'ó pé da porta,  
Queira Deus lhe dure tanto  
Como a salsinha na horta.  
(A)
- 2825 A salsa verde é gostosa,  
Eu muito gosto de ti,  
Quando eu deixar de te amar  
Dize amor que eu morri.  
(D.)
- 2826 A' salsa da minha horta  
Hei-de-lhe cortar os bicos ;  
Assim eu picasse os olhos  
A quem anda com mex'ricos.  
(A.)
- 2827 A salsa subiu ao alto,  
A hortelã vem de volta ;  
Tomar amores não custa,  
Deixal-os pouco me importa  
(A.)
- 2828 Salsa verde é melindrosa,  
E nasce pelas paredes,  
Tambem eu tenho melindres  
Com o meu amor, ás vezes.  
(A.)

- 2829 Salsa verde na parede,  
Tem a folha retorcida ;  
Retorcida tenha a lingua  
Quem falar na minha vida.  
(A.)
- 2830 Salsa verde na parede,  
Tem uma grande apparencia ;  
Muita amizade se perde  
Por falta de diligencia.  
(A.)
- 2831 Salsa verde na parede,  
Murta fica ao desengano ;  
Mais prende o amor n'um dia,  
Que a justiça em todo o anno.  
(A.)
- 2832 Salsa verde na parede,  
Dá-lhe o vento, torce, torce ;  
Quem espera o seu amor,  
Ou lhe escarra, ou lhe tosse.  
(A.)
- 2833 Dizei o que significa,  
Que vem a significar,  
A salsa pelas paredes  
Sem a ninguem semear.  
(D.)
- 2834 O gosto que tem a salsa,  
Meus olhos tem em te vêr,  
Trago-te no centro d'alma,  
Não me pódes esquecer.  
(D.)

- 2835 Tenho uns sapatos de couve  
E com solinhas *d'alfaça*,  
Debruados de coentros,  
E os cordõesinhos de salsa.  
(A.)
- 2836 Os olhos da minha amada  
São da côr da verde salsa,  
Todos dizem são bonitos,  
Mas são sempre de má raça.  
(A.)
- 2837 Semeei salsa n'um vaso,  
Nasceu-me pelas paredes ;  
Quem escuta de si ouve,  
Assim me acontece ás vezes.  
(A.)
- 2838 A salsa, para ser salsa,  
Deve estar no meio da horta ;  
O amor para ser firme,  
Deve estar longe da porta.  
(A.)
- 2839 Salsa verde á minha porta  
Qualquer folhinha tempera ;  
Val' mais um amor de fóra,  
Que tres ou quatro da terra.  
(A.)
- 2840 Salsa verde é *letrèia*  
São palavras em latim ;  
Deus me deu no *cante* idéia  
Para te falar assim.  
(A.)

2841 A salsa pelos outeiros  
Alastra quanto ella quer,  
E' como o moço solteiro  
Em quanto não tem mulher.  
(A.)

2842 A salsa subiu ao monte,  
A hort'lã na baixa fica ;  
Não sei como é meu bem,  
Não mata, mas mortifica.  
(A.)

2843 A salsa subiu ao monte,  
Hortelã ficou na nora ;  
*Munta* falta tem d'amores,  
Que de um primo se namora.  
(A.)

2844 A salsa da minha horta  
*Arrebenta* por o pé,  
Assim arrebente' os olhos  
De quem diz o que não é.  
(T. M.)

2845 Salsa verde na parede,  
Dá-lhe o vento, torce o pé,  
Assim hei torcer a lingua  
A quem fala o que não é.  
(A.)

2846 A salsa da minha horta  
*Arrebenta* por crescer,  
Assim arrebente' os olhos  
De quem me não puder *ber*.  
(T. M.)



2847 A salsa do meu quintal  
Arrebenta sem chover,  
Assim rebentem os olhos  
A quem não me puder vêr.

(A.)

2848 A salsa é para o peixe,  
Para o fastio, limão,  
E para as môças bonitas  
O meu terno coração.

(A.)

2849 Semeei no meu quintal  
Salsa, e nasceram goivos;  
Hoje somos namorados,  
A'manhã seremos noivos.

(A.)

2850 Eu nasci d'um pé de salsa,  
Uma alface me criou,  
Um morango foi meu pae,  
Um rabano me chrisinou.

(A.)

2851 A porta da minha sogra  
'Stá tinta de verde salsa,  
Se o seu filho me fôr firme,  
Eu nunca lhe serêi falsa.

(A.)

2852 O azeite é para a açorda,  
A salsa é para o peixe;  
Chegue cá, se lhe convem,  
Se lhe não sirvo, então deixe.

(A.)

2853 A salsa é para o peixe,  
Que nasce pelas paredes,  
Os coentros para a açorda,  
Que é comida dos maltezes.

(A.)

2854 Se a salsa é para o peixe,  
E a hortelã para a couve,  
As moças são para os moços,  
E as velhas para o açougue.

(A.)

2855 A salsa é para o peixe,  
A hortelã para a carne,  
Os homens para a mentira,  
A mulher para a verdade.

(A.)

2856 Apareça, não se esconda,  
Que eu bem a vi á janella,  
Colhendo salsinha verde  
Para metter na panella.

(A.)

2857 Ailé, ailé,  
Salsa verde aos molhos,  
Por amor de ti  
Choram os meus olhos.

(A.)

2858 Lá na minha horta  
'Stá a verde salsa;  
O meu bem é firme,  
Eu é que sou falsa.

(A.)

- 2859 Ailé,  
Na salsa-parrilha,  
Gosto da mãe  
Por causa da filha.  
(A.)
- 2860 Já lá vem a salva abaixo  
Regando o pé á açucena;  
Isto de quem tem amores  
Qualquer coisa lhe dá pena;  
(A.)
- 2861 Qualquer coisa lhe dá pens,  
Qualquer coisa lhe dá paixão;  
Já lá vae a salva abaixo,  
Regando o pé ao chorão.  
(A.)
- 2862 O serpão é miudinho,  
*Crêce* no meio do souto;  
Quem entende por *açano*  
Não diga que *save* pouco.  
(M.)
- 2863 Quem quizer que a silva cresça  
Plante-a na palma da mão,  
Vae crescendo, vae deitando  
Enleios ao coração.  
(A.)
- 2864 Quem quizer que a silva cresça  
Ponha-a na palma da mão,  
Vae crescendo, vae deitando  
Raminhos até ao chão.  
(A.)

2865 Quem quizer que a silva cresça  
Ponha-a no alto vallado;  
Quem quizer o amor firme  
Traga-o no peito fechado.

(A.)

2866 Quem quizer que a silva cresça  
Ponha-a no alto *vellado*;  
Quem quizer ter amor firme  
Traga-o *escandelisado*.

(A.)

2867 Por muito que a silva cresça  
Ao céu não ha-de chegar;  
Por mais amor's que me queiram,  
A ti não te hei de deixar.

(A.)

2868 Silva verde, pica, pica,  
Inda a secca pica mais;  
Por causa das tuas teimas  
Dou eu suspiros e ais.

(A.)

2869 Silva verde, pica muito,  
Inda a secca pica mais;  
Quem dá filhas a marotos  
Sempre fica dando ais.

(A.)

2870 Uma silva, duas silvas,  
Faz uma balsa fechada,  
Uma pica, outra arranha,  
Com silvas não quero nada.

(A.)

2871 A silva que nasce em casa  
Logo chega á *cantarêra*;  
Busque *mê* pae quem *no* sirva,  
Que eu já tenho quem me *quêra*.

(A.)

2872 A silva que nasce em casa  
Vae bater á cantareira,  
A môça casada, alegre,  
Sempre parece solteira.

(A.)

2873 Dizes que *nan* póde ser  
Uma silva dar um cravo,  
Aqui me tendes, menina,  
Na mesma silva criado.

(A.)

2874 Dizeis que não póde ser  
Silva verde dar um cravo,  
Aqui o trago no peito,  
Creado no monte bravo.

(B. A.)

2875 Dizes que não póde ser  
De um cravo nascer 'ma silva,  
Aqui a tens a criar-se  
Do mesmo cravo nascida.

(A.)

2876 Dizes que não póde ser  
Silva verde dar amoras,  
E eu tenho á minha porta  
Um bacalhau que dá horas.

(A.)

2877 A silva é prendediça,  
Prende no pé e na ponta,  
Tambem os meus olhos prendem  
Onde lhe faz melhor conta.

(M.)

2878 A silva é prendediça,  
Prende na terra lavrada,  
Tambem os meus olhos prendem  
Na parte mais delicada.

(M.)

2879 Já nascem silvas no adro,  
Já não veem passeadores,  
Já ninguém vem por aqui  
Passear os meus amores.

(A.)

2880 Já o adro cria silvas,  
Já não ha passeadores,  
Já morreram os rapazes,  
Já não ha quem tenha amores.

(D.)

2881 Nunca ví a silva verde  
No telhado da igreja,  
Nem homem com lealdade,  
Nem mulher que falsa seja.

(A.)

2882 Ha silvas que dão amoras,  
Ha outras que não nas dão;  
Ha amor's que são leaes,  
Ha outros que não no são.

(A.)

2883 Quem me déra ser a silva,  
Pela parede a subir,  
Ia falar-te á janella  
Do teu quarto de dormir.  
(E.)

2884 A silva subiu ao alto,  
Por ser a mais diligente;  
Como queres que te eu ame,  
Se não quer a tua gente.  
(A.)

2885 A silva que a mim me prende  
Da tua janella nasce,  
Nunca a silva me prendeu  
Que eu d'ella me não vingasse.  
(A.)

2886 Tanta silva, tanta silva,  
Tanta silva, tanta amora,  
Tanta menina bonita,  
E meu pae sem ter 'ma nora!  
(A.)

2887 O' silva, verde grilhão,  
'Stás ás flôres enleadinha;  
Dentro do meu coração  
'Stá o fél d'uma pombinha.  
(A.)

2888 Não cortes a silva verde,  
Que é o enleio da janella,  
E' a escada do amor,  
Que sobe e desce por ella.  
(A.)

2889 O meu amor me pediu  
Firmeza e mais firmeza;  
Eu não sou silva que prenda  
Com essa delicadeza.

(A.)

2890 Eu sou a silva que tapa  
O portal ao teu jardim;  
Que rodeios lhe hás-de dar,  
Se nasceste para mim.

(A.)

2891 Silva verde delicada,  
Chega-te a mim, faz encosto;  
Que importa que o mundo fale,  
Sendo o amor a meu gosto.

(A.)

2892 A horta do meu amor,  
Toda á roda tem silvado;  
Ninguém tem cá que estranhar  
De eu usar lenço encarnado.

(A.)

2893 A' porta da minha sogra,  
'Stá 'ma silveira amarella,  
Todos passam, não se prendem,  
Só logo eu me preendi n'ella.

(A.)

2894 O rouxinol quando canta  
Mette o rabo na silveira;  
Coitadinha da viuva  
Que não acha quem a queira.

(A.)



- 2895 Canta o pardal no loureiro,  
O rouxinol na silveira,  
Os padres cantam no coro,  
Rogam a Deus por dinheiro.  
(D.)
- 2896 O trevo é rei das hervas,  
A murta rei dos murtaes;  
Meu amor, se te reservas,  
Cada vez te quero mais.  
(A.)
- 2897 O trevo diz que se atreve  
A apartar corações,  
Não ha de apartar os nossos,  
Que estão presos com grilhões.  
(A.)
- 2898 O trevo diz que se atreve  
A trazer amor's ausentes,  
Eu não sou trevo, e me atrevo  
A tomar amor's p'ra sempre.  
(A.)
- 2899 O trevo diz que se atreve  
A roubar-me o meu amor,  
Vê que fazes, atrevido,  
Olha que eu sou regedor.  
(A.)
- 2900 O trevo diz que se atreve  
A cheirar como as mais flores,  
Eu sem ser trevo me atrevo  
A falar contigo, amor.  
(A.)

2901 O trevo diz que se atreve  
A enlear-se pelo trigo,  
Eu sem ser trevo *m'astrevo*  
Amor, a falar comtigo.  
(A.)

2902 Se atrevido é o trevo,  
Que nasce no meio do trigo,  
Eu não sou trevo, e me atrevo  
A tomar amor's comtigo.  
(A.)

2903 Entre o trevo nasce o trevo,  
Entre o trevo *felorido*,  
Entre o trevo não me atrevo  
A tomar amor's comtigo.  
(D.)

2904 Entre o trevo nasce o trevo,  
E entre o trevo florinhas,  
Nas faces d'esse teu rosto  
Mangericão miudinho.  
(D.)

2905 Fui á horta colher trevo,  
Achei o trevo colhido,  
Sim me atrevo, não me atrevo  
A tomar amor's comtigo.  
(A.)

2906 Dá-me um raminho de trevo  
Para pôr no meu chapéu ;  
Os olhos de meu amor  
São duas 'strellas do ceu.  
(A.)

2907 Os dedos das minhas mãos  
São cinco espigas de trigo;  
A amisade não te a perco,  
P'la minha bocca t'o digo.

(A.)

2908 Raparigas não se enlevem  
Em rapaz que pisca o olho;  
Por cima ceifa-se o trigo,  
Por baixo fica o restolho.

(A.)

2909 Quem não semeia não colhe,  
Não colh' não póde ganhar,  
Quem não deita trigo á terra  
Todo o anno anda a berrar.

(A.)

2910 Hei-de-me casar este anno,  
Que está o trigo barato,  
Minha sogra dá-me um moio,  
E minha cunhada um sacco.

(A.)

2911 Hei-de-me casar este anno,  
Que é anno de muito trigo,  
Minha sogra dá-me um moio,  
Mais o paspalhão do filho.

(A.)

2912 Hei-de-me casar este anno,  
Este anno é que ha-de ser,  
Já o trigo está na eira  
E o noivo para nascer.

(A.)

2913 Hei-de-me casar este anno,  
Que está o trigo barato,  
Minha mulher leva um porco,  
E eu levo um cão e um gato.  
(A.)

2914 Este anno ha muito trigo,  
Deus o abaratará;  
Tambem o meu amor comigo  
Depressa se ajuntará.  
(A.)

2915 Eu não caso com viuvo,  
Nem que elle a trigo me cheire,  
Que já sabe na semana  
Quantos pães dá um alqueire.  
(A.)

2916 Semei trigo n'um valle,  
Perdeu-se, nasceu centeio;  
Que lhe importa a cada qual  
Moitas em *alquéve* alheio.  
(A.)

2917 Eu sou como o trigo em maio  
Quando começa a lour'jar,  
Em qualquer engano cáio  
Por muito me acautelar.  
(A.)

2918 Eu sou como o trigo em maio  
Ceifado no S. João;  
Em qualquer engano cáio  
Feito pela tua mão.  
(A.)

- 2919 O bom trigo é o que estala  
Quando se lhe mette a foice ;  
Quem não tem bocca é que fala,  
Quem não tem pé que dá coice.  
(A.)
- 2920 A folha do trigo verde  
O' será ceifada ó não ;  
Eu quero-te bem deveras,  
Amor do meu coração.  
(A.)
- 2921 A espiga do trigo verde  
Não é como a da cevada ;  
A minha amizade, amor,  
Ao pé da tua é dobrada.  
(A.)
- 2922 Mandas-te-me uma saudade  
Dentro d'um bago de trigo,  
Não queres que ninguem saiba  
Que ando d'amores comtigo.  
(A.)
- 2923 Hei de peneirar o pó  
Da farinha do tremez ;  
Meu amor, se me és leal,  
Aqui me tens outra vez.  
(A.)
- 2924 Ailé,  
D'aqui a um mez,  
Vou-lhe largar fogo  
A todo o tremez.  
(M.)

2925 Amarello, verde tôjo,  
Do tôjo nasce a sciencia ;  
Quem ateima sempre vence,  
Amor faz-lhe a diligencia.  
(A.)

2926 Eu sou como o verde tojo  
Que me visto d'amarello ;  
Eu bem sei que te faz mal  
O muito bem que te quero.  
(A.)

2927 O bem que eu te quiz e quero,  
E te tenho p'ra querer,  
Cabe na folha d'um tojo,  
E mais não a ha de encher.  
(A.)

2928 Encontrei o meu amor  
De ponta redonda ao tojo ;  
'Té agora me agradaste,  
Agora mettes-me nojo.  
(D.)

2929 O meu amor não me fala,  
A' 'spera que lhe fale eu,  
Quando o trovisco fôr doce  
Então lhe falarei eu.  
(D.)

2930 Ailé,  
Folha do trovisco,  
O meu lindo amor  
Chama-se Francisco.  
(A.)

2931 Bem podia a trovisqueira  
Ser doce e não amargar ;  
Bem podia o meu amor  
Ser firme e não me faltar.

(A.)

2932 Hei de amar a trovisqueira  
Que é herva de mau sabor ;  
Quem de mim perde a cegueira  
Nunca mais lhe tenho amor.

(A.)

2933 Chamaste-me trovisquinho,  
Herva de tão mau sabor,  
Quem me trovisquinho chama  
Já me perdeu o amor.

(D.)

2934 Debaixo da «trubisqueira»  
Saiu uma perdiz cantando,  
Deixemos falar quem fala,  
Que é mundo, «bamos» andando.

(T. M.)

2935 Eu hei de amar o valverde,  
Em quanto tiver verdura,  
Hei de amar a quem quizer,  
Com ninguem fiz escriptura.

(A.)

2936 Eu hei de amar o valverde,  
Deixar o 'scuro traidor,  
Hei de amar quem eu quizer,  
Não te devo nada, amor.

(D.)

2937 O' valverde, ó valverde,  
O' valverde ladrão,  
Que *roubastes* a menina  
N'esta mesma occasião.  
(A.)

2938 Inda que eu viva mais annos  
Do que folhas tem o vime,  
Não me acharás demudada,  
Antes cada vez mais firme.  
(A.)

2939 Não corteis a vide branca,  
Que *assobe* pela janella,  
São as escadas do amor  
Que *assobe e dece* por ella.  
(M.)

2940 O' videira, dá-me um cacho,  
O' cacho, dá-me um baguinho,  
O' m'nina, dê-me um abraço,  
Que eu lhe darei um beijinho.  
(A.)

2941 Não te encostes á videira  
Que a videira deita pó,  
Encosta-te á minha cama,  
Sou solteira e vivo só.  
(A.)

2942 Se cortares a videira  
Dá-me d'ella uma verdasca;  
Para o meu entendimento  
Meia palavra me basta.  
(D.)



2943 Apartar por apartar,  
O *cacinho* da videira,  
A mim também me apartaram  
De uma menina solteira.

(M.)

2944 Da terra sahe a videira,  
Sahe da videira as uvas;  
As solteiras dão casadas,  
E as casadas dão viuvas.

(A.)

2945 Pela folha da videira  
Conheço a da latada,  
Faço-me desentendida,  
A mim não me escapa nada.

(D.)

2946 Pela parra bem conheço  
O vidonho da latada;  
Faça-me eu desentendida,  
Que a mim não me escapa nada.

(A.)

2947 Não córtes o cacho verde  
Da videira cerceal;  
Não contes os teus segredos  
A quem te não fôr leal.

(D.)

2948 Não colhas o cacho verde  
Da parreirinha ferral;  
Não tomes outros amores  
Emquanto te eu fôr leal.

(A.)

2949 Não me importa que desparrem  
Vinha que eu já vindimei,  
Se eu já lhe colhi as uvas,  
Agora as parras p'ra quê?

(A.)

2950 Não se me dá que vindimes  
Vinha que eu já vindimei,  
Não se me dá de que logres  
Carinhos que eu já logrei.

(A.)

2951 Adeus chão que foste vinha,  
E agora estás de bacello;  
Se a inveja fôra tinha,  
Já tu não tinhas cabelo.

(A.)

2952 Isto do mundo é 'ma vinha,  
Cada cepa é um christão,  
Vem a morte faz vindima,  
Não procura geração.

(A.)

2953 O vinho é coisa santa,  
Que nasce da cepa torta,  
A uns faz perder o tino  
E a outros errar a porta.

(D.)

2954 Adeus serra do Carvalho,  
Quem tem cepa faz carvão;  
Quem amassa sem fermento  
Não se lhe leveda o pão.

(A.)

2955 A folha da parra é triste,  
De noite mette terror;  
Já que me puzeste em fama  
Não me percas o amor.

(A.)

2956 O' parreira dá-me um cacho,  
O' cacho dá-me um baguinho,  
Cacho verde é amargoso,  
Dá-m'o tu já madurinho.

(A.)

2957 A parreira só dá uvas  
Quando tem bom tratamento;  
O amor só dá esp'ranças  
Quando chega o casamento.

(A.)

2958 O' relógio que das horas,  
O' parreira que das cachos,  
O' silva que das amoras,  
E os amores dão cabaços.

(A.)

2959 As parreiras deitam parras,  
Ficam viradas com uvas;  
Os rapazes vão p'ra tropa,  
Ficam as moças viúvas.

(A.)

2960 Tu tens a parreira á porta,  
Não a sabes lagartar,  
Tens os teus amor's defronte,  
Não os sabes namorar.

(A.)

2961 A parreira tem mil braços,  
Mil grilhões com que se prende;  
Não diga que sabe pouco  
Quem do amor se defende.

(E.)

2962 A' porta da minha sogra  
'Stá uma parreira em ser;  
Quem não apparece esquece,  
Tambem eu hei-de esquecer.

(A.)

2963 Oh arvoredado fechado,  
Não digas que eu aqui vim,  
Não quero que meu amor tenha  
Cartas, nem novas, de mim.

(D.)

2964 Não vi arv're sem raiz  
Estar do chão levantada;  
Isso é manha d'apprendiz  
Não deixar obra acabada.

(A.)

2965 O meu coração é arvoredado  
Onde se enxertam amores.  
Quem vem tardê leva a rama,  
Quem vem cedo leva as flores.

(A.)

2966 Nem toda a arv're dá fructo,  
Nem toda a herba dá flor,  
Nem toda a mulher bonita  
Póde dar constante amor.

(A.)

2967 A arv're p'ra dar bom fructo  
Deve ser de enxertia;  
A mulher para ser firme,  
Deve-se chamar Maria.

(A.)

2968 Eu subi ao acypreste  
Colher um lenço de fructa,  
Para offer'cer a quem me ouve,  
E repartir com quem 'scuta.

(A.)

2969 Eu subi ao acypreste,  
Ia no meio d'el', cahi,  
Pois se o acypreste é morte,  
Eu para morrer nasci.

(A.)

2970 «Assubi» ao acypreste,  
Cheguei ao meio, cahi,  
Oh! cypreste das mortalhas,  
Tinha que morrer, morri.

(T. M.)

2971 Quem acode ao acypreste,  
Que se parte pelo meio?  
Muitas coisas não se fazem  
Por causa dos *arreceios*.

(A.)

2972 Acudam ó acypreste,  
Que se faz em bocadinhos;  
Quem acode ó meu amor  
Que m'o matam com beijinhos.

(A.)

- 2973 O acypreste sóbe ao alto,  
Mangerona no pé fica ;  
Não sei que olhar é o teu,  
Que tanto me mortifica.  
(A.)
- 2974 Acypreste, verde, triste,  
Cofre da minha figura,  
Verde, qual minha esperança,  
Triste, qual minha ventura.  
(A.)
- 2975 Mandaste-me o desengano  
Na folha do acypreste ;  
De te amar ha tanto anno  
Foi a paga que me déste.  
(A.)
- 2976 Cypreste não se sêmeia,  
Da mesma verdura nasce ;  
Amor firme não se muda,  
Por mais tormentos que passe.  
(A.)
- 2977 O' morte, tyranna morte,  
Grande destroço fizeste,  
Tu levaste a minha amada  
P'r'ó alto do acypreste.  
(A.)
- 2978 A folha do acypreste  
A' mesa d'el rei chegou ;  
Tu por mim aqui vieste,  
Eu por ti é que aqui 'stou.  
(A.)

- 2979 Na rua nova do Porto  
Nasceram dois acyprestes;  
Se eu dei conversa a outro,  
A culpa tu a tiveste.  
(A.)
- 2980 Oh acypreste dos *vaes*,  
Retiro dos passarinhos;  
Tambem vivo retirada,  
Saudosa dos teus beijinhos.  
(A.)
- 2981 Acypreste, rei dos valles,  
Abrigo dos passarinhos;  
A quem déstes os abraços  
Vae tambem dar os beijinhos.  
(B. B.)
- 2982 A maçã do acypreste  
E' dôce, na casca amarga,  
E' como o amor dos homens,  
Tanto péga como larga.  
(B. B.)
- 2983 A maçã do acypreste  
De verde não faz talhada;  
Quem souber do meu amor,  
Cale se, não diga nada.  
(A.)
- 2984 Adeus, adeus, Carrazêda,  
Rodeada de alamos brancos,  
Onde o meu amor passeia  
Domingos e dias santos.  
(T. M.)

2985 A folha do *alimo* vira,  
Eu inda me não virei ;  
Oh meu amor não me deixes,  
Que eu inda te não deixei.

(A.)

2986 Eu subi á amendoeira,  
Puz o pé na alta rama,  
Para vêr os travesseiros  
Que a menina tem na cama.

(A.)

2987 Eu subi á amendoeira,  
Puz o pé na alta guia ;  
Ai de mim ! que estou ausente  
Do amor a quem eu queria.

(A.)

2988 A folha da amendoeira,  
Tem biquinhos como a renda ;  
Diga-me, ó minha menina,  
Para quem 'stá de encomenda.

(B. B.)

2989 A folha da amendoeira,  
De amarella encarnou ;  
Estavas p'ra mim tão firme,  
Diz-me, amor, quem te voltou ?

(A.)

2990 Fui-me ao alto do castello  
Para vêr o meu amor ;  
Ao ramo da amendoeira  
Já lhe vae caíndo a flor.

(A.)



- 2991 Atirei ao negro melro  
Debaixo do amieiro,  
E primeiro que o caçasse  
Levou me um anno inteiro.  
(D.)
- 2992 Chamaes á amoreira triste,  
Porque razão lh'o chamaes ?  
A amoreira cria o sirgo  
Com que vós vos asseaes.  
(T. M.)
- 2993 Adeus 'moreira da praça,  
Que te hei-de mandar cortar,  
Que me encobres os acenos  
Que ao meu amor quero dar.  
(A.)
- 2994 Debaixo da amoreira  
Meu amor 'stava chorando,  
Encostado a 'ma rozeira  
Dando ais de quando em quando.  
(A.)
- 2995 Eu subi á amoreira,  
Puz o pé na alta folha ;  
Se tens muito quem te queira,  
Eu tenho muito onde escolha.  
(A.)
- 2996 O' amoreira do Caes  
Dai-me uma amora madura,  
Quero dal-a ao meu amor,  
Que anda de má catadura.  
(D.)

- 2997 O' amoreira do adro  
Deita-me cá uma amóra,  
Que me quero ausentar  
D'esta terra para fóra.  
(T. M.)
- 2998 Sou filhote de Fronteira,  
Baptisado no *Pedrão*,  
Sou como o pau d'aroeira :  
Torcer sim, mas quebrar não.  
(A.)
- 2999 Bago d'aroeira,  
Murtinho maduro,  
Já não ha quem tenha  
Seu amor seguro.  
(A.)
- 3000 Bago d'aroeira,  
Murtinho murtal,  
Já não ha quem tenha  
Seu amor leal  
(A.)
- 3001 Quem me déra adivinhar  
Qual era a azinheira dôce,  
Não lhe havia de deixar  
Um só raminho que fosse.  
(A.)
- 3002 O carapeteiro é triste,  
Alegre quando tem flôr ;  
Alegre quem te lograr,  
Triste de mim, se eu não fôr.  
(A.)

3003 Deixa vir o mez de maio,  
Que o carapeto arrebente,  
Então tomarei amores  
Outra vez de novamente.

(A.)

3004 A *felor* do carapeto  
Mais ao longe vista faz ;  
Se me não levas por geito  
Por força não és capaz.

(M.)

3005 Carvalhos, que daes bugalhos,  
Porque não daes cousa boa?  
Cada um dá o que tem,  
Conforme a sua pessoa.

(M.)

3006 O carvalho é pau torto,  
Não dá madeira direita,  
E' como a moça solteira  
Que não dá a cama feita.

(D.)

3007 Castanheiro sem ouriços  
Que castanha póde dar?  
Homem pobre, sem dinheiro,  
Que amores póde tomar?

(B. A.)

3008 A folha do castanheiro  
Tem biquinhos como a renda ;  
Se a fazenda é um dote,  
A mulher é uma prenda.

(A.)

- 3009 A folha do castanheiro  
Tem biquinhos como as rendas,  
Quem tem a mulher bonita  
Não póde ter melhor prenda.  
(D.)
- 3010 Eu subi ao castanheiro,  
A colher uma castanha;  
Dizes que me não quer's bem,  
Ai! que mentira tamanha.  
(A.)
- 3011 Na aldeia de Santa Eulália  
Tem meu pae um castanheiro,  
Que dá castanhas em maio,  
Cravos roxos em janeiro.  
(A.)
- 3012 Castanheiro dá castanhas,  
Castanheiro dá só uma,  
Para dar ao meu amor  
Que ainda não comeu nenhuma.  
(B. A.)
- 3013 Quem quer castanhas que trepe,  
Acima do *castanhêro*;  
Quem quizer lograr a moça  
Traga a bolsa com *dinhêro*.  
(A.)
- 3014 Eu subi ao triste cedro,  
Corri-o de nó a nó;  
Ai, tu dormes com quem queres,  
Eu durmo comtigo só.  
(A.)

3015 Eu subi ao triste cedro,  
Puz a mão na lealdade;  
Arrisquei a minha vida,  
Por te fazer a vontade.

(A.)

3016 Eu subi ao alto cedro,  
Quem me ha-de agora descer?  
Cahi na pouca fortuna,  
Quem me ha-de agora querer?

(A.)

3017 Vae por 'hi que eu vou por 'qui,  
Encosta-te ao verde cedro;  
Quem tem amores tem zelos,  
Que eu por mim me considero.

(M.)

3018 Debaixo d'um triste cedro  
Por meu bem ouvi bradar,  
E' a morte que me chama,  
Adeus que eu vou acabar.

(A.)

3019 No tronco do triste cedro  
O meu nome escripto deixo;  
Se eu morrer d'uma paixão  
De ti só é que me queixo.

(A.)

3020 Subi a cima ó chaparro  
A colher vinte fueiros;  
As cantigas que tu cantas  
Inda cheiram a cueiros.

(A.)

- 3021 O chaparro de hombordo,  
Ao largo deita a raiz,  
Eu não sou pardal, nem tordo,  
Que cáia n'essa aboiç.  
(A.)
- 3022 Eu encontrei a donzella  
N'um raminho de chorão;  
O' moças, haja cautela  
De falar á mangação.  
(A.)
- 3023 Adeus, adeus, Penedôno,  
Tendes no meio um chorão,  
Adeus ó meninas todas,  
Que vos levo no c'ração.  
(T. M.)
- 3024 Mais alto do que o choupo  
E' o amor que te tenho;  
Mais vale o bem que te eu quero,  
Que as vezes que eu aqui venho.  
(D.)
- 3025 Encostei-me ao damasqueiro,  
Deitei damascos em terra:  
Olha que Deus não perdoa  
As calumnias ás donzellas.  
(E.)
- 3026 A folha do *acalistro*  
Ao fim de tempo *demuda*;  
Meu amor, não acredito  
O que muita gente cuida.  
(A.)

3027 Aldeia da Conceição  
Rodeada de *calitos*;  
Converso c'o meu amor,  
Não me importa cá com ditos.  
(A.)

3028 Detraz d'uma triste faia  
Foi-se a minha liberdade;  
Estava vária do sentido  
Quando te fiz a vontade.  
(A.)

3029 Se eu morrer ao pé da faia,  
Enterrem me ao pé do louro;  
O meu amor mais o teu  
Formam dois vasos de ouro.  
(A.)

3030 O' alta faia sombria,  
Se vir's passar o meu bem,  
Diz lhe que já fui amada,  
Mas não lhe digas de quem.  
(A.)

3031 O' altas faias sombrias,  
Recreio dos passarinhos,  
Quem namora sempre alcança  
Ou abraços, ou *bêjinhos*.  
(A.)

3032 A figueira tem mil figos,  
Por cima tem mil enleios,  
Q'ria falar-te, menina,  
Mas tenho meus arreceios.  
(T. M.)

- 3033 A figueira tem tres figos,  
Cada um seu nome tem ;  
Hei-de-me casar este anno,  
Não sei como, nem com quem.  
(A.)
- 3034 Tenbo uma figueira alvar,  
Cada figo tem seu nome ;  
Ando p'ra falar comtigo,  
Não sei quando e nem sonde.  
(A.)
- 3035 Nunca vi figueira branca  
A dar figos verdeaes ;  
Nunca vi homens casados  
Dar as falas que vós daes.  
(A.)
- 3036 O' figueira dá-me um figo,  
O' silva dá-me uma amora,  
O' menina dê-me um beijo,  
Que me quero ir embora.  
(A.)
- 3037 O' figueira dá me um figo,  
O' figo dá-me um abraço,  
Menina dê-me um beijinho,  
Que eu lhe darei um abraço.  
(E.)
- 3038 Hei-de-te escrever 'ma carta,  
N'uma folha de figueira,  
Que te hei-de fazer dar  
Mil voltas á moleira.  
(A.)



- 3039 Da figueira nasce o figo,  
Do figo nasce a sciencia;  
No fino panno cahé nodoa,  
Cahiu em mim, paciencia!  
(A.)
- 3040 Da figueira nasce o figo,  
Do figo nasce a sciencia;  
Quando á vista tu me és falso,  
Que fará na minha ausencia.  
(A.)
- 3041 Da figueira nasce o figo,  
Do figo nasce a sciencia;  
Quem tiver amor's contigo,  
E' mister ter paciencia.  
(A.)
- 3042 Da figueira nasce o figo,  
Do figo nasce a sciencia;  
Quando te eu quiz não quizeste,  
Agora, amor, tem paciencia.  
(A.)
- 3043 Não sei que terra é Figueira,  
Que tão nomeada é,  
Figueira que não dá figos,  
Maldita a graça, José!  
(D.)
- 3044 Olá, olá da Figueira,  
Não me cortes os meus figos,  
Que meu pae os tem guardados  
Para dar aos seus amigos.  
(D.)

- 3045 A mim me chamam Figueira,  
Mais á minha geração,  
E' uma arvore rasteira,  
Que deita fructos no v'rao.  
(A.)
- 3046 Era velha, muito velha,  
Era uma velha gaiteira,  
Até os figos bailavam  
Lá em cima da figueira.  
(A.)
- 3047 Eu subi ó alto freixo  
Contar as folhas que tem ;  
Amor, vive socegado,  
Não te deixo por ninguem.  
(A.)
- 3048 Deixa-me ir, que vou depressa,  
Ao freixo tirar um ninho,  
Que está o freixo quebrando  
Co' o peso do passarinho.  
(A.)
- 3049 O meu amor é do campo,  
E' do campo e é quinteiro,  
Rega o pé ao laranjal,  
A raiz ao limoeiro.  
(A.)
- 3050 Eu já disse á laranjeira  
Que não deixe de dar flôr ;  
Antes que a prima não queira,  
Hei de falar ó amor.  
(A.)

3051 Eu já disse á laranjeira  
Que não deitasse mais flores,  
Que passe ella sem laranjas,  
Como eu passo sem amores.

(A.)

3052 Laranjeira com pé d'oiro  
Tenho eu no meu quintal;  
Não venhas á minha casa  
Se o teu sentido é p'ra mal.

(A.)

3053 Laranjeira com pé d'oiro  
Deita ramos d'algodão;  
Quando nasceram os homens  
Nasceu toda a maldição.

(A.)

3054 Laranjeira com pé d'oiro  
Deita raminhos de prata;  
De vagar se vae ao longe,  
Muito tôlo é quem se mata.

(A.)

3055 Laranjeira do pé d'oiro  
Que dá raminhos de prata;  
Tomar amores não custa,  
O deixal-os é que mata.

(A.)

3056 Abençoada laranjeira,  
Tanta laranja deitou;  
Eu é que fui a primeira  
Que o teu coração logrou.

(A.)

3057 Retira-te laranjeira,  
Deixa passar o meu bem,  
Que lá me dizem vae preso  
Para a cadeia do Trem.

(A)

3058 Encostei-me á laranjeira  
Debaixo do lirio branco;  
O meu amor é-me falso,  
Eu já lhe não quero tanto.

(A.)

3059 Fui um dia a passear  
Com 'ma canninha na mão,  
Encontrei 'ma laranjeira  
Car'gadinha d'algodão.

(A.)

3060 A laranjeira tem picos,  
Eu não sou cega, bem vejo,  
Tenho dois olhos na cara,  
Tenho vista de sobejo.

(A.)

3061 Laranjeira da fortuna,  
Que tanta laranja tem,  
Por baixo ninguem lh'as colhe,  
Arriba não vae ninguem.

(A.)

3062 Quando te eu vi, laranjeira,  
De laranjas carregada,  
Logo meu coração disse:  
Laranjeira desgraçada.

(D.)

3063 Boto a minha despedida  
Por cima da laranjeira;  
Eu sempre a fugir de ti,  
E tu sempre á minha beira.

(M.)

3064 Limoeiro do pé torto  
Deita a raiz p'ra a calçada,  
Quem te colher os limões  
Que te sustente a ramada.

(D)

3065 O limoeiro da calçada  
'Stá secco, não dá limões;  
Já se quebraram os laços  
Dos nossos dois corações.

(A.)

3066 Eu subi ao limoeiro  
Para colher dois limões;  
E' tempo de se juntarem  
Os nossos dois corações.

(A.)

3067 Quando o limoeiro dér uvas  
E a lizeira dér limões,  
Então se hão-de separar  
Nossos leaes corações.

(A.)

3068 Ailé, ailé,  
Loendro, loendro,  
O meu amor é gago,  
Eu bem *no* entendo.

(A.)

3069 O loireiro é retiro,  
Não o quer' na minha horta,  
Que bem retirado anda  
O meu bem da minha porta.  
(A.)

3070 O loireiro é victoria,  
Victoria trago comigo,  
Tenho que te amar, Victoria,  
Passar a vida contigo.  
(A.)

3071 Hei-de subir ao loireiro,  
Ainda que eu perca a vida,  
Só p'ra vêr o meu amor  
Se tem outra mais querida.  
(A.)

3072 Hei-de subir ao loireiro,  
Correl-o de folha em folha,  
Para que saibas, meu bem,  
Que tenho muito onde escolha.  
(A)

3073 Hei-de subir ao loireiro,  
E do loireiro ao telhado,  
Quero vêr a tua cama  
Se tem bello cortinado.  
(B. A.)

3074 Hei-de subir ó loireiro,  
E de lá hei-de clamar :  
Que me deixastes, amor,  
Na maior força d'amar.  
(B. A.)

- 3075 *Assubistes* ao loireiro,  
Regalaste o teu peitinho,  
Agora estás de gaiola,  
Triste de ti, coitadinho.  
(M.)
- 3076 Loireiro, verde loireiro,  
Loireiro da baga branca;  
Como hei-de mostrar carinho  
A quem me mostra carranca?  
(D.)
- 3077 Quando o loireiro dér baga  
E a aroeira diamantes,  
Então deixarei de amar  
Esses teus olhos brilhantes.  
(A.)
- 3078 Atiraste-me co' o lenço  
Entre a rama do loireiro,  
Olha o *diavo* do lenço,  
Que foi teu *alcobiteiro*.  
(M.)
- 3079 Loireiro, verde loireiro,  
A baga é o teu fructo;  
Foste o meu amor primeiro,  
Deixar-te custa-me muito.  
(A.)
- 3080 O' loireiro, ó loireiro,  
O' loireiro ramalhudo,  
Faça o mal quem o fizer,  
O loireiro paga tudo.  
(A.)

- 3081 **Loireirinho vicioso**  
Deita as pontas onde quer,  
E' como o rapaz solteiro  
Emquanto não tem mulher.  
(D.)
- 3082 **O rouxinol no loireiro**  
Canta triste, solitario,  
E' como o moço solteiro,  
Toda a vida ha de ser vário.  
(A.)
- 3083 **A perdiz canta no bosque,**  
O rouxinol no loireiro,  
Os frades cantam no côro,  
Os amantes no terreiro.  
(A.)
- 3084 **O loireiro é temido,**  
E eu não o temo em nada,  
Temo mais a tua lingua  
Qua me dizem que é damnada.  
(M.)
- 3085 **O loireiro é pau preto**  
Que se racha ao correr;  
Amores de homem casado  
E' comer por não morrer.  
(A)
- 3086 **O loireiro é pau verde**  
Que se racha ao correr,  
Cara de tição queimado,  
Lenha de tão mau arder.  
(M.)



3087 O loireiro é pau verde,  
Que nasce pelos quintaes,  
Tambem tu, minha menina,  
E's allivio dos meus ais.

(A)

3088 *Indas* que o loireiro cresça,  
Ao céu não ha-de chegar;  
*Indas* que tenha eu amores  
A ti não te hei-de deixar.

(M)

3089 O loireiro está quebrado,  
Em tres bandas offendido;  
Meu amor amas as duas,  
Para mim já 'stás 'squecido.

(A.)

3090 Não te encostes ao loireiro,  
Que é verde, póde quebrar,  
Encosta-te ao meu peitinho,  
Que te póde regalar.

(M.)

3091 O loireiro bate, bate,  
Que eu bem o sinto bater,  
Com a rama no telhado,  
P'r'ó meu amor entender.

(A.)

3092 Tenho loiro á minha porta  
A' tua está o loireiro;  
Se falas da minha vida,  
Olha para ti primeiro.

(A)

- 3093 A' porta da minha sogra  
Bate o loireiro na areia;  
Tu és a minha prisão,  
Eu sou a tua cadeia.  
(A.)
- 3094 Chega-te atrás, ó loireiro,  
Não assombres a igreja;  
N'está era em que nós estamos  
Ninguém logra o que deseja.  
(D.)
- 3095 Déste-me a beber *triaga*,  
Mais a baga do loireiro,  
Julgando que me matavas,  
Inda morreste primeiro.  
(A.)
- 3096 Déste-me a beber *triaga*.  
Com a baga do loireiro,  
Sabes tu o que me amarga?  
A bolsa não ter dinheiro.  
(A.)
- 3097 Loireiro, verde loireiro,  
Sêcca seja a tua rama;  
Eu era tão pequenina  
Já me q'rias pôr em fama.  
(D.)
- 3098 Loireiro, verde loireiro,  
Quem te poz n'este caminho?  
Todos que passam por ti  
Vão colhendo o seu raminho.  
(A.)

3099 O' meu amor, não disponhas  
Loireiro ao pé de caminho,  
Todos passam, todos colhem  
Do loireiro o seu raminho.

(A.)

3100 Quando o sobreiro dér baga  
E o loireiro dér cortiça,  
Eu te amarei, menina,  
Agora tenho preguiça.

(T. M.)

3101 Oxalá nunca te eu vira,  
Nem minhas falas te eu déra,  
Que te trago enleiado  
Como o loireiro á hera.

(B. A.)

3102 Subi a um marmeleiro  
Para colher 'ma varinha,  
Quem tem o amor carreiro  
Não come senão gallinha.

(A.)

3103 Eu subi ao marmeleiro,  
Corri-o de nó em nó;  
Quem tem o amor carreiro  
Tem paciencia de Job.

(A.)

3104 Arranquei o marmeleiro,  
Debaixo ficou cabouco;  
Serias tu o primeiro  
Que de mim farias pouco.

(A.)

3105 O' noqueira, ó noqueira,  
Que tens as nozes contadas;  
Tenho o meu coração f'rido,  
Todo cheio de facadas.  
(A.)

3106 O' noqueira, ó noqueirinha,  
Cabe-lhe a folha e fica a noz;  
Se me chamaste doidinha,  
Não endoideço por vós.  
(A.)

3107 A noqueira é segredo,  
E o segredo está na noz;  
Vós chamaste-me doidinha,  
E eu endoideci por vós.  
(T. M.)

3108 Subi acima á noqueira  
Deitar as nozes á terra;  
Não ha dinheiro que pague  
A hora de uma donzella.  
(A.)

3109 Oliveiras, oliveiras,  
Para mim são olivães;  
Adeus, meu amor, adeus,  
Adeus para nunca mais.  
(A.)

3110 Oliveiras, oliveiras,  
Ao longe são olivães,  
Trago o coração mais negro  
Que a azeitona que vós daes.  
(A.)

- 3111 Oliveiras, oliveiras,  
Ao longe são olivães;  
Por muito que tu me queiras  
Eu inda te quero mais.  
(A.)
- 3112 Deitei um limão correndo  
A' roda dos olivães;  
Quiz *vêri* se me esquecias,  
Cada vez me lembrás mais.  
(A.)
- 3113 Adeus, ó praia de Espinho,  
Rodeada de olivães,  
Tens rapazes bem bonitos,  
Raparigas muito mais.  
(D.)
- 3114 Adeus, adeus, ó Castêdo,  
Rodeado de olivães,  
Adeus, adeus, minha terra,  
Adeus para nunca mais.  
(T. M.)
- 3115 Adeus villa ãe Vianna,  
Cercadinha de olivães,  
Adeus ó largo da praça,  
Sepultura dos meus ais.  
(A.)
- 3116 Adeus, olivães do Pio,  
Cemiterios da ternura,  
Onde eu hei de ir enterrar  
A minha triste ventura.  
(D.)

- 3117 Já cheguei ós olivæes,  
Caminho de Vill' Viçosa ;  
Quem me déra ser um cravo,  
Para estar ao pé da rosa.  
(A.)
- 3118 Freguesia da Esperança,  
Rodeada de olivæes ;  
Meu amor, se é por vingança,  
Cada vez te quero mais.  
(A.)
- 3119 Os olivæes de Coimbra  
Semeados que darão ?  
Darão mocinhas bonitas  
Para a minha perdição.  
(A.)
- 3120 Oliveiras, oliveiras,  
Como ha em Santarem ;  
Pintasilgos e pardaes  
Um qualquer fidalgo tem.  
(A.)
- 3121 A oliveira é a paz  
Que se dá aos bem casados,  
A palma aos sacerdotes,  
O alecrim aos namorados.  
(A.)
- 3122 O lenço separa amantes,  
A oliveira dá lhe a paz ;  
Eu tenho um lenço de penas  
Que me deu o meu rapaz.  
(A.)

3123 A oliveira é benta,  
Ramo d'ella tem virtude ;  
Eu venho d'aqui tão longe  
Saber da tua saude.

(A.)

3124 Oliveira arreda a rama,  
Que eu quero passar além,  
Trago o meu peito a arder,  
Não quero queimar ninguém.

(A.)

3125 Se a oliveira falara,  
Ella dissera o que viu,  
Debaixo da sua sombra  
Dois amantes encobriu.

(A.)

3126 Se a oliveira fosse minha  
Mandava-a despontar,  
P'ra debaixo da sua rama  
Ninguém poder namorar.

(A.)

3127 Oliveira, não te seques,  
Que has-de vir a juramento,  
Debaixo da tua rama  
Se tratou meu casamento.

(A.)

3128 Debaixo da oliveira  
Só está a rama e a folha ;  
Se muito me queres tu,  
Eu tenho muito onde escolha.

(A.)

- 3129 Oliveira recortada  
Sempre parece oliveira,  
Mulher bonita casada  
Sempre parece solteira.  
(A.)
- 3130 Oliveira pequenina  
'Stá coberta de algodão;  
Quem não quer que o mundo fale,  
Não lhe dê ocasião.  
(A.)
- 3131 Oliveira pequenina,  
Car'gadinha d'algodão;  
Quando nasceram os homens  
Nasceu toda a maldição.  
(A.)
- 3132 Não se me dá que faleis,  
Nem que de mim *boteis* fama,  
Eu sou como a oliveira,  
Que sempre tem 'ma marrana.  
(D.)
- 3133 Mal o haja quem murmura,  
Quem de mim deita má fama,  
Eu sou como a oliveira,  
Que no ar sustenta a rama.  
(A.)
- 3134 Oliveira mais pequena,  
A oliveira do meio;  
Se és cantador de fama  
Eu não te tenho *arreceio*.  
(M.)



3135 Oliveira com pé d'ouro  
Deita raminhos de prata;  
Lograr amores não custa,  
Deixal-os é que nos mata.

(A.)

3136 Oliveira com pé d'ouro  
Deita ramada de prata;  
Menina dê os seus olhos  
A quem por elles se mata.

(T. M.)

3137 Oliveira pende, pende,  
Pende para cá um ramo;  
Que eu sou menina teimosa,  
Duram-me as teimas um anno.

(A.)

3138 Oliveira da Barquinha  
Bota para cá um ramo;  
O meu amor é teimoso,  
Duram-lhe as teimas um anno.

(E.)

3139 Duram-lhe as teimas um anno,  
Duram-lhe as teimas um mez;  
Quem namora sempre alcança  
Um beijinho, dois e tres.

(E.)

3140 *Olivêra* ramalhuda  
*Dêta* para cá um ramo;  
O *mê* pae nam póde dar  
*Dós* casamentos n'um anno.

(A.)

- 3141 Oliveira dos Pardaes,  
Ao pé de Villa Viçosa;  
Se eu tivera cabedaes  
Casava contigo, ó Rosa.  
(E.)
- 3142 Oliveira chora, chora,  
Ella chora com razão,  
Que lhe colhem a azeitona,  
Deitam-lhe a rama no chão.  
(A.)
- 3143 A oliveira no adro  
Deita a folha aos anneis;  
Quem namora ás escondidas  
Passa tormentos crueis.  
(A.)
- 3144 A *olivêra* no adro  
Tem na rama na igreja;  
Quem tem *sê* amor ó lado  
Tem tudo quanto deseja.  
(A.)
- 3145 O' oliveira do adro,  
Não faças sombra á igreja;  
Que na era em que estamos  
Ninguem logra o que deseja.  
(D)
- 3146 Oliveira pequenina  
Que azeitona póde dár?  
Tambem eu sou pequenina,  
Mas sou firme no amar.  
(A.)

3147 Oliveira pequenina  
Que azeitona póde dar?  
Uma menina sem dote  
Que amores póde tomar?  
(A.)

3148 Oliveira pequenina,  
Que azeitona póde dar?  
Dará uma e até duas,  
A tres não póde chegar.  
(A.)

3149 Meu raminho d'oliveira  
Que azeitona pódes dar?  
A filha da cabaneira  
Que amores póde tomar?  
(M.)

3150 A folha da oliveira  
De amarella quer cahir ;  
Esses teus olhos, menina,  
Tem somno, querem dormir.  
(D.)

3151 A folha da oliveira  
E' comprida, mas estreita ;  
Queres-me deixar a mim  
Por causa d'outra sujeita.  
(A.)

3152 A folha da oliveira  
De tão comprida é estreita ;  
Quem me déra já gozar-te,  
Que o vêr-te não me aproveita.  
(A.)

3153 *A felôr da oliveira*  
Ao longe parece renda ;  
Quem tem o amor á vista  
Não póde ter melhor prenda.  
(A.)

3154 *Ai, ai,*  
Verdes olivaaes,  
Verdes olivaaes,  
Que azeitona daes.  
(A.)

3155 *Oliveira secca*  
Onde canta o mocho ;  
Teu palavriado  
Para mim 'stá chocho.  
(D.)

3156 *Oh que calma está cahindo*  
Por cima dos ceifadores !  
Quem fôra ramo de palma  
Que cobrira os meus amores.  
(A.)

3157 *Da palmeira nasce a palma,*  
Da palma nasce o palmito ;  
Todo o amor que é leal  
Dura até ao inñnito.  
(A.)

3158 *Da palmeira nasce a palma,*  
Da palma faz-se o palmito ;  
Da amizade nasce o amor  
Que nos leva ao infinito.  
(A.)

3159 Da palmeira nasce a palma,  
 Da palma nasce o botão;  
 Tu és o amor da minh'alma  
 E eu sou do teu coração.

(A.)

3160 Da palmeira nasce a palma,  
 A palma nasce do chão;  
 O querer bem nasce da alma,  
 Quer'-te bem do coração.

(A.)

3161 Da palmeira nasce a palma,  
 Da palma se corta a rama;  
 Quem me déra vêr-te até  
 Deitada na minha cama.

(A.)

3162 A folha da palma é triste,  
 De noite mette terror;  
 Já que me faltas co' a vista,  
 Não me faltes com o amor.

(A.)

3163 Ailé,  
 Folha da palma,  
 Trago o meu amor  
 Dentro da minh'alma.

(A.)

3164 Ailé,  
 Da palma ao palmito;  
 Oh meu lindo amor,  
 Elle é tão bonito.

(A.)

3165 Encostei-me ao pecegueiro,  
Toda me enchi de bogalhos;  
Eu que era tão pequenina,  
Já me metti em trabalhos.

(D.)

3166 Encostei-me ao pecegueiro,  
E toda eu me entonteci;  
Estou cheia de saudades,  
Por 'star tão longe de ti.

(A.)

3167 Encostei-me ao pecegueiro,  
Todo me cobri de flores;  
Vejo-te, tão creancinha,  
Tão perseguida d'amores!

(A.)

3168 Não te encostes á pereira,  
Que a pereira deita pó,  
Encosta-te á minha cama,  
Sou solteira, durmo só.

(A.)

3169 Eu já vi uma pereira  
De uma altura *desvanada*,  
No meio tem 'ma roseira  
Que dá rosas encarnadas.

(A.)

3170 No alto da pinha, pinha,  
No alto do pinheiral,  
A pinha bate no chão,  
A pinha bate no ar.

(A.)

- 3171 Desejava de encontrar-te  
No meu pinheiral, ás pinhas,  
Pois queria *precurar-te*  
Se eram tuas, se eram minhas.  
(A.)
- 3172 Adeus pinhal do atalho,  
O' pinhal do cordoar,  
Que te quero perguntar  
D'onde *rescende* o meu mal.  
(D.)
- 3173 O' alto pinheiro redondo,  
Já te tiraram faiscas ;  
Já descobriste o teu peito,  
Já do amor não petiscas.  
(D.)
- 3174 O' alto pinheiro redondo,  
Já te tiraram cavacas ;  
Já descobriram teu peito,  
Já se sabem tuas faltas.  
(D.)
- 3175 O' alto pinheiro redondo,  
Lá me ficou meu cordão,  
Que me deu uma freirinha  
N'um dia de confissão.  
(A.)
- 3176 O' alto pinheiro redondo,  
Com pinhas de oiro na ponta ;  
Perto está quem me namora,  
E longe quem me faz conta.  
(A.)

3177 O' alto pinheiro redondo,  
 Com pinhas de oiro na ponta;  
 Póde amar a quem quizer,  
 Que a mim me não faz affronta.

(A)

3178 O' alto pinheiro redondo,  
 Com fios d'oiro na ponta;  
 Os teus gastos, ó menina,  
 Já correm por minha conta.

(A)

3179 O' alto pinheiro redondo,  
 Com fios d'oiro na ponta;  
 Esses teus olhos, menina,  
 Já cá estão por minha conta.

(A)

3180 O' alto pinheiro ramudo,  
 Dá para cá uma volta,  
 Que eu tenho lá uma prenda  
 Que não sei se é viva ou morta.

(A)

3181 O' alto pinheiro ramudo,  
 Castello de S. Romão;  
 Já passei minha alegria  
 Onde os meus amor's estão.

(A)

3182 O' alto pinheiro ramudo,  
 T'a rama não chega ao chão,  
 E's como a mulher casada,  
 Não se póde deitar mão.

(A.)



3183 O' alto pinheiro novo,  
Tuas bagas são redondas;  
Que lindo cabelo negro!  
Sem ser frisado faz ondas.

(A.)

3184 O alto pinheiro tem pinhas,  
Quem tem pinhas tem pinhões,  
E quem ama sem ter zelos  
São falsas suas paixões.

(A.)

3185 Ai, que pinheiro tão alto!  
Com as pontas *engallisa*;  
E' um regalo na vida  
Vêr as moças em camisa.

(A.)

3186 Ai, que pinheiro tão alto!  
Quem lhe ha-de chegar ás pinhas?  
Ha-de ser menina nova,  
Que se chame Mariquinhas.

(D.)

3187 Alto pinheiro, tão alto,  
Por 'ma pinha se abanou;  
Como aquella rapariga  
Tão cedo se captivou!

(E.)

3188 Eu hei-de amar o pinheiro  
Emquanto rama não tem;  
Aproveita-te, menina,  
Emquanto te eu quero bem.

(M.)

- 3189 Rouxinol, que tão bem cantas,  
Onde aprendeste a cantar?  
No cimo do pinheiro alto,  
Ninguem póde lá chegar.  
(A.)
- 3190 Tu mandaste-me esperar  
Ao pé d'um pinheiro manso,  
Esperei-te, não vieste,  
Olha, amor, o teu descanso!  
(D.)
- 3191 Onde estará o pinheiro  
E a pinha d'este pinhão?  
Onde estará o enleio  
Do meu leal coração?  
(A.)
- 3192 O' pinheir' dá-me uma pinha,  
O' pinha dá-me um pinhão,  
Menina dá-me os teus olhos  
Que eu dou-te o meu coração.  
(M.)
- 3193 Encostei-me ao pinheir' verde,  
Por vêr se me consolava,  
E como o pinheiro é verde,  
Ao vêr-me chorar, chorava.  
(A.)
- 3194 Pilriteir' que das pilritos,  
Porque não das coisa boa?  
Cada um dá o que tem,  
Conforme a sua pessoa.  
(A.)

3195 A folhinha do salgueiro  
E' primeira novidade ;  
Quem madruga não alcança,  
Que fará quem se ergue tarde.

(D.)

3196 Salgueiro pega de estaca,  
Amieiro de raiz ;  
Não te gabes que me deixas,  
Fui eu a que te não quiz.

(M.)

3197 Das arvor's nascem os ramos,  
Dos ramos a fructa boa ;  
Os 'scravos servem os amos,  
O que é mau, ao longe sôa.

(A.)

3198 Defronte de mim 'stão arvores,  
Raminhos a dar, a dar ;  
Emquanto ha vida, ha esp'rança,  
Não me quer' *desmaginar*.

(A.)

3199 Defronte de mim 'stão arvores,  
Raminhos a dar, a dar ;  
Quem espera, sempre alcança  
Os teus carinhos lograr.

(A.)

3200 O' ramo da bella arvore,  
Ao chão deitae as *felôres* ;  
Agora, que estou de dentro,  
Boas tardes, meus senhores.

(D.)

- 3201 Passei pela tua porta,  
Deixei-te um ramo colhido ;  
E' verdade, não o nego,  
Que eu em ti trago o sentido.  
(A.)
- 3202 No meio da praça nova  
Achei um lenço dobrado,  
Tendo em cada ponta um ramo,  
No meio um c'ração pintado.  
(A.)
- 3203 O lenço que tu me deste  
Tem um ramo em cada canto,  
Os ramos dizem saudades,  
Por isso lhe quero tanto.  
(A.)
- 3204 Abre esse lenço e verás  
Quatro ramos *feloridos*,  
E lá no meio acharás  
Nossos corações unidos.  
(A.)
- 3205 Haja quem queira lançar  
No ramo que eu 'stou deixando ;  
Esta vida de solteira  
Para mim vae-se acabando.  
(A.)
- 3206 Toma lá este raminho,  
Que eu inda agora apanhei,  
Inda vae orvalhadinho  
Das lagrimas que eu chorei.  
(A.)

- 3207 Toma lá este raminho  
Atado com fio crú,  
Os abraços já os leva,  
Os beijinhos dá-lh'os tu.  
(A.)
- 3208 Aceita-me este raminho,  
Colhidinho em janeiro,  
Atado por linhas brancas  
C'o retroz do teu dinheiro.  
(D.)
- 3209 Um raminho abandonado,  
Soffre muito, sem dar ais,  
Tambem eu soffro, mas amo,  
Ingrato, cada vez mais.  
(A.)
- 3210 Todas as flores do anno  
Captiva o mez de janeiro,  
Em chegando abril e maio  
Sahem do seu captiveiro.  
(A.)
- 3211 A primavera é tão linda  
Que enche o campo de *felôres*,  
Tambem tu, minha menina,  
Tens um arraial d'amores.  
(A.)
- 3212 Já lá vem o mez d'abril,  
Deitando ao campo as *felôres*,  
Contadas passam de mil  
Rosas de variadas côres.  
(A.)

- 3213 Não ha jardim sem ter flores,  
Nem quinta sem arvoredos,  
Nem casada sem desgostos,  
Nem solteira sem enredos.  
(A.)
- 3214 Puz-me a chorar sentimentos  
Ao canto do meu jardim,  
As flores me responderam :  
Tudo por tempo tem fim.  
(M.)
- 3215 Quem me déra a mim ser flôr  
Do jardim da minha amada,  
Só assim conseguiria  
Ser por ella bem tratada.  
(A.)
- 3216 As flores são p'r'ós jardins,  
Tudo requer o que é seu,  
Como não hei-de eu req'rer  
Um amor que já foi meu?  
(A.)
- 3217 Fui ao jardim colher flores,  
Achei o jardim fechado ;  
Ai, tambem as flor's se fecham  
Para quem é desgraçado!  
(A.)
- 3218 Fui ó jardim colher flores,  
Colhi d'uma até tereç,  
Encontrei o meu amor,  
Hei-de lá ir outra vez.  
(A.)

3219 Fui ao jardim colher flores,  
Colhi d'umas, colhi d'outras,  
Encontrei o meu amor,  
D'estas fortunas ha poucas.

(A.)

3220 Fui ao jardim colher flores,  
Colhi d'umas, colhi d'outras,  
Não achei quem procurava,  
A minha fortuna é pouca.

(B. B)

3221 Fui ao jardim colher flores,  
Colhi das mais encarnadas;  
Se eu não nasci para ti,  
Não me cegam as passadas.

(D.)

3222 Fui ao campo colher flores,  
C'uma cestinha no braço,  
Encontrei o meu amor,  
Ai Jesus! d'aqui não passo.

(A.)

3223 Fui ao campo colher flores  
Quinta-feira d'Ascensão,  
Encontrei os meus amores  
C'um ramalhete na mão.

(A.)

3224 Ha flores muito bonitas,  
*'Polo* cheiro e *pola* côr,  
Mais bonito é o rapaz  
A quem chamo o meu amor.

(A.)

3225 Chorando, ando regando  
O pé a todas as flores ;  
Ai de mim! que eu ando amando  
A quem tem outros amores!

(A.)

3226 Se este lenço fôra meu  
Como é do meu amor,  
Mandava-lhe a pôr no meio  
A mais delicada flôr.

(A.)

3227 Vistam-se os campos de luto,  
Cáiam as flores no chão ;  
Que eu 'stou mal c'o meu amor,  
Quer haja flores, quer não.

(A.)

3228 Vôa, ó flôr afortunada,  
A'quellas mãos de jasmim,  
Já que eu lá não posso ir,  
Um beijo lhe dá por mim.

(A.)

3229 Tenho dentro de meu peito  
Dois botões d'oiro a abrir ;  
Ninguem sabe meus intentos,  
Nem os que hei de seguir.

(T. M.)

3230 Debrucei-me da janella  
A colher a flôr á planta ;  
Deixem-me ir d'aqui embora,  
Já que a minha pena é tanta.

(A.)



3231 Tenho dentro do meu peito  
 Uma capella de flôres,  
 Rosas, cravos, violetas,  
 Martyrios, chagas e amores.

(A.)

3232 A primavera ausentou-se,  
 Deixou as flores no campo,  
 E tambem eu me ausentei  
 De quem me queria tanto.

(A.)

3233 Vou-lhe dar a despedida,  
 Como deu o maio á flôr,  
 Quem se despede cantando,  
 Não leva pena, nem dôr.

(D.)

3234 Despedida, despedida,  
 Como deu o maio ás flores,  
 Hei-de dar a despedida  
 A'manhã aos meus amores.

(A.)

3235 Assim como a flor no campo  
 Tamem perde o sê matiz,  
 Eu perdi o mê amor,  
 Pôco tempo fui feliz.

(A.)

3236 Minha amada já morreu,  
 Eu já não a torno a vêr,  
 A flôr no campo renasce,  
 Ella não torna a nascer.

(A.)

3237 Já os campos verdes choram,  
Que não teem que vestir,  
Pois já romperam as galas  
Que lhes deu o mez d'abril.

(A.)

3238 O meu coração é sala  
Onde passeia a assucena;  
Amei-te com tanto gosto,  
Deixei-te com tanta pena!

(A.)

3239 Sobre a folha da assucena  
Teu lindo nome escrevi,  
Tornou-se a flor tão formosa,  
Que até julguei que te vi.

(A.)

3240 De encarnado veste a rosa,  
E de branco a assucena;  
Menina não 'steja triste,  
Que eu lhe guardo a sua pena.

(A.)

3241 De encarnado veste a rosa,  
De verde o mangericão,  
E de branco a assucena,  
De lucto o meu coração.

(A.)

3242 Duas fiôres n'um pé só,  
Qual d'ellas é mais formosa,  
Uma é a assucena branca,  
Outra a folha d'uma rosa.

(A.)

3243 Fui ao campo colher flôres,  
Colhi a branca assucena ;  
Isto de quem tem amores  
Qualquer coisa lhe dá pena.  
(A.)

3244 Eu fui ao matto á carqueja,  
Fiz o mólho na assucena ;  
Amei-te com tanto mimo,  
Deixo-te com tanta pena.  
(B. A.)

3245 Lá no campo nascem flôres,  
No jardim as assucenas,  
No meu leito nascem dores,  
Salpicadinhas de penas.  
(A.)

3246 Assucena, pé sombrio,  
P'ra te amar não tenho geito ;  
Meu coração tudo cria,  
Quatro flôres em meu peito.  
(A.)

3247 Assucena, pé sombrio,  
P'ra te amar não tenho arte ;  
O teu jardim tudo cria,  
Estimo da minha parte.  
(A.)

3248 A *felor* da alandroeira  
Que lindo cheiro que tem!  
Mais lindo é o meu amor  
Quando comigo está bem.  
(A.)

3249 Não ha coisa que mais cheire  
Que é a *felor* da alfazema;  
Não ha gosto n'este mundo  
Que não venha a dar em pena.

(A.)

3250 A *felor* da amendoeira  
E' a primeira no anno;  
Eu tambem fui a primeira  
Que te deu o desengano.

(A.)

3251 Olha, amor, o que eu sabei  
Em cima d'esta parede,  
Dois laços de amor perfeito  
Prendidos com fita verde.

(A.)

3252 O' minha mãe, dê-me a chave,  
Que eu quero ir ao jardim,  
Colher um amor perfeito,  
Que Deus creou para mim.

(A.)

3253 Tinha um lindo amor perfeito,  
Em teu peito o fui depôr,  
Não o quero maltratado,  
Nem murcho co' o teu calor.

(E.)

3254 O meu amor não é esse,  
Que eu no andar o conheço,  
Tem o andar miudinho,  
Como a *felor* do codeço.

(A.)

3255 Semei no meu quintal  
Semente de cravelinas ;  
Que ninguem se fie nos homens,  
Nem nas suas palavrinhas.

(A.)

3256 Quem tem craveiros tem cravos,  
Quem tem cravos tem botões,  
Quem tem amores tem zelos,  
Quem tem zelos tem paixões.

(A.)

3257 D'aqui para a minha terra  
Tudo são janellas verdes,  
Tudo são cravos e rosas,  
*Jajemins* pelas paredes.

(A.)

3258 D'aqui para a minha terra  
Tudo é caminho e chão,  
Só ha rosas, só ha cravos,  
Que eu puz pela minha mão.

(A.)

3259 Adeus ó praia de Espinho,  
Arrasada foras tu,  
De cravos e mais de rosas,  
Não te quero mal nenhum.

(D.)

3260 Quatro flôres em meu peito,  
Todas quatro desmaiadas,  
Cravo rôxo, amor perfeito,  
Rosa branca e encarnada.

(A.)

3261 Quatro flôres, em meu peito,  
Fizeram sociedade,  
Cravo rôxo, amor perfeito,  
A perpetua e a saudade.

(A.)

3262 O cravo fechado cheira,  
A rosa aberta rescende;  
Todo o amor que é leal  
Logo p'lo falar se entende.

(A.)

3263 O cravo depois de secco  
Deita-se por ahi além,  
A rosa quanto mais secca  
Tanto mais prestimo tem.

(A.)

3264 O cravo depois de secco  
Foi-se queixar ao jardim,  
A rosa lhe respondeu:  
Tudo por tempo tem fim.

(B. A.)

3265 O cravo depois de secco  
Foi-se queixar ao jardim,  
As flôres lhe responderam:  
Mal d'amores não tem fim.

(A.)

3266 O cravo bateu na rosa,  
A assucena vae quer'lar,  
Oh que rico juramento  
A assucena não vae dar!

(D.)

3267 O' que costa tão ó cima!  
Cravo vermelho falai-me;  
Se tendes outros amores,  
Com tempo desengaaai-me.

(T. M.)

3268 Eu sou cravo e tu és rosa,  
Qual de nós valerá mais?  
O cravo pelas varandas,  
A rosa pelos quintaes.

(A.)

3269 Adeus ó largo da Feira,  
Cercado de cravos brancos,  
Onde o meu amor passeia  
Domingos e dias santos.

(D.)

3270 Dizeis que não ha flôres  
Lá no Rio de Janeiro,  
Eu bem vi um cravo branco  
Ao peito d'um brasileiro.

(D.)

3271 Cravo rôxo é meu enlevo,  
Cravo branco meu encanto;  
Se tu me não queres bem,  
P'ra que te hei-de querer tanto?

(A.)

3272 Cravo rôxo é sentimento,  
Eu bem sentida que estou,  
Não quer o meu coração  
Buscar a quem o deixou.

(A.)

3273 O cravo rôxo á janella  
Logo lhe cahe a semente;  
Mais vale morrer d'amores,  
Que viver de ti ausente.

(A.)

3274 Cravo rôxo ama, ama,  
Assucena adora, adora;  
Foste meu amor primeiro.  
Se tens pena chora agora.

(D.)

3275 Cravos rôxos á janella  
E' signal de casamento,  
Menina, recolhe os cravos,  
Pr'a casar inda tens tempo.

(A.)

3276 Trazeis o cravo no peito,  
E' signal de casamento,  
Tirae o cravo do peito,  
Pr'a casar inda tens tempo.

(D.)

3277 O cravo rôxo á janella,  
Mangerico ao postigo;  
Mais de quatro tem inveja  
De Antonio falar comigo.

(A.)

3278 Tenho dentro do meu peito  
Um cravo roxo dourado,  
Regado co' as aguas finas  
Que por ti tenho chorado.

(A.)



3279 N'um quintal tenho cravos,  
E n'outro tenho craveiras;  
Tudo quanto mulher's dizem  
São tolices e asneiras.

(A.)

3280 Vou-me embora, vou-me embora,  
Vou-me embora, não te enganô,  
Rega-me aquelle craveiro,  
Que dá cravos todo o anno.

(A.)

3281 O cravo tem vinte folhas,  
A assucena cinco só;  
Quem espera p'lo amor  
Tem paciencia de Job.

(A.)

3282 O cravo tem vinte folhas,  
A rosa tem vinte e uma,  
E anda o cravo em demanda  
Por a rosa ter mais uma.

(A.)

3283 Atiraste-me com um cravo,  
Com cinco folhas me f'riste,  
Viste correr o meu sangue,  
Ingrato, e não me acudistel!

(A.)

3284 O cravo, rei das *felo*res,  
And' ó peito das donzellas,  
Das moças é venerado,  
'Té o põem nas capellas.

(A.)

3285 Eu hei-de ir ao teu-jardim  
 A colher um cravo aberto;  
 E' um regalo na vida  
 Enganar a quem é esperto.

(M.)

3286 Se eu soubesse que tu vinhas,  
 Allivio dos meus cuidados,  
 Tinha-te a casa varrida,  
 Alcatifada de cravos.

(A.)

3287 Tendes o cravo na bocca,  
 Com a raiz na garganta,  
 Quem vol'o tirára a beijos,  
 A' hora em que o gallo canta.

(A.)

3288 O cravo cahiu do céu  
 Quebrou 'ma perna, está côxo,  
 A rosa, com sentimento,  
 Toda se vestiu de roxo.

(A.)

3289 Cahiu o cravo do céu,  
 Quebrou o pé, ficou côxo,  
 Logo a rosa, com paixão,  
 Se vestiu toda de rôxo.

(D.)

3290 Dançae-me n'esse terreiro,  
 Que tudo para vós é;  
 Nasce o cravo, nasce a rosa,  
 Onde vós *ponde l'o pé.*

(D.)

- 3291 Tenho cravos semeados,  
Malmequeres a nascer ;  
Tenho-te amor de pequena,  
Já t'ó não posso perder.  
(A.)
- 3292 Lindos cravos, lindas flôres,  
Tendes no vosso jardim ;  
Que ha-de dar quem não tem quê ?  
Assim me acontece a mim.  
(A.)
- 3293 Adeus quinta do Vedôr,  
Alcobaça dos enganós,  
Monte Longo é um jardim,  
Deita cravos todo o anno.  
(A.)
- 3294 Cravos e amor's perfeitos  
'Stá o jardim sem nenhum,  
Eu conservo em meu peito  
Amor perfeito só um.  
(T. M.)
- 3295 Eu não choro por ti, cravo,  
Que o jardim mais cravos tem,  
Choro pela rosa branca  
Que me deu meu q'rido bem.  
(A.)
- 3296 Tenho na minha janella  
O que não tens tu na tua,  
Cravinhos a dois e dois,  
Viradinhos para a rua.  
(T. M.)

3297 Deu-me José um anel,  
 E Antonio me deu um cravo,  
 Mais quero o cravo d'Antonio,  
 Que o anel d'aquelle parvo.  
 (T. M.)

3298 Antonio me deu um cravo,  
 A' saída do sermão,  
 Metti o cravo no seio,  
 Antonio no coração.  
 (A.)

3299 Os cravos do meu craveiro  
 São regados com vinagre;  
 Não me percas o amor,  
 Que eu te não perco a amisade.  
 (A.)

3300 Os cravos do meu craveiro  
 Chegam acima do muro;  
 Sustenta, amor, a palavra,  
 Que o meu amor 'stá seguro.  
 (A.)

3301 Os cravos do meu craveiro  
 Teem bandeiras de lucto;  
 Foi-se o meu amor ha pouco,  
 Tenho pena, choro muito.  
 (A.)

3302 Os cravos do meu craveiro  
 Todos são de varias côres,  
 São como as moças solteiras,  
 Que tem dois e tres amores.  
 (A.)

- 3303 Os cravos do meu craveiro  
De encarnados aborrecem,  
Não os dou a quem m'os pede,  
Senão a quem os merece.  
(A.)
- 3304 Os cravos do meu craveiro  
Toda a hora eram contados,  
Foi-se o meu amor embora,  
Já aqui me faltam cravos.  
(A.)
- 3305 Mandaste-me penhorar  
Os cravos do meu craveiro,  
Dei os cravos á penhora,  
Inda me sobrou dinheiro.  
(A.)
- 3306 Diz o cravo para a rosa  
Lá de dentro do jardim:  
Garganta maravilhosa,  
Anda cá p'r'ó pé de mim.  
(A.)
- 3307 O' amor, dá-me um cravinho,  
Em segredo, ninguém veja;  
No jardim da lealdade  
Meu coração se deseja.  
(A.)
- 3308 Quem disser que o verde é feio  
Hei-de-lhe dizer que mente,  
Não ha cravo, não ha rosa,  
Aonde o verde não entre.  
(A.)

- 3309 Tenho tres cravos a abrir  
Lá em cima na Palmeira ;  
Já não amo quem amava,  
Já lá vac essa cegueira.  
(E.)
- 3310 Esta rua cheira a cravos,  
E' signal de namorados,  
E' Manoel com Maria,  
Deus os faça bem casados.  
(A.)
- 3311 A rua Direita é 'streita,  
A praça é desengano,  
A rua do meu amor  
Deita cravos todo o anno.  
(A.)
- 3312 N'esta terra não ha cravos,  
Nem janellas para os pôr,  
E' terra de muita rosa,  
Os cravos não tem valor.  
(D.)
- 3313 As solteiras são de cravos,  
As casadas são de rosas,  
As viúvas são de goivos,  
As velhas são tabacosas.  
(A.)
- 3314 Ailé,  
O' ais, ó ais,  
Tenho uma *cravêra*  
De cravos negraes.  
(A.)

- 3315 Ailé,  
O' ais, ó uis ;  
Tenho uma craveira  
De cravos azues.  
(A.)
- 3316 A *felor* da fava é rôxa,  
E a morte vem com a dôr ;  
Os teus carinhos me obrigam  
A morrer por ti, amor.  
(A.)
- 3317 Não ha flôr como a giesta,  
Amarga e parece bem ;  
A mim dás-me falas boas  
E a outra tu queres bem.  
(A.)
- 3318 Não ha flôr como a giesta  
Pela manhã ao abrir ;  
Nem amor como o primeiro,  
Que se vae e torna a vir.  
(A.)
- 3319 Eu nasci no meio dos *vaes*,  
Junto á *felor* da giesta ;  
Cada vez te quero mais,  
Não sei que amizade é esta.  
(A.)
- 3320 Ailé, ailé,  
Na flôr da giesta ;  
Val' mais a filha que a mãe,  
A mãe é velha, não presta.  
(A.)

- 3321 O girasol, quando nasce,  
Traz a maravilha ao pé;  
Contractos com gente falsa,  
Quanto menos melhor é.  
(A.)
- 3322 Oh meu girasol brilhante,  
Colhido na Vidigueira;  
Já não tenho girasol,  
Já não tenho quem me queira.  
(D.)
- 3323 Goivo rôxo é sentimento,  
Eu sinto de te não vêr,  
Sinto mais a tua ausencia  
Que a hora em que hei-de morrer.  
(A.)
- 3324 Não se me dá de quem tem  
Goivos rôxos á janella,  
Que tambem eu tenho á minha  
Uma roseira amarella.  
(A.)
- 3325 O José me deu um lenço  
Cheio de goivos, lá na praça,  
Pois se eu nasci para Antonio,  
O que quer José que eu faça?  
(A.)
- 3326 O jasmim cahiu do céo,  
No ar feriu a assucena;  
Não ha gostos n'esta vida  
Que no fim não causem pena.  
(A.)



3327 Das flôres do meu jardim  
Só o junquillo é o rei;  
Ausentaste-te de mim,  
Ehoraste, que eu bem no sei.  
(D.)

3328 Não ha flôr como o junquillo,  
Logo pela manhã abre,  
Nem amor como o primeiro,  
Que é amado de vontade.  
(A.)

3329 Não ha flôr como o junquillo,  
Nem cheiro mais singular,  
Nem coração mais perdido  
Que este meu para te amar.  
(A.)

3330 Não ha flôr como o junquillo,  
Flôr que a todos cheira bem,  
Nem a rosa, nem o cravo,  
Nem mangerona d'el-rei.  
(A.)

3331 Tenho dentro de *mê* peito  
Um junquillo por abrir;  
Ninguem sabe o meu intento,  
Nem a quem hei-de seguir.  
(A.)

3332 O jardim municipal  
No meio tem um junquillo;  
Anda agora muito em moda  
Os aventaes de espartilho.  
(A.)

3333 Chora a flôr da laranjeira  
Lagrimas de tres em duas,  
Tambem os meus olhos choram  
Por tantas ausencias tuas.

(A.)

3334 Deitei-me e adormeci  
Debaixo da laranjeira,  
Cahiu-me uma flôr no rosto,  
Ai, Jesus, que tão bem cheira!

(T. M.)

3335 Não ha coisa que mais cheire  
Que é da laranjeira a flôr;  
Não ha coisa que mais custe  
Que é a apartação d'amor.

(A.)

3336 A *felor* da laranjeira  
Tem perfume e tem sabor,  
Não é branca, nem trigueira,  
Assim é o meu amor.

(A.)

3337 A *felor* da laranjeira  
E' nobre, tem 'stimação,  
E só propria das donzellas,  
Quando o esposo dá a mão.

(A.)

3338 Atirei c' o lirio ao lirio,  
Atirei c' o lirio ao céu,  
Voltou o lirio p'ra baixo,  
E cahiu no meu chapéu.

(A.)

3339 Atirei um lirio ao céo  
E cahiu-me um cravo aberto;  
Cada qual é p'r'ó que nasce,  
Não ha dictado mais certo.

(A.)

3340 Quem quizer matar o ralo,  
Eu bem sei onde elle dorme,  
Debaixo do lirio rôxo,  
Com 'ma folhinha se cobre.

(A.)

3341 Eu tenho á minha porta  
Um lirio rôxo, meu bem;  
Tambem cahe n'uma desgraça  
Quem muito juizo tem.

(A.)

3342 Não ha rôxo como o lirio,  
Nem verde como a urtiga;  
Gosto sempre de te vêr,  
Inda que nada te diga.

(T. M.)

3343 Não ha rôxo como o lirio,  
Nem verde como a urtiga;  
Já perdi o norte á terra  
E o amor á rapariga.

(T. M.)

3344 Não ha rôxo como o lirio,  
Nem cheiro mais singular,  
Nem amor como o primeiro,  
Sendo firme no amar.

(T. M.)

3345 O' alto lirio rôxo,  
*Dêxa-me aqui esconder,*  
*Pôs furtê uma menina,*  
 Agora quer'-me prender.  
 (A.)

3346 Debaixo do lirio rôxo  
 Tenho um segredo encoberto;  
 Todas dizem que eu namoro,  
 Ninguem o sabe de certo.  
 (M.)

3347 O' largo de S. Domingos,  
 Cercado de lirios brancos,  
 Onde vae meu bem á missa  
 Domingos e dias santos.  
 (A.)

3348 Eu tenho no meu jardim  
 Lirios brancos e abraços;  
 Eu já te jurei, amor,  
 D'ir morrer n'esses teus braços.  
 (A.)

3349 Anda cá, meu lirio branco,  
 Meu desbotado sem côr;  
 Desprezei-te tantas vezes,  
 P'ra ser's hoje o meu amor.  
 (D.)

3350 Oh que calma está cahindo  
 Para quem anda no campo!  
 Meu amor, que por lá andas,  
 Encosta-te ao lirio branco.  
 (A.)

- 3351 Ao cimo da minha rua  
Está uma herva nascida,  
E' chamada malmequer,  
Malmequer's p'ra toda a vida.  
(A.)
- 3352 O malmequer amarello  
Tem a folha miudinha;  
Põe os papeis na igreja,  
Que eu já convidei madrinha.  
(A.)
- 3353 Tenho dentro do meu peito,  
Ao lado do coração,  
Um ramo de malmequeres,  
Com uma rosa em botão.  
(A.)
- 3354 Malmequeres, malmequeres,  
Ao campo se vão colher,  
Eu já vi um malmequer  
Acabar n'um bem querer.  
(A.)
- 3355 Bemmequeres, malmequeres,  
Aos campos se vão colher;  
Tira-me do teu sentido,  
Se me queres vêr morrer.  
(A.)
- 3356 Malmequer, bemmequer,  
Aos campos se vão colher;  
Uma má informação  
Desmancha um bem querer.  
(A.)

3357 Desgraçado malmequer  
 Onde vieste a nascer!  
 Onde não ha a saudade,  
 Não póde haver o bem q'rer.

(A.)

3358 Tenho um vaso de melindres,  
 Que me fazem melindrosa;  
 Por causa dos teus carinhos  
 E' que eu estou tão ciosa.

(A.)

3359 Se fôres colher melindres  
 Colhe-os rentinhos do chão:  
 Ingratidões do meu bem,  
 Para mim melindres são.

(A.)

3360 Fui ao campo colher flôres,  
 Colhi uma paciencia,  
 Pedi a Deus que m'a desse,  
 P'ra viver na tua ausencia.

(A.)

3361 A *felor* da paciencia  
 Tem cheiro particular;  
 O amor com amizade,  
 E' mais certo de durar.

(A.)

3362 O' linda papoila  
 Creada no campo,  
 E's o meu amor,  
 E's o meu encanto.

(B. B.)

3363 O' linda papoila,  
Creada ó calor,  
E's o meu encanto,  
E's o meu amor.

(B. B.)

3364 O' linda papoila,  
Creada no matto,  
E's o meu encanto,  
E's o meu retrato.

(B. B.)

3365 Se ella a perpetua cheirasse,  
Era a rainha das flores,  
Mas a perpetua não cheira,  
E' rainha dos amores.

(A.)

3366 Não ha flôr como a perpetua,  
Que nasce de madrugada;  
Nem amor como o primeiro,  
Porque nasce dentro d'alma.

(A.)

3367 Já o meu bem me deixou,  
Paciencia, não importa,  
Deus lhe dê tanta saude  
Como á perpetua na horta.

(A.)

3368 Meu raminho de perpetua,  
Cortado sem ser aberto;  
O teu amor não é firme,  
O meu tambem não é certo.

(M)

- 3369 Rosa branca, toma côr,  
Não sejas tão desmaiada,  
Que dizem as outras rosas :  
Rosa branca não val' nada.  
(A.)
- 3370 Aqui tens a rosa branca,  
Colhidinha pelo pé,  
Não é feia, nem bonita,  
Mas engraçada isso é.  
(A)
- 3371 Das muitas rosas que ha  
A mais linda é a encarnada;  
A mulher que é rabugenta  
Por uma força é casada.  
(A.)
- 3372 Oh minha rosa encarnada!  
Não me debotes a côr,  
Que foi a primeira prenda  
Que me deu o meu amor.  
(E.)
- 3373 Fui á quinta do Maduro  
Colher 'ma rosa encarnada;  
Conta que me tens seguro  
Se não me faltar's em nada.  
(A.)
- 3374 Trago dentro do meu peito  
Um botão de rosa a abrir;  
São os olhos do meu bem,  
Que p'ra mim se estão a rir.  
(A.)



3375 **Eu tenho um botão de rosa  
No meu cesto de costura ;  
A nossa amizade, amor,  
Só tem fim na sepultura.**

(A.)

3376 **Que lindo botão de rosa  
Que a minha amada me deu !  
Vou já dal-o de presente  
A outro amor que foi meu.**

(A.)

3377 **Oh linda rosa em botão !  
Quem me déra a tua côr,  
Só assim podia ter  
Encantos p'r'ó meu amor.**

(A.)

3378 **Algum dia o meu amor  
Chegava de madrugada ;  
A rosa enquanto é botão  
Todos a trazem 'stimada.**

(A.)

3379 **Amarella, como a esponja,  
De raiva, a rosa ficou,  
E o jasmim d'envergonhado  
A côr da rosa tomou.**

(A.)

3380 **Que lindo botão de rosa,  
Traz o meu bem no casaco !  
Não é o botão que eu gabo,  
Mas sim gabo o seu retrato.**

(A.)

3381 Não é fineza nenhuma  
A rosa em botão cheirar,  
Fineza é depois de secca  
O mesmo cheiro deitar.

(A.)

3382 Perde a rosa os seus espinhos,  
Perde o viço e perde a côr;  
Tambem eu tenho perdido  
O carinho ao meu amor.

(A.)

3383 O padre chamou-me rosa,  
E eu tambem lhe respondi:  
D'estas rosas, senhor padre,  
Não as ha no seu jardim.

(A.)

3384 Amor, por amor de mim;  
Não percas conveniencia,  
Não sou rosa de jardim  
Onde te faça assistencia.

(A.)

3385 A mulher é como a rosa,  
'Stando aberta, ou desfolhada,  
Aos vinte annos vale muito,  
Aos quarenta não val' nada.

(A.)

3386 Entre espinhos nasce a rosa,  
E entre espinhos se cria;  
Se eu logrässe os teus carinhos,  
Por ditosa me daria.

(A.)

3387 Mandaste-me esp'rar, esp'rei.  
Ao pé d'uma rosa aberta,  
Ingrato, que me enganaste,  
Que não tens palavra certa!

(A.)

3388 Puz-me á espera e esperei  
A' sombra da rosa aberta;  
Faz o gosto a quem quizeres,  
Tua vontade é liberta.

(A.)

3389 A rosa p'ra ser dobrada,  
Ha-de ter um cravo ó pé:  
Quem quizer ter amor vário  
Nanore-se de um Thomé.

(A.)

3390 Rosa branca na silveira,  
Cravo rosado no monte,  
Quem quizer a rosa alegre  
Deite-lhe o cravo defronte.

(D.)

3391 'Té a rosa se desfolha  
Só para cobrir o chão;  
Só eu não tenho quem cure  
Penas do meu coração.

(A.)

3392 Nos arvoredos de espinhos  
Nasce uma rosa brilhante;  
Quem não quizer soffrer penas  
Não se obrigue a ser amante.

(E.)

3393 O meu amor e o teu  
Andam n'aquella ladeira,  
O meu anda a apanhar rosas,  
E o teu herva cidreira.  
(D.)

3394 Tenho rosas, tenho rosas,  
E tambem flor's do Japão,  
Se os mocinhos da cidade,  
Ai, se elles m'as comprarão.  
(A.)

3395 A rosa fechada cheira,  
O cravo aberto rescende:  
E' como o amor leal,  
Sem mesmo falar se entende.  
(A.)

3396 A rosa fechada cheira,  
O cravo aberto rescende:  
O amor para ser firme  
Logo no falar se entende.  
(A.)

3397 A rosa para cheirar  
Ha-de ser a de Jessé,  
O amor para ser firme  
Ha-de-se chamar José.  
(A.)

3398 A rosa para cheirar  
Ha-de andar ao peito de Anna,  
Para cheirar ao domingo  
Ha-de andar toda a semana.  
(A.)

- 3399 A rosa para ser rosa  
Ha-de ser da *Gereçmana*,  
Cortadinha no domingo,  
Cheira para toda a semana.  
(M.)
- 3400 A rosa para ser rosa  
Deve ser de Jericó;  
O homem para ser homem  
Deve amar a uma só.  
(A.)
- 3401 A rosa para cheirar,  
Deve ser de Alexandria,  
E ser dada por mão de Anna,  
E colhida por Maria.  
(A.)
- 3402 A rosa para ser rosa  
Deve ser de Alexandria;  
A mulher para ser firme  
Deve chamar-se Maria.  
(T. M)
- 3403 O' rosa d'Alexandria,  
A *primêra* que géraсте,  
Abotoaste o *mê pêto*  
Emquanto não desfolhaste.  
(A.)
- 3404 Menina, por ser bonita,  
Não cuide que mais merece,  
Quanto mais linda é a rosa  
Mais depressa desvanece.  
(A.)

3405 As moças da minha aldeia,  
De muitas parecem poucas,  
São como as rosas singelas,  
Umhas encobrem as outras.

(A.)

3406 Moças de Campo Maior,  
São muitas, parecem poucas,  
São como as rosas do campo,  
Que umhas encobrem as *ó*tras.

(A.)

3407 Se me queres amar, ama,  
Não me andes com carranquinhas,  
Que tenho amado a mais flôres  
Que o campo tem de rosinhas.

(A.)

3408 Se este lenço fôra meu,  
Como é de meu irmão,  
Mandava-lhe pôr no meio  
Uma rosa em botão.

(A.)

3409 Adeus villa de Trancoso,  
*Barandinhas* ó correr;  
No meio de tantas rosas  
Alguns cravos ha-de haver.

(B. B.)

3410 O' moça que vendeis rosas,  
Venha, que eu tenho dinheiro,  
Escolha-me das fechadas,  
Que as abertas não tem cheiro.

(D.)

- 3411 Amar e não ser amada  
São duas coisas custosas,  
Tudo na vida tem 'spinhos,  
Não penses são só as rosas.  
(A.)
- 3412 Eu de rosas gosto muito,  
E dos cravos ainda mais,  
Não falo nos girasoes  
Que tenho nos meus quintaes.  
(A.)
- 3413 As rosas também namoram,  
Levam vida bem ditosa,  
Maroto do cravo branco  
'Scolhe sempre a mais cheirosa.  
(A.)
- 3414 Dá minha janella á tua  
Vae uma c'rôa de rosas;  
Não se pôdem ter amores,  
Por causa das invejosas.  
(A.)
- 3415 Toda a rosa que se ausenta  
Sem dar parte ao jardineiro,  
E' como a moça donzella,  
Que segue o amor primeiro.  
(A.)
- 3416 Parte a rosa do jardim,  
Sem dar parte ao jardineiro;  
Lá virá tempo que chores  
Pelo teu amor primeiro.  
(A.)

3417 *Ázentó-se o jardinêro,*  
 Seque-se a folha da rosa ;  
 Quem *dós* amantes quer ter,  
 Nem d'um nem d'outro se logra.  
 (A.)

3418 Oh bello jardim das rosas!  
 Oh boninal das boninas!  
 Nem quantos amor's namoram  
 Alcançem perolas finas.  
 (D.)

3419 Vem tu cá, minha menina,  
 No ramo da pionia ;  
 Se te eu chegava a lograr  
 Mais nada do mundo q'ria.  
 (D.)

3420 Ailé,  
 Rosa amarella,  
 Lá no meu quintal  
 Tenho um vaso d'ellas.  
 (A.)

3421 A saudade tem côr rôxa,  
 Quem o ha-de duvidar ;  
 Eu nasci para ser tua,  
 Que desculpas te hei-de dar.  
 (A.)

3422 A saudade é toda rôxa,  
 Tem no meio o olho verde ;  
 Cauças-te embalde, menina,  
 Quem tem amor não o perde.  
 (A.)



3423 *A sôdade é felor rôxa,*  
No meio tem um só pé;  
Quem namora ás escondidas  
E' namorado sem fé.

(A.)

3424 *A sôdade é felor rôxa*  
Salpicada de encarnado;  
Como pod'rei eu deixar  
A quem tenho tanto amado?

(A.)

3425 *A sôdade é felor rôxa,*  
Dá-le o vento, está bulindo;  
A nossa desconfiança  
Bem certa me vae sahindo.

(A.)

3426 Quatro ramos de saudades,  
Dois d'elles p'ra cada banda;  
Se me tiver's amizade  
Has-de vencer a demanda.

(A.)

3427 Tenho um ramo de saudades  
Atado com fita branca;  
Como queres que te deixe,  
Se a nossa amizade é tanta.

(A.)

3428 Uma saudade me mata,  
Ausente do meu amor;  
Oh, que frida tão profunda  
Faz no coração a fiôr!

(A.)

3429 Da côr da rôxa saudade  
Se vestiu meu coração,  
De roda lhe mandei pôr  
Suspiros de guarnição.

(A.)

3430 Não ha flôr como o suspiro,  
Que nasce do coração,  
Se todas as flôr's se vendem,  
Só os suspiros se dão.

(A.)

3431 Mandei comprar á botica  
Remedio p'ra 'mas sezões,  
Mandaram-me dois suspiros,  
Com duas ingratidões.

(A.)

3432 Mandei buscar á botica  
Remedio para uma ausencia,  
Mandaram-me dois suspiros,  
Que tivesse paciencia.

(A.)

3433 Eu já vi nascer n'um valle  
A linda *felor* do tojo;  
Viva quem ha-de lograr  
Um fadista de relógio.

(A.)

3434 A' *felor* da trovisqueira  
Dá-lhe o vento, cae-lhe a baga;  
A moça que é verdadeira  
Não merece ruim paga.

(A.)

3435 Tenho na minha varanda  
Tulipas até ao chão;  
Vae bater a outra porta,  
Eu já te dei o meu não.

(A.)

3436 Tenho dentro do meu peito  
Tulipas até ao chão,  
Em consid'rar que me deixas  
Sem motivo nem razão.

(A.)

3437 Tenho na minha janella  
Tulipas até ao chão;  
Vendo-te falar com outro  
São facadas que me dão.

(T. M.)

3438 N'uma manhã de setembro  
Quebrou-se o pé á tulipa;  
E' bem tolo quem por gala  
O seu segredo publica.

(A.)

3439 Fui ao jardim da Italia  
Colher a flôr á tulipa;  
Bem tola é a menina  
Se o seu amor publica.

(T. M.)

3440 Fui-me ao jardim colher flôres  
E colhi uma tulipa;  
E' bem tola quem se mata  
Por quem não se mortifica.

(A.)

- 3441 Fui ao jardim das tulipas,  
Colhi uma, colhi tres,  
Encontrei lá meu amor,  
Inda lá torno outra vez.  
(A.)
- 3442 Fui ao jardim das tulipas,  
Colhi uma, *dê* um golpe;  
Não hei-de amar outro bem  
Até á hora da morte.  
(A.)
- 3443 Tenho dentro do meu peito  
Tres tulipas amarellas;  
Se começas com ciumes  
Deixo de te amar devéras.  
(A.)
- 3444 Violetas são suspiros,  
Eu por ti vou suspirando;  
Se me amar's sem esperanças,  
Quero morrer *maginando*.  
(A.)
- 3445 Tenho na minha janella  
Um vaso de violetas;  
Nos dias que te não vejo  
As minhas galas são pretas.  
(A.)
- 3446 Quem me déra vêr-te só  
Como a violeta no campo,  
E eu sósinho ao pé de ti,  
Nunca o meu mal fôra tanto.  
(A.)

3447 Eu tenho á minha janella  
O que tu não tens á tua,  
Um vaso de violetas  
Que dá cheiro a toda a rua.

(A.)

3448 D'um vaso de violetas  
Fiz um disfarce p'r'ó peito,  
Só p'r'a disfarçar desfeitas  
Que o meu amor me tem feito.

(A.)

3449 Quem se sisca alhos come,  
Diz o antigo rifão,  
Tambem eu ando siscáda,  
E é com muita razão.

(A.)

3450 Ninguem se fie em cantigas  
De qualquer mulher ou *home*;  
Anda agora muito em moda:  
Quem se sisca alhos come.

(A.)

3451 Detraz de qualquer vallado  
Se colhe uma verde ameixa;  
Quem por tolo se faz grave  
Tambem por tolo se deixa.

(A.)

3452 Oh morte, oh negra morte,  
Grande pena tu me deixas!  
Tu has de tornar a vir  
Para o anno das ameixas.

(D.)

3453 Meu amor quando era novo,  
 Par'cia um botão de rosa,  
 Agora em vindo o verão  
 E' como a ameixa babosa.

(A.)

3454 Deixa vir o v'rão, que é doce,  
 Tempo que amadura ameixas;  
 Deixaste-me a mim por outra,  
 Tanto levás como deixas.

(A.)

3455 *Assubi* por uma ameixa,  
 Desci por um cacho d'uvas;  
 As mulheres para os homens  
 São tão falsas como Judas.

(A.)

3456 Subi ao ramo mais alto,  
 Colhi um ramo d'ameixas;  
 Se me foras, amor, firme  
 Contava te as minhas queixas.

(A.)

3457 Papagaio, penna verde,  
 Tu foste ás minhas ameixas,  
 Torna atraz, ó papagaio,  
 Anda buscar as que deixas.

(D.)

3458 Ailé,  
 Carço d'ameixa:  
 O amor que é firme  
 Segura, não deixa.

(A.)

- 3459 Ailé, meu amor,  
Não te digo nada,  
Cinco réis d'ameixas  
E' 'ma chapérada ;  
Lá na minha aldeia  
E' chapérada e meia. (A.)
- 3460 Menina, se quer amendoas  
Encoste-se á amendoeira,  
Vá comendo, vá gostando,  
Vá mettendo p'r'á algibeira. (B. B.)
- 3461 Lá te mandei um raminho  
De tres amoras, que é lucto,  
E lá no meio vae dizendo :  
O' meu amor, quer'-te muito. (A.)
- 3462 De Lisboa me mandaram  
Quatro amórinhas, que é lucto ;  
Meu amor fica sabendo  
Que já te não quero *munto*. (A.)
- 3463 Fui ao jardim colher flôres,  
Não colhi senão amoras  
Ha muita falta d'amores  
Quando o primo se namora. (A.)
- 3464 Quem quer comprar, que eu vendo,  
Amórinhas a vintem ?  
São baratas, comprem todos,  
Que na cama `sabem bem. (A.)

3465 Eu sou bem como a amora,  
 Que entre as silveiras nasceu;  
 Como não hei-de eu prender  
 Um amor que só é meu!

(A)

3466 O meu amor amuou,  
 Foi ás amoras ao matto:  
 Sae-te d'ahi, amuado,  
 De amoras já 'starás farto.

(D.)

3467 O meu amor, coitadinho,  
 Foi ás amoras ao matto,  
 Coitado do meu amor,  
 Que nem d'amoras é farto.

(E.)

3468 O meu amor amuou-se,  
 De amuado foi ás amoras,  
 Anda lá, meu bem amado,  
 Que isso é por poucas horas.

(D.)

3469 Ailé,  
 O' mana, ó mana,  
 Deixa o ananaz,  
 Toma lá banana.

(A.)

3470 Azeitona é um segredo,  
 Tem o caroço escondido;  
 E as saudades são rôxas  
 Que eu trago para contigo.

(A.)



3471 A azeitona é um segredo,  
Tem o caroço escondido ;  
Todos sabem quem eu amo,  
Ninguem sabe o meu sentido.

(A.)

3472 A azeitona retalhada,  
Todo o anno tem valia ;  
Moça solteira em casando,  
Logo perde a *fantezia*.

(A.)

3473 A azeitona retalhada  
Logo perde o amargor,  
E' como a moça solteira:  
Quando casa perde a *côr*.

(A.)

3474 A azeitona cordovil  
Tem o caroço pintado ;  
Tenho visto caras lindas,  
Só tu és do meu agrado.

(A.)

3475 A azeitona cordovil  
Tem o caroço riscado ;  
Tráz-me lá no teu sentido,  
Que eu na memoria te trago.

(A.)

3476 A azeitona cordovil,  
Amor, comêmol-a ambos,  
Se dentro tiver veneno,  
Amor, morreremos ambos.

(T. M.)

- 3477 A azeitona que vem d'Elvas  
Toda ella é cordovil ;  
Já me deram um cabaço,  
Mas eu já dei mais de mil.  
(A.)
- 3478 A azeitona da cidade,  
Toda ella é cordovil ;  
Quem por mim *perdê* o somno,  
Já póde agora dormir.  
(A.)
- 3479 Atirei c'uma azeitona  
A's muralhas de Castella,  
Matei uma castelhana  
Que estava de sentinella.  
(A.)
- 3480 Atirei c'uma azeitona  
A's muralhas de Marvão ;  
Apanhei a malva rôxa  
Fechadinha em botão.  
(A.)
- 3481 Atirei c'uma azeitona  
A' menina da janella,  
A azeitona cahiu dentro,  
A menina quem m'a déra.  
(M.)
- 3482 Azeitona miudinha,  
Já morreu quem te apanhava,  
Agora deixa-te estar  
Por esse chão espalhada.  
(A.)

3483 Azeitona pequenina,  
Embarcou, foi p'r'ó Brazil ;  
Quem por mim perdia o somno,  
Agora póde dormir.

(T. M.)

3484 A azeitona miudinha  
Faz o ramo bem composto,  
Assim são as bexiguinhas,  
Menina, n'esse teu rosto.

(A.)

3485 A azeitona pequenina  
Que azeite póde render ?  
Homem sem barbas na cara  
Que vergonha póde ter ?

(A.)

3486 A azeitona miudinha  
Toda vae para o lagar ;  
A moça que é pequenina  
E' mais firme no amar.

(A.)

3487 A azeitona, p'ra ser preta,  
E' primeiro de tres côres ;  
Desengana o teu sentido  
Na paga que dão amores.

(A.)

3488 *Avar'jae, avar'jadores,*  
*Apanhae, apanhadeiras,*  
*Apanhae baguinhos d'ouro*  
*Que cáem das oliveiras.*

(A.)

3489 Apanhemos a azeitona,  
Não olhêmos para o norte,  
Que o dinheiro do nosso amo  
Não se ganha d'esta sorte.

(A.)

3490 Apanhemos a azeitona,  
Que está cahida no chão,  
Ainda que é miudinha,  
Sempre se come com pão.

(A.)

3491 Apanhemos a azeitona,  
Não deixemos os caroços,  
P'ra não dizer o nosso amo:  
Levam carne, deixam ossos.

(A.)

3492 Apanhemos a azeitona,  
Sem importar c' os abrolhos;  
Se pudesse haver-te ás unhas,  
Tinha-te tirado os olhos.

(A.)

3493 Apanhae, apanhadeiras,  
A fructa que está no chão,  
Antes que venha o feitor  
Cumprir sua obrigação.

(A.)

3494 O' ciranda, ó cirandinha,  
Vamos nós a cirandar,  
Lá no tempo d'azeitona  
Anda a ciranda no ar.

(A.)

3495 Os amores da azeitona  
São com'ós do papagaio,  
Em se acabando a azeitona:  
Fica-te com Deus, lá caio.

(A.)

3496 Os amores da azeitona  
São amor's da cotovia,  
Em se acabando o trabalho:  
Fica-te com Deus, Maria!

(A.)

3497 A azeitona já está preta,  
Já se póde armar ao tordo ;  
Eu não sei como ha quem deixe  
Um amor velho por novó.

(A.)

3498 A azeitona já está preta,  
E' tempo de armar aos tordos,  
E' tempo, minha menina,  
De tomarm'os amor's novos.

(A.)

3499 Olhos d'azeitona preta,  
De amores é signal certo,  
Se ao longe nos mettem medo,  
Captivam vistos de perto.

(A.)

3500 Chamaste-me preta, preta,  
Eu sou preta, bem o sei,  
Tambem a azeitona é preta  
E vae á mesa do rei.

(A.)

- 3501 Venho de cima do Douro,  
De varejar azeitona;  
Inda me aqui appareces,  
Cara de pouca vergonha.  
(D.)
- 3502 De cima do muro  
Se apanha azeitona;  
Quando os homens choram  
Tem pouca vergonha.  
(D.)
- 3503 Fui-me d'aqui tantas leguas  
A' fama d'esse barulho;  
Cuidava que era boleta,  
Achei-me com cascabulho.  
(A.)
- 3504 Com licença, meus senhores,  
Vou levantar minha voz,  
P'ra isto sou inf'rior  
Como a b'lota ao pé da noz.  
(A.)
- 3505 Minha vida são castanhas,  
A minha alma são boletas,  
Nos dias que te não vejo  
As minhas galas são pretas.  
(A.)
- 3506 Minha vida são castanhas,  
Meu desenfado bolotas,  
Os dias que te não vejo  
Todo eu ando ás cambalhotas.  
(A.)

3507 A castanha no ouriço  
'Stá com toda a gravidade,  
E' como a moça solteira  
Na *felor* da sua idade.

(T. M.)

3508 Prometti-te uma castanha  
Se m'a dér o castanheiro,  
E prometti de ser tua  
Se outro não vier primeiro.

(A.)

3509 Tenho corrido e andado  
A maior parte de Hespanha,  
Trago Portugal fechado  
Na casca d'uma castanha.

(A.)

3510 Quem me déra cá o tempo,  
O tempo das *esfolhadas*,  
Para dar ao meu amor  
Quatro castanhas assadas.

(B. A.)

3511 A m'nha vida são castanhas,  
Cozidas n'um alguidar;  
Eu já sei das tuas manhas,  
Não te estejas a gabar.

(A.)

3512 Quatro castanhas assadas,  
Um copinho d'aguardente,  
Um beijo d'uma solteira,  
Faz andar um rapaz quente.

(A.)

- 3513 Castanhas do Maranhão,  
Veem de fora do reino;  
Quanto mais mal de ti dizem,  
Mais amizade te eu tenho.  
(A.)
- 3514 Delicada é a cebolla  
Para as sopas dos carreiros;  
E' primeira vez que vejo  
Aos coices burros *matrêros*.  
(A.)
- 3515 A cereja é córadinha,  
Córada como o medronho;  
Eu sempre sonho contigo,  
E tu comigo não sonhas.  
(M.)
- 3516 Hortelão da Horta Nova,  
Regas o pé á cereja;  
Quem tem amor's com hort'lão  
Tem a fructa que deseja.  
(A.)
- 3517 Vós chamaes-me cerejinha,  
A cereja tudo tem,  
E' branca e é vermelhinha,  
E verde no pé tambem.  
(B. B.)
- 3518 Chamaste-me cerejinha  
Diante de tanta gente,  
Agora me fica o nome,  
Cerejinha para sempre.  
(T. M.)



3519 Chamaste-me cerejinha,  
Não me desprezo do nome,  
A cereja bem madura  
Todo o fidalgo a come.

(B. A.)

3520 As palavras dos amantes  
São como as cerejas bellas,  
Atraz d'umas veem outras,  
Não ha quem se aparte d'ellas.

(A.)

3521 Eu hei-de amar a cereja  
E tambem a cerejeira,  
Tambem hei-de amar-te a ti,  
Antes que teu pae não queira.

(A.)

3522 Adeus villa de Pedrogam,  
Adeus terra da cereja,  
Adeus amor, *benté* logo  
Ainda que mais não seja.

(A.)

3523 Hortelão da Horta Nova,  
Rega a raiz ao damasco;  
Quem tem um amor, quer dois,  
D'essa fructa é que eu não gasto.

(A.)

3524 Os damascos e os pecegos  
São as fructas do meu gosto,  
Bem grossas e rosadinhas  
Como as côres do teu rosto.

(A.)

3525 *Atirê c'um ai ó ceo,  
Cubrê o pé ó damasco;  
Não faças conta commigo,  
Q'ê contigo não na faço.*  
(A.)

5526 *Todos os favaes tem favas,  
Só o meu tem ervillinhas;  
Todas 'stão a conversar,  
Só eu estou a dobar linhas.*  
(D.)

3527 *Favas verdes com toucinho  
Quem não as tem não as come;  
Da saia velha que tinha  
Fiz uns calções ó meu home.*  
(A.)

3528 *Feijão carrapato branco  
Da ilha de S. Thomé;  
Conselhos como os que dás  
Tenho eu a pontapés.*  
(D.)

3529 *Ai que rua tão comprida  
Para semear feijões!  
Que menina tão bonita  
Para render corações.*  
(A.)

3530 *Andas p'ra baixo p'ra cima,  
Como o figo na figueira,  
Andas morto por casar,  
Mas não achas quem te queira.*  
(A.)

3531 Figos d'aquella figueira,  
Quem os houver de comer  
Deve ter o pé ligeiro  
Para subir e descer.  
(B. A.)

3532 Eu não quer' contigo figos,  
Eu não quer' contigo passas,  
Quero ir ás Albufeiras  
A bailar co'as alabaças.  
(A.)

3533 Adeus terra do Algarve,  
Terra de pouco sustento,  
Só comem castanha pôdre  
E algum figo *bularento*.  
(A.)

3534 Cantas bem, não cantas mal,  
Mas tens postura d'alarve,  
Andas de terrinha em terra  
A vender passas do Algarve.  
(A.)

3535 Meu amor é algarvio,  
Passa as passinhas do Algarve,  
Quando vem p'r'ó Alemtejo  
Vende passinhas alarves.  
(A.)

3536 Meu amor é algarvio,  
Passa as passas do Algarve,  
Quando vem ó Alemtejo,  
Vem cá dar passos d'alarve.  
(A.)

3537 Rapazes, rapazes,  
Amigos, amigos,  
Andam pelas ruas  
A tres, como os figos.

(A.)

3538 Tenho uma laranja d'oiro,  
Vermelha como a cereja,  
Para dar ao meu amor,  
A' sahida da egreja.

(A.)

3539 Tenho uma laranja d'oiro,  
Ao canto do meu bahú,  
Para dar ao meu amor  
Queira Deus que sejas tu.

(A.)

3540 A laranja quando nasce  
O rouxinol a namora,  
Anda de folhinha em folha,  
Dá-lhe um beijo e vae-se embora.

(T. M.)

3541 A laranja quando nasce  
Logo traz a casca dura,  
E' como a moça solteira,  
Que até no andar é pura.

(A.)

3542 A laranja quando nasce  
Logo nasce redondinha,  
Tambem tu, minha menina,  
Nascestes para ser minha.

(T. M.)

3543 Aqui tens esta laranja,  
Tira-lhe o sumo de dentro,  
Da casca faz um navio,  
Embarca o teu pensamento.

(A.)

3544 Ahi vae essa laranja,  
Mesmo agora aqui colhida,  
Dentro d'ella has-de achar  
Lagrimas d'arrependida.

(A.)

3545 Toma lá esta laranja,  
Olha que tem o pé duro,  
Quem te dá uma laranja  
Tambem te dá por seguro.

(A.)

3546 Toma lá esta laranja,  
Não digas eu que t'a dei,  
Que eu não tenho laranjal,  
Dirão eu que a furtei.

(M.)

3547 Toma lá esta laranja,  
Toma lá que t'a dou eu,  
Por ser a primeira fructa  
Que o pomar de meu pai deu.

(T. M.)

3548 Toma lá esta laranja,  
Nunca digas quem t'a deu,  
Que foi o primeiro fructo  
Que o pomar de meu pae deu.

(A.)

3549 Pediste-me uma laranja,  
Meu pae não tem laranjal,  
Toma lá um limão doce,  
Que trago no avental.

(A.)

3550 Pediste-me uma laranja,  
Meu pae não tem laranjal,  
Toma tu lá, e contenta-te,  
Um limãosinho bical.

(A.)

3551 Pediste-me uma laranja,  
Meu pae não tem laranjal,  
Se queres um limão doce  
Vem á porta do quintal.

(A.)

3552 Atirei c'uma laranja  
Pelo vall' de Chaves fóra,  
A laranja ficou dentro,  
Eu de Chaves vou me embora.

(M.)

3553 Atirei c'uma laranja  
A's muralhas de Arzil ;  
Quem por mim perdia o somno  
Já póde agora dormir.

(A.)

3554 O' Coimbra das laranjas,  
O' Montemor dos limões,  
Adeus Maiorca das limas,  
Figueira dos corações.

(D.)

3555 Aqui tens uma laranja,  
Da laranjeira colhida,  
Quem te dá uma laranja  
Deseja-te dar a vida.

(A.)

3556 Menina do laranjal,  
Bote-me uma laranjinha,  
Inda que ella seja azeda,  
Da sua mão é docinha.

(D.)

3557 A laranja de Carvão  
Não ha outra que lhe eguale,  
Já tomei uma pançada,  
Que dei baixa ao hospital.

(A.)

3558 A laranja regadia  
Pela casca se conhece ;  
O meu amor de algum dia  
Ainda hoje me não 'squece.

(A.)

3559 Quem me déra um pão molle  
E uma laranja partida,  
Para dar ao meu amor,  
Que anda de tromba cahida.

(A.)

3560 Não me tussa, não me rasque,  
Eu não tenho nenhum erro,  
Estou como a laranjinha  
Quando sahe do arvoredado.

(T. M.)

3561 O' laranja, ó laranja,  
Tres laranjas n'um pé só;  
Hei-de cantar esta moda  
A' neta da minha avó.

(ALG.)

3562 O retrato da laranja,  
E' tirado do limão,  
O teu retrato, meu bem,  
Trago eu no coração.

(A.)

3563 Quem me déra 'ma laranja,  
P'r'ájuntar com um limão;  
Ai, tanta saudade falsa!  
Tanto bem querer em vão!

(A.)

3564 O' laranja miudinha,  
Custosa de descascar;  
Se tu tens de vir ser minha,  
P'ra que te andas a desviar.

(E.)

3565 Tenho dentro do meu peito  
Laranja, cidra, limão,  
P'ra trazer as fructas todas  
Falta-me o teu coração.

(A.)

3566 Pediste-me uma laranja,  
P'ra regar teu coração,  
Qu'ria me visses comer  
Laranja, cidra e limão.

(A.)



- 3567 Fui ó jardim colher fructas,  
Colhi laranjas e cidras ;  
Amor, não dês *créto* a sonhos,  
Que são palavras dormidas.  
(A.)
- 3568 A laranja tangerina  
Tem a casca luzidia ;  
Como posso eu esquecer  
O meu amor d'algum dia.  
(A.)
- 3569 A laranja madurinha  
E' melhor que a tangerina ;  
A mulher que é bem formosa  
Sempre parece menina.  
(A.)
- 3570 O' laranja tangerina,  
Aqui 'stá quem te colheu ;  
P'ra que te fazes tão fina  
Se tu não és mais de que eu.  
(A.)
- 3571 O' que bellas tangerinas,  
Ha na quinta do Gaião ;  
Esses teus olhos, menina,  
São a minha perdição.  
(A.)
- 3572 Para ir á horta,  
Mais vale ir á quinta  
Buscar 'ma laranja  
P'ra metter na cinta.  
(A.)

3573 O amor dos homens  
 E' de pouca dura,  
 E' como a laranja  
 Quando está madura.

(A.)

3574 Ailé,  
 Laranja chinesa,  
 Repara p'ra mim  
 Que sou camponeza.

(A.)

3575 Ailé,  
 Laranja chinesa,  
 A mim não me engana  
 A tua esperteza.

(A.)

3576 Laranja da China,  
 Do jardim do rei ;  
 O casar é doce,  
 Isso é que eu não sei ;  
 Isso é que eu não sei  
 A mim não me importa,  
 Laranja da China,  
 Lá no meio da horta.

(A.)

3577 Laranja da China,  
 A' mesa do rei ;  
 Se o casar é doce,  
 Isso é que eu não sei ;  
 Isso é que eu não sei,  
 Mas hei-de exp'rimantar ;  
 Laranja da China  
 No meu laranjal.

(A.)

- 3578 Ailé,  
O' amor leal,  
Dá-me uma laranja  
Do teu laranjal.  
(A.)
- 3579 Ailé,  
O' laranja azeda,  
Se tu me não queres  
Além vae a v'reda.  
(A.)
- 3580 Ailé,  
Manoel, amor,  
Vamos á laranja,  
Que ella está em flôr.  
(A.)
- 3581 Ailé, ailé,  
Laranja e limão;  
Se o teu mal é febre  
Eu sou *surgião*.  
(A.)
- 3582 O limão bem dôce aos gômos,  
Com *assucre* é bom p'r'ó peito,  
Dá trabalho a descascar  
Mas bem serve de sustento.  
(A.)
- 3583 O' que bello limão dôce,  
Colhido no laranjal;  
Se eu te não tivera amado,  
Menos seria o meu mal.  
(A.)

- 3584 O' limão, verde limão,  
Que lá estás no limoeiro;  
Não ha flôr como a violeta,  
Nem amor como o primeiro.  
(A.)
- 3585 Quem me déra um limão  
Do limoeiro azedo,  
Para tirar o fastio  
A quem o ganhou tão cedo.  
(A.)
- 3586 Já não ha quem dê limões  
Do limoeiro da verdade;  
Quem ama a dois corações  
Ama algum com falsidade.  
(A.)
- 3587 O limão tira o fastio,  
A laranja o bem querer;  
Tira da moça o sentido  
Nunca te ha-de pertencer.  
(A.)
- 3588 O' meu amor, meu amor,  
Meu amor do coração,  
Se te doer a cabeça  
Bebe-lhe o chá do limão.  
(A.)
- 3589 O limão é fructa azeda,  
Criada no verde escuro,  
Ninguem se póde gabar  
Que tem o amor seguro.  
(D.)

3590 O limão é fructa azeda  
Que se vende na botica;  
Ama-se quem é de gosto,  
Quem não é de gosto fica.

(T. M.)

3591 Canta, canario verde,  
Verde é, verde limão;  
Tu bem sabes, meu amor,  
Qual é a minha tenção.

(A.)

3592 Algum dia, por te vêr,  
Dava voltas ao limão,  
Agora, por te não vêr,  
Dou voltas ao coração.

(A.)

3593 Já não ha quem queira dar  
Um limão por um vintem,  
Que é para tirar 'ma nodoa  
Que este meu coração tem.

(A.)

3594 Da janella do meu bem  
Me atiraram c'um limão,  
Bateu-me a casca no peito  
E o sumo no coração.

(A.)

3595 Limão dôce, limão dôce,  
Só a casca te amaruja;  
Prenderei o meu amor  
Com laços, que me não fuja.

(D.)

3596 Chamaste-me triste, triste,  
Como a folha do limão,  
Eu sou triste para ti,  
Alegre para João.

(A.)

3597 Tenho um lenço pelas pontas  
Cheio de limões bicaes ;  
Eu quiz vêr se me esquecias,  
Cada vez me lembras mais.

(A.)

3598 Tenho um lenço de cambraia  
Com folhinhas de limão ;  
Eu venho de peito feito  
A ganhar teu coração.

(A.)

3599 Atirei co' o limão verde,  
A' t'a porta foi rodando,  
Elle te foi avisar  
De que eu te estava esperando.

(A.)

3600 Atirei co' o limão verde,  
A' tua porta parou,  
Quando o limão te quer bem,  
Que fará quem o deitou.

(A.)

3601 Deitei o limão correndo,  
A' tua porta parou,  
Quando o limão toma amores,  
Que fará quem o deitou.

(T. M.)

- 3602 Deitei um limão correndo,  
A' tua porta parou,  
Olha a graça do limão,  
Parece que adivinhou!  
(A.)
- 3603 Atirei um limão dôce  
A's janellas de Guiomar,  
Ai, Jesus! que lá matei  
Aquella pomba real.  
(D.)
- 3604 Deitei o limão correndo,  
A' tua porta parou,  
Verde foi, e verde veio,  
Ai, falso que me enganou!  
(A.)
- 3605 Deitei o limão correndo  
Lá pelo adro da sé;  
Amores que eu não pretendo  
Deito-os p'r'á banda co' o pé.  
(A.)
- 3606 Deitei o limão correndo,  
Correndo foi ao Brazil;  
Quem por mim perdia o somno,  
Já póde agora dormir.  
(A.)
- 3607 Deitei o limão correndo  
A' roda do verde v'llado,  
P'ra o meu amor entender  
Que eu ando desconfiado.  
(A.)

3608 Deitei o limão correndo  
Da praça ao pelourinho,  
Quanto mais o limão corre  
Mais te eu quero, meu bemsinho.  
(A.)

3609 Deitei um limão correndo,  
Correndo foi á botica;  
Anda agora muito em moda:  
Quem é tolo, asno se fica.  
(A.)

3610 Botei o limão correndo  
De Villa Nova ó *acães*,  
Pensando que me esquecias  
Cada vez me lembras mais.  
(D.)

3611 O limão, verde limão,  
Tem a casca, como a lima;  
Nasce o sol em S. Romão,  
Deita raios á Franquinha.  
(A.)

3612 Não posso correr, não posso,  
Nem com sumo de limão;  
Nem posso tirar meus olhos  
De aonde eu tenho a tenção.  
(A.)

3613 Os labios do meu amor  
São gomminhos de limão,  
Que misturados com beijos  
Dão allivio ao coração.  
(A.)



3614 Disse a lima p'r'ó limão :  
—Qual de nós será mais dôce ?  
Dava-te o meu coração  
Se o teu p'r'ó meu assim fosse.

(A.)

3615 Ruá da Igreja é lima,  
E a detraz é limão,  
O Rocio penna verde,  
E o adro mangericão.

(B. B.)

3616 Ailé,  
Folha de limão,  
O meu lindo amor  
Chama-se João.

(A.)

3617 Ailé,  
Toma lá limão,  
Colhido de noite,  
Pela fresquidão.

(A.)

3618 Tanta lima, tanta lima,  
Tanta silva, tanta amora,  
Tanta menina bonita,  
E meu pae sem ter 'ma nóra.

(A.)

3619 Eu matei a minha sêde  
Com o sumo d'uma lima;  
Deixar de amar eu não hei-de  
Quem a mim tanto me estima.

(A.)

3620 Um botão tão fechadinho,  
Com o peso d'uma lima,  
Onde havia de ir nascer,  
No quintal da minha prima!  
(A.)

3621 No largo da Miser'cordia  
Está um pomar de limas;  
Viva quem ha-de lograr  
Esses teus olhos, menina.  
(A.)

3622 Na rua da Abebereira  
'Stá um pomar de maçãs;  
Viva quem ha-de lograr  
Uma das duas irmãs.  
(A.)

3623 A maçã na macieira  
Depois de madura cáe;  
Se eu quizer dizer, bem sei  
D'onde *rescende* o meu ai.  
(D.)

3624 A maçã na macieira  
Sempre nasce redondinha,  
Tambem tu, minha menina,  
Nasceste para ser minha.  
(E.)

3625 A maçã na macieira  
Não se quer abocanhada,  
E' como a moça solteira  
Que espera de ser casada.  
(D.)

3626 Minha maçã vermelhinha,  
Não a comi nem a dei,  
Tenho-a ao canto da caixa,  
Com ella te pagarei.

(D.)

3627 Minha maçã camoeza  
Navega, não vás ao fundo;  
Antes que queira não posso  
Ir tapar a bocca ao mundo.

(T. M.)

3628 Eu sou como a camoeza  
Criada no ramo alto;  
Pódes viver na certeza,  
Ao que prometto não falto.

(A.)

3629 Não sei como ha quem coma  
O marmello debulhado;  
Não sei como ha quem traga  
O seu amor enganado.

(A.)

3630 Não sei como ha quem coma  
Marmello mal mastigado;  
Não sei como ha quem queira  
Amor d'outro namorado.

(A.)

3631 Não sei como ha quem coma  
Marmello de casca velha;  
Não sei como ha quem traga  
Duas mocinhas á tréla.

(A.)

3632 Não sei como ha quem coma  
Marmello com casca e tudo;  
Não sei como ha quem traga  
Dois amores pelo mundo.

(A.)

3633 Não sei como ha quem coma  
Marmello com casca e tudo;  
Não sei como ha quem queira  
Só um amor n'este mundo.

(A.)

3634 Menina, se tem fastio,  
Coma marmello azêdo,  
Beba agua, não se embace,  
Não descubra o seu segredo.

(A.)

3635 Aqui tens meu coração,  
Retalha-o como o marmello,  
Que lá dentro has-de achar  
O mal ou bem que te eu quero.

(D.)

3636 Não olhes p'r'ó meu cabelo,  
Nem p'r'ó meu metter do pente;  
Eu não sou marmello das balsas  
Que tu lhe mettas o dente.

(A.)

3637 Chamaste-me triste, triste,  
Como a folha do marmello,  
Eu sou triste para ti,  
Alegre p'ra quem eu quero.

(A.)

- 3638 Marmello com sua ameixa,  
Laranja com seu limão,  
Damasco com fructa nova,  
Melancia com melão.  
(A.)
- 3639 Ailé,  
Monte d'Alcobaça;  
Não me dê marmello,  
Que o marmello embaça.  
(A.)
- 3640 Não ha coisa que mais lavre  
Que é o pé da melancia;  
Quem tem o amor soldado  
Chora de noite e de dia.  
(A.)
- 3641 Eu hei-de escrever, ó ai,  
Na casca da melancia;  
Quem tem o amor soldado  
Chora de noite e de dia.  
(A.)
- 3642 Aldeia de Vendas Novas,  
Quartel d'artilheria,  
Adeus campos d'essa aldeia,  
Onde eu ia ás melancias.  
(A.)
- 3643 Andas morta por saber  
Onde o meu bem lava o rosto,  
Na casca da melancia,  
Colhida no mez d'agosto.  
(A.)

- 3644 O' minha cara de neve,  
 Com que lavas o teu rosto?  
 Com agua de melancia,  
 Colhida no mez de agosto.  
 (D.)
- 3645 Os amores hoje em dia  
 São falsos como o melão,  
 Preciso é partir-se um cento  
 Para se encontrar um são.  
 (A.)
- 3646 Tenho feito juramento  
 Na casca da noz, que é forte,  
 De não deixar os teus olhos  
 Senão á hora da morte.  
 (D.)
- 3647 Não se me dá d'apostar  
 Uma cestinha de nozes,  
 Que no dia em que casar  
 Não hei-de fazer filhozes.  
 (A.)
- 3648 Déste-me um lenço de nozes,  
 Isso são arcas fechadas;  
 Vae amar quem tens amado,  
 Que eu não sou quem tu cuidavas.  
 (A.)
- 3649 Canta, canta, meu amor,  
 Que te quero ouvir a voz,  
 Que te quero vêr mettida  
 Dentro da casca da noz.  
 (A.)

3650 Aqui 'stou partindo as nozes,  
Além 'stão migando a couve,  
Uma vez que fiz filhozes,  
Logo todo o mundo o soube.

(A.)

3651 Em Villar se faz' camisas,  
Em Massarellos botões,  
Tambem no Porto se vendem  
Pecegos maracotões.

(D.)

3652 O pepino quer-se verde  
E o tomate encarnado,  
A uva quer-se madura,  
O amor firme e calado.

(A.)

3653 Hortelão da Horta Nova  
Regae o pé ao pepino,  
Regae o pé ao meu bem,  
Que cresça, que é pequenino.

(A.)

3654 Estes rapazes d'agora  
Não comem senão pepino,  
Para forrarem dinheiro  
Para cintas de merino.

(A.)

3655 O amor dos homens  
E' como o pepino,  
Quando elles choram  
O calote é fino.

(A.)

3656 Déste-me uma pêra verde,  
Que havia de amadurar,  
O que é verde é sempre verde,  
'Scusavas de me enganar.  
(M.)

3657 Déste-me uma pêra verde,  
Não *na* comi, nem *na* dei,  
Pul-a no madureiro,  
Com ella te pagarei.  
(M.)

3658 Déste-me uma pêra verde,  
Na minha mão é madura;  
Não cuidei, ó meu amor,  
Que eras de tão pouca dura.  
(M.)

3659 Dá-me tu da pêra parda,  
Da maçã um bocadinho,  
De teus braços um abraço,  
Da tua bocca um beijinho.  
(A.)

3660 Chamaste-me pêra parda,  
Pêra parda quero ser,  
Lá virá o mez de agosto  
Em que me queiras comer.  
(A.)

3661 Chamaste-me pêra parda,  
Pêra parda quero ser.  
Quando as verdes te deixarem  
Então é que me has-de q'rer.  
(A)



- 3662 Toda a moça que não tem  
O seu amor hortelão,  
Não é moça, não é nada,  
Nem come pêras no v'rao.  
(A.)
- 3663 —Hortelão da Horta Nova  
Deita para cá 'ma pêra.  
—Ainda não 'stão maduras,  
Minha boneca de cêra.  
(A.)
- 3664 —Dá-me da pêra madura  
E da maçã 'ma talhada.  
—Quem tem amores dá tudo,  
Quem os não tem não dá nada.  
(A.)
- 3665 Os olhos do meu amor  
São duas pêras n'um ramo,  
Redondinhos, á franceza,  
Deitados ao desengano.  
(A.)
- 3666 De Lisboa me mandaram  
Quatro pêras n'um raminho;  
Viv'ó noivo, viv'á noiva,  
Viva tambem o padrinho.  
(A.)
- 3667 De Lisboa me mandaram  
Quatro pêras n'um tronquinho;  
Quem me déra agora vêr  
Quem me deu este raminho.  
(A.)

- 3668 De Lisboa me mandaram  
Tres pêras n'um ramalhinho,  
Quem me déra agora vêr  
Quem fez o ramalhetinho. (D.)
- 3669 Tod' á moça que é bonita  
Mais valera não o ser,  
E' como a pêra madura,  
Todos a querem comer. (A.)
- 3670 O' filha, deixa-te estar  
Como a pêra na pereira,  
Para te vêr mal casada,  
Quero-te antes vêr solteira. (A.)
- 3671 Ao almoço me dão pêras,  
Ao jantar pêras me dão,  
A' merenda pão com pêras,  
A' ceia pêras com pão. (A.)
- 3672 O baguinho de pimenta  
E' pequenino, mas queima;  
Tenho visto amores deixados  
Tornarem á mesma teima. (A.)
- 3673 Meu grãosinho de pimenta,  
Tão pequenino, mas queima;  
Deixa lá falar quem fala,  
Seguimos a nossa teima. (A.)

- 3674 Chamaste-me trigueirinha,  
Sou trigueirinha, bem sei,  
Tambem a pimenta é negra  
E vae á mesa do rei.  
(A.)
- 3675 A salada 'stá temp'rada  
E só lhe falta a pimenta;  
O pae quer, a mãe consente,  
A filha diz-me que entre.  
(A.)
- 3676 A salada 'stá temp'rada,  
Só lhe falta o pimentão;  
O pae quer, a mãe consente,  
E a filha não diz que não.  
(A.)
- 3677 Ailé, ailé,  
Toma lá pinhões,  
Come poucochinhos,  
Que te dão sezões.  
(A.)
- 3678 Adeus, villa de Reguengos,  
Cercada de cachos d'uvas;  
Vão-se os rapazes embora,  
Ficam as moças viúvas.  
(A.)
- 3679 Quem tem ramadas tem uvas,  
Quem tem uvas tem que dar,  
Quem tem carneiros tem lâ,  
Quem tem lâ tem que cardar.  
(A.)

- 3680 Eu bem vi andar a morte  
N'uma vinha a apanhar uvas,  
Tira-te d'hi, morte negra,  
Desamparo das viúvas.  
(D.)
- 3681 A morte encontrei no adro,  
Comendo n'um cacho d'uvas;  
Vae-te falso, vae-te ingrato,  
Desamparo das viúvas.  
(A.)
- 3682 Antoninho pede, pede,  
Que eu não tenho que te dar,  
*Darei te um cachinho d'uvas*  
Quando meu pae vindimar.  
(B. A.)
- 3683 Não colhas o cacho verde  
A' parreira essencial;  
Ninguem descubra o seu peito  
A quem lhe não fôr leal.  
(A.)
- 3684 'Nina, dá-me um cacho d'uvas,  
E senão dá-me um baguinho;  
Dá-me menin' *ós tês* olhos,  
P'r' andar melhor o caminho.  
(A.)
- 3685 Oh que lindo cacho de uvas!  
Oh quem me déra um baguinho!  
Oh, que lindo gesto d'olhos  
Para quem vae de caminho!  
(A.)

3686 O largo de S. Domingos  
 'Stá cheio de cachos d'uvas;  
 Vão-se embora os artilheiros,  
 Ficam as moças viúvas. (A.)

3687 Adeus, ó cidade d'Elvas,  
 Cercada de cachos d'uvas;  
 Anda agora muito em moda:  
 Tira o cavallo da chuva. (A.)

3688 Tens á porta uma latada,  
 Por cima cachos ferraes;  
 Eu quero bem ás Marias,  
 Mas ás Annas inda mais. (A.)

3689 O' meu amor, se quer's uvas  
 Bota cá o teu barrete,  
 Que a ramada ainda tem  
 Para ti, meu ramalhete. (A.)

3690 O' meu amor se quer's uvas,  
 Traz-me cá o teu chapeo,  
 Que a ramada ainda tem  
 Para ti, anjo do ceo. (D.)

~~~~~  
 Em respeito a esta secção, veja tambem os Cantos n.ºs 41, 53, 81, 122, 140, 144, 162, 175, 206 a 208, 220, 227, 232, 235 a 237, 240, 241, 245, 252, 256, 260, 267, 270, 293, 302, 317, 330, 332, 336, 345 a 347, 365, 377, 390, 408, 411, 414, 418, 427, 446, 448, 451, 458, 468, 491, 502, 534, 535, 547 a 550, 553, 562, 563, 566, 573, 583, 588 a 590, 592 a 594, 598, 601, 616, 625, 627 a 629, 633, 637, 639, 642, 643, 651, 653, 654, 663, 664, 667, 669 a 671, 680, 690, 709, 716, 725, 729, 767, 772, 827, 837, 879, 917 a 927, 931, 932, 957 a 959, 961, 972, 1003, 1010, 1014, 1022 a 1024, 1027, 1035, 1057, 1096, 1109, 1110, 1128, 1129, 1184, 1170, 1187, 1190, 1279, 1290, 1291, 1293, 1317 a 1319, 1335 a 1354, 1357 a 1361, 1383, 1387, 1389, 1390, 1429, 1436 a 1438, 1478, 1554, 1591, 1598, 1611 a 1623, 1626 a 1631, 1663, 1664, 1676, 1677, 1679, 1683, 1692 a 1694, 1702, 1712 a 1718, 1721, 1726, 1728, 1730 a 1732, 1734, 1755, 1756, 1767, 1773, 1799, 1800, 1802, 1805, 1807, 1815, 1817, 1820, 1856, 1859 a 1861, 1864, 1878, 1889, 1899, 1913, 1914, 1926, 1964, 1966, 2011 a 2014, 2024, 2109, 2126 a 2129, 2132, 2133, 2166 a 2170, 2172 a 2174, 2205, 2236, 2351 a 2353, 2361, 2387, 2490 a 2492, 2522, 2525.

## i) Os animaes

- 3691 Oh, que linda *barboleta*,  
Salpicada de mil côres!  
Ail quem me déra apanhal-a,  
Para dar aos meus amores.  
(ALG.)
- 3692 O' meu amor, se tu fôres,  
Leva-me na tua alminha,  
Que eu sou como a borboleta,  
Onde quer vou mettidinha.  
(D.)
- 3693 Em Coimbra succedeu  
Um caso muito galante,  
Fez uma cigarra o ninho  
Nas barbas de um estudante.  
(D.)
- 3694 Encontrei um esc'ravelho  
Quando vinha de ceifar,  
C'uma pragana n'um olho,  
Um pico no calcanhar.  
(A.)
- 3695 Encontrei um esc'ravelho  
Quando vinha do restolho,  
C'um pico no calcanhar,  
Uma pragana n'um olho.  
(A.)

3696 Deitei-me a dormir um somno  
A' sombra d'uma formiga,  
Uma pulga deu-me um couce,  
Ninguem me julgava a vida.  
(A.)

3697 Eu já fiz 'ma sementeira  
C'um gafanhoto e um grillo,  
Depois metti-os na eira  
A debulhar com um trilho.  
(A.)

3698 Toda a vida meu pae disse :  
Filho não sejas maroto,  
Desvia-te das mulheres  
C'm'ó peixe do gafanhoto.  
(A.)

3699 Eu já vi uma mosca prenhe,  
Depois de prenhe parir,  
Depois de parir morrer,  
Depois de morrer bulir.  
(D.)

3700 Eu hei-de casar este anno,  
Convidar a gente toda,  
Hei-de matar um mosquito,  
P'ra fazer 'ma grande boda.  
(A.)

3701 Esta noite sonhei eu  
Que te estava dando beijos,  
Acordei, achei-me só,  
Puz-me a catar persevejos.  
(A.)

- 3702 De Lisboa me mandaram  
As orelhas d'um piolho,  
Mettidas dentro d'um cofre  
Do feitio d'um repolho.  
(A.)
- 3703 De Lisboa me mandaram  
Uma condeça de riso,  
Um piolho c'um chocalho,  
Uma pulga com seu guiso.  
(A.)
- 3704 A pulga é bicha preta,  
Tem dente de *marafim*,  
Dorme na cama das moças,  
Quem me déra a mim assim.  
(A.)
- 3705 O meu amor é um denngo,  
Mandei-o pôr de varanda,  
Deu-lhe uma pulga um coice,  
Foi parar á Outra Banda.  
(E.)
- 3706 O *mê* amor é um denngo,  
Vou á cama *nan no* acho,  
*Dê-le* uma pulga o *sê côce*,  
*Dê-tó m'o da cam'ábaxo*.  
(A.)
- 3707 Se tu visses o que eu vi  
Lá no Rio de Janeiro:  
Uma pulga a bater sola  
Na testa d'um sapateiro.  
(A.)



3708 *O' subir d'uma escalera*  
 Uma púlga me picou,  
 Agarrei-lhe pelo rabo,  
 Tres sopapos me levou.

(A.)

3709 De Lisboa me mandaram  
 Um guisado com seu molho,  
 O coração d'uma pulga,  
 A cachola d'um piolho.

(A.)

3710 A mãe era pobresinha,  
 O pae pescador d'anzol,  
 E a filha ficava em casa  
 Catando as pulgas ao sol.

(A.)

3711 A *pulega* está doente,  
 A' pulga doe-lhe a barriga,  
 O ladrão do persevejo  
 Tem a espinhela cahida.

(A.)

3712 A cama do soldado  
 E' um belo paraíso,  
 A pulgá toca viola,  
 O piolho toca o guiso.

(A.)

3713 De uma fala que te dei  
 Logo te foste a gabar,  
 Pela bocca perde o peixe,  
 Bem te poderas calar.

(B. A.)

3714 O meu amor eras tu.  
 Se não te foras gaba,  
 Pela bocca morre o peixe,  
 Quem te mandou ir falar ?

(D.)

3715 Eu penteio o meu cabello  
 Com pentes de *marafim* ;  
 Pela boca morre o peixe,  
 Assim te aconteceu a ti.

(A.)

3716 Eu sou dos que sempre vivem  
 Sem que a desventura os deixe ;  
 Quantos há que sempre tiram  
 As redes cheias de peixe !

(A.)

3717 Os teus olhos são dois peixes  
 Que me vieram d'Angola,  
 Inda não foram captivos,  
 Mas captivaram-se agora.

(A.)

3718 Tenho dentro do meu peito  
 Duas espinhas de peixe,  
 Uma diz que te não ame,  
 Outra diz que te não deixe.

(A.)

3719 Se tu visses o que eu vi,  
 Pasmavas como eu pasmei,  
 Eu já vi a morte ás costas,  
 A's costas de um peixe-rei.

(A.)

- 3720 De Lisboa me mandaram  
Um presente nada mau,  
O teu retrato mettido  
Nas *guerlas* d'um bacalhau.  
(A.)
- 3721 Caranguejo não é peixe,  
Caranguejo peixe é,  
'Stá metido na taloca  
A' espera da maré.  
(D.)
- 3722 Mandei fazer um relógio  
Dos ossos do caranguejo,  
Para contar os minutos  
Das horas que te não vejo.  
(A.)
- 2723 Adeus ó bairro d'Espinho  
Arrasado sejas tu,  
De carapau e faneca,  
Permita Christo Jesus.  
(D.)
- 3724 Se pensas que eu por ti morro,  
Nem por ti rompo sapatos,  
Minha cara de faneca,  
Toda roida dos ratos.  
(A.)
- 3725 A' roda, menina, à roda,  
A' roda como a lampreia ;  
Quem tem a mulher bonita  
Dá pena a quem a tem feia.  
(D.)

3726 As sardinhas são da praia,  
Lagostas de S. Martinho,  
Uma terra tão bonita  
Onde se bebe bom vinho.

(B.)

3727 Já lá vem o barco á vela,  
Lá vem a sardinha boa,  
Lá vem o meu amorsinho,  
Vem assentadinho à pros.

(D.)

3728 Hei-de-te dar um remédio  
Para a tua catarrheira :  
Uma sardinha salgada  
A sahir da salgadeira.

(D.)

3729 Canta, camarada, canta,  
Meu camarada não canta,  
o meu sardinhas salgadas,  
Ficou-lhe o sal na garganta.

(A.)

3730 Cala a bocca, tola, tola,  
Cara de sardinha crúa,  
Se eu fôra a dona da casa  
Já 'stavas no meio da rua.

(A.)

3731 Tira-te d'essa janella,  
Cara de sardinha frita,  
De cada vez que te vejo  
Se me revolvem as tripas.

(A.)

3732 Siga a roda, siga a roda,  
Esta é tua, aquela é minha,  
Cada um tem que puxar  
A braza á sua sardinha.

(A.)

3733 Lá na França se formou  
Um valente regimento  
De cabeças de sardinhas,  
De que um gato era o sargento.

(E.)

3734 Um estudante, menina,  
E' comparado á sardinha.  
Salgadita com escamas,  
Pouca carne e muita espinha.

(A.)

3735 Lindos olhos tem a truta,  
Quando olha de repente,  
Lindos amor's tinha eu,  
Se elles me durassem sempre.

(D.)

3736 Da minha janella á tua  
E' um salto d'uma rã ;  
Inda espero de chamar  
Cunhada a tua irmã.

(A.)

3737 Eu sou como a cobra d'agua,  
Feito todo de mil côres ;  
Dê-me licença, menina,  
Que lhe conte os meus amores.

(A.)

3738 Da minha janella á tua  
 E' o salto duma cobra ;  
 Quem me dera já chamar  
 A tua mãe minha sogra.

(A.)

3739 Lindos olhos tem *na* cobra.  
 Quando olha de repente ;  
 Mais val' um bom desengano,  
 Que andar enganada sempre.

(A.)

3740 Quem falar da minha vida,  
 Quem d'ella fizer leilão,  
 Arrastado o vejo eu,  
 Como a cobra pelo chão.

(A.)

3741 A cobra vae pelo monte,  
 Cuida que ninguem a vê;  
 Assim são os namorados . . .  
 Não digo isto por você.

(A.)

3742 Se tu viras o que vi,  
 Fugiras como eu fugi,  
 Uma cobra com sapatos,  
 A correr atraz de *mi*.

(A.)

3743 Se tu visses o que eu vi,  
 Fugias, como eu fugi,  
 Uma cobra com 'ma roca,  
 Que par'cia 'ma cachopa.

(A.)

- 3744 Os olhos do meu amor  
São duas cobrinhas vivas,  
Entram dentro do meu peito,  
Mordem, e não fazem f'ridas  
(A.)
- 3745 O lagarto, coitadinho,  
De inverno não apparece,  
E' como o amor dos homens,  
E' firme, não esmorece.  
(A.)
- 3746 O lagarto, coitadinho,  
'Stá enterrado na areia.  
Quem o fôr desenterrar  
Tem dez annos de cadeia.  
(A.)
- 3747 De Lisboa me mandaram  
Um lagarto de presente,  
Com'ma fitinha ao pescoço,  
Vinha doido de contente.  
(A.)
- 3748 O lagarto mais a cobra  
Foram passear ao Jordão;  
O lagarto de casaca,  
A cobrinha de balão  
(A.)
- 3749 O lagarto é pintadinho  
Da cintura até ao meio;  
Não sei como as moças podem  
Com tanta carne no seio.  
(A.)

3750 A serpente larga a pele  
 Também larga a lã o gado ;  
 Só a mim nunca me largam  
 Os meus dias desgraçados

(A.)

3751 Foste dizer mal de mim,  
 Língua de vib'ra damnada,  
 Não te era melhor dizeres :  
 — Dessa moça não sei nada ?



(A.)

3752 Todas as aves em maio  
 Buscam o seu aposento,  
 Eu, sem procurar, achei,  
 Amores a meu contento.

(A.)

3753 A ave canta nos busques,  
 Canta o 'scravo no degredo ;  
 Prometto casar contigo,  
 Mas por ora ainda é cedo.

(A.)

3754 Bençoada a ave que pouisa,  
 Nas terras de Moçambique ;  
 Já me dizem tanta coisa,  
 Que não sei se as acredite.

(A.)

3755 Já não há papel em Elvas,  
 Nem tinta pelos conventos,  
 Nem aves que criem pennas.  
 Para escrever sentimentos.

(A.)



3756 Já não há papel nas tendas,  
Nem tinta na Vedoria,  
Nem aves que botem pennas,  
Para te escrever, Maria.

(A.)

3757 O' aguia, que vaes tão alta,  
Por essas terras além,  
Leva-me ao céo, onde está  
A alminha do meu berra.

(D.)

3758 O' anabô, anabô,  
Anabô, bico de chá,  
Quem fala p'r'ô meu amor  
Pouca vergonha terá

(A.)

3759 Adeus que me vou embora,  
P'r'á terra das andorinhas,  
Mette cartas no correio.  
Se quer's saber novas minhas.

(A.)

3760 O, triste da minha vida,  
O' triste da vida minha,  
Quem me dera ir contigo  
Onde tu vaes andorinha.

(E.)

3761 M'nina não se fie nos homens,  
Nem das suas palavrinhas,  
Pois que os homens são mais falsos  
Do que o fel das andorinhas.

(A.)

3762 As andorinhas no inverno  
Andam longe pesceando,  
Deixem vir a primavera,  
Que ellas se virão chegando.

(A.)

3763 De entre as aves que ha no mundo  
A mais linda é o canário,  
Como o não posso apanhar,  
Cada oito é um Calvario.

(A.)

3764 Esta noite, á meia noite,  
Cheguei á janella a ver,  
Vi uma c'ruja no ar  
Que andava p'ra me comer.

(A.)

3765 Da minha janella á tua  
E' só o salto de um corvo ;  
Quem me déra já chamar  
Ao teu pae senhor meu sogro.

(A.)

3766 O amor do soldado  
E' como o da cotovia,  
Em tocando o ran tan plan,  
Fica-te com Deus, Maria.

(A.)

3767 Despedida, despedida  
Como fes a cotovia,  
Que se despediu cantando :  
— Adeus, até outro dia.

(A.)

3768 Anda cá, se queres  
 Ver minha alegria,  
 Coberta de *pennas*  
 Como a cotovia.

{A.}

3769 Lindos olhos tem o cuco,  
 A respeito de engraçados.  
 Quando olham para a gente  
 Parece que estão fochados.

{A.}

3770 Na aldeia de S. Romão  
 Onde o cuco vae cantar  
 Vae á mãe que te dê pão,  
 Que te acabe de criar.

{A.}

3771 Bem pudera o senhor cuco  
 Casar com a cotovia,  
 Mas não quer o senhor cuco  
 Mulher que tanto assobia.

{A.}

3772 Não quero mulher com pôpa  
 Nem em casa me ha-de entrar,  
 Que eu não quero que o cuco venha  
 Atraz da pôpa a cantar.

{A.}

3773 O' ai, ó ai,  
 No ar canta o cuco ;  
 Por *mór* dos amores  
 'Stou parvo e maluco.

{A.}

3774 Ailé, meu bem,  
Retruco, retruco,  
Lá no mez de maio  
E' que canta o cuco.

(A.)

3775 O' lavrador, casa a tilhu,  
Senão tira-a da janella,  
Anda um gaio pela rua  
E quer tomar posse d'ella,

(D.)

3776 Com a penna da gaivota  
Escrevi a letra V;  
Já perdi a minha nota  
Agora me ganhas tu.

(A.)

3777 E's parente dos surzaes,  
E sobrinho das gaivotas,  
Andiquestes p'los curraes  
E fostes feito às esmolas.

(A.)

3778 O tocador da guitarra  
'Stá doente quer gallinha,  
Passada pelos meus dentes,  
Cá p'r'á minha barriguinha.

(A.)

3779 Não posso comer gallinha  
Nem a poder de limão;  
Não posso levantar meus olhos  
D'onde tenho as tenção.

(A.)

3780 Rapariga, tu 'stás rouca  
 Bem sabias p'r'onde, vinhas,  
 Mandáras teu pae aos ovos,  
 A tua mãe ás gallinhas.

(D.)

3781 Rapariga, aonde vaes ?  
 Rapariga, donde vinhas ?  
 Teu pae foi a comprar ovos,  
 P'ro t'a mãe vender gallinhas

(A.)

3782 Eu cá tenho á minha porta,  
 Duas gallinhas d'Angola ;  
 Dois amor's a pretender-me,  
 Algum ficará sem 'smola

(A.)

3783 Tenho somno de gallinha,  
 Que a gallinha dorme em pé ;  
 Não há falinhas mais doces  
 Do que são as de José.

(D.)

3784 Menina, não se namore  
 De homem que já viuvou.  
 Não queira criar os pintos  
 que outra gallinha chocou,

(D.)

3785 O' minha mãe não me case  
 Com homem que *enviuvou*,  
 Que eu não quero criar filhos  
 Que outra gallinha deixou.

(A.)

3786 O amor do homem  
 E' bom, dura pouco,  
 E' como a gallinha  
 Quando está no chôco.

(A.)

3787 Tenho um gallo em Coimbra,  
 Uma gallinha na guerra,  
 Tenho o meu amor no chôco,  
 Tira pintos como terra.

(A.)

3788 Canta o galo, é manhã,  
 Relógio dos namorados,  
 Vamo-nos d'aqui embora,  
 Que nos chamam descuidados.

(B. A.)

3789 Quem tem amores no dorme  
 Seu somninho descansado ;  
 Deita-se á meia noite,  
 Ergue-se ao cantar do gallo.

(A.)

3790 A' noite, menina, á noite,  
 A' noite, ao cantar do gallo,  
 O nosso pae é vélhinho,  
 Não queremos enganar-o.

(A.)

3791 O gallinho bate as azas  
 Quando está para cantar ;  
 Meu amor desfaz-se em choro  
 Quando está para abalar.

(A.)

- 3792 Eu bem sei, minha menina,  
Quem nos teus alcances anda,  
O gallo, por ser pequeno,  
Salta arriba, galla a franga.  
(D.)
- 3793 O gallo n'õ seu poleiro  
Bate as azas, treme o chãõ,  
E' como o Zé marchantinho  
Quando chega a 'ma funcção  
(A.)
- 3794 Quem fôr gallo mostra a crista  
Lá no cimo da cabeça ;  
Quem tiver alma, resista,  
Quem a não tiver, padeça.  
(A.)
- 3795 Se és gallo levanta a crista,  
Se és frangão larga a *penuge*,  
Se és poeta no cantar,  
Ata os sapatos e *fuge*  
(A.)
- 3896 Se eu fõra gallo, cantára  
Cantigas ó meio dia,  
Se eu fõra homem falára,  
Se eu fõra mulher dizia.  
(A.)
- 3797 Ailé,  
Isto é tão certo,  
Como cantar o gallo  
Com o bico aberto.  
(A.)

3798 Tu, cantador, não sbias  
Que eu vinha a esta funcção!  
Abre as azas, 'stende as guias,  
Que é chegado o gavião.

(A.)

3799 Eu sou como o gavião,  
Que no ar faço chalhaça,  
Quando abaixo até ao chão  
Nunca alevanto sem caça.

(A.)

3800 Eu sou como o gavião,  
Que no ar faço firmeza,  
Quando abaixo até ao chão  
Nunca alevanto sem presa.

(A.)

3801 Não entres a esgravulhar,  
Não deites terra p'r'ó lombo.  
Onde chega o gavião  
Não tem que fazer o pombo.

(A.)

3802 Eu venho a esta funcção  
P'ra lograr os teus carinhos,  
E' chegado o gavião,  
Fujam, fujam, passarinhos.

(A.)

3803 *Iudas* que eu te veja ir  
Nas azas do gavião,  
Pede ao Senhor que te ajude,  
Que eu da minha parte não.

(D.)



3804 Andas abaixo e acima,  
 C' o pé no ar como o grou,  
 Vae mangar com quem quizeres,  
 Que isso para mim acabou.

(A.)

3805 Que ninguem se fie nos homens,  
 Já um falso me enganou,  
 Agora falo com outro  
 C' o pé no ar com' o grou.

(A.)

3806 Esta noite á noite  
 Ouvi cantar a laverca,  
 Pensei que era o meu amor,  
 Já lhe tinha a porta aberta.

(D.)

3807 Negro *merlo*, negro *merlo*,  
 Negro *merlo*, passarinho,  
 Quem quer vêr o negro *merlo*  
 Suba acima, *trôpe* d' ninho.

(A.)

3808 O ladrão do negro melro  
 Toda a noite assobiou,  
 Lá por essa madrugada  
 Bateu as azas, voou.

(A.)

4809 Menina, prenda o *sê* melro,  
 Que vem á minha gaiola,  
 Vem a ter c' o *mê* canário,  
 Tod' á cabeça lhe esfolla

(A.)

3810 O' rapoz, faz-te milhao,  
Que a passada está junta,  
Se te não casas este anno,  
Já te não casas nunca.

(A.)

3811 Nas altas campinas  
E' que canta o mōcho  
O teu palavriado  
Para mim 'stá chōcho.

(A.)

3812 Papagaio, penna verde;  
Não cantes que 'stou doente:  
Não pode haver maior pena,  
Que o amor estar ausente.

(A.)

3813 Papagaio, penna verde,  
Onde aprendeste a cantar?  
No palacio da rainha,  
Onde o rei foi passear.

(A.)

3814 Papagaio, penna verde,  
Que tens o bico dourado,  
Vae levar esta cartinha  
Ao meu lindo namorado.

(A.)

3815 Papagaio, penna verde.  
Empresta-me o teu chapeu,  
O teu chapeu é de pennas,  
Quem tem penas vae ao ceu.

(A.)

3816 Papagaio, penna verde.  
Empresta-me o teu vestido,  
O teu vestido são penas  
Em que eu ando mettido.

(T. M.)

3817 Papagaio, penna vêrde,  
Não venhas ao meu jardim ;  
Todas as penas se acabam,  
Só as minhas não tem fim.

(T. M.)

3818 Papagaio, penna verde,  
Dá-me uma penna da aza ;  
Por causa dos meus amores  
Encho-me de ouvir em casa.

(T. M.)

3819 Papagaio, penna verde,  
Dae-me uma penna da aza ;  
Não quero falar para ti,  
Que me dás guerra em casa.

(M.)

3820 Vou-te escrever uma carta  
Nas azas d'um papagaio ;  
O teu amor é vadio,  
Dae-lhe um tiro e matae-o.

(D.)

3821 Marinheiro, marinheiro,  
Que levas no teu navio ?  
Levo papagaios que cantam,  
Rouxinois que assobiam.

(A.)

3822 Papagaio louro,  
Do bico dourado,  
Leva-me esta carta  
Ao meu namorado ;  
Elle não é frade,  
Nem homem casado .  
É rapaz solteiro,  
Parece um morgado .

(A.)

3823 Quem tem amores não dorme.  
Toda a noite leva aos ais  
Com fezes, e com cuidados,  
Não lh'os comam os pardais .

(A.)

3824 Ando doente do peito,  
Tu és a causa do meu mal  
Diz o mesmo a pardalóca  
A respeito do pardal .

(A.)

3825 Fitas verdes e amarellas,  
O encarnado brilha mais ;  
As meninas do castello  
São um bando de pardaes .

(A.)

3826 Anda cá, querido amor,  
Pardal de bocea amarella,  
Mal haja quem te não parte  
Um pau em cada costella .

(A.)

3827 Aqui tens o meu  
 Coração leal,  
 Coberto de penas  
 Como o pardal ;  
 Aqui tens o meu  
 Leal coração,  
 Coberto de penas  
 Como o davão

3828 Passarinhos que cantaes  
 Nas manhãsinhas serenas  
 A todas alliviaes,  
 Só a mim dobraes as penas.

3829 Passarinhos que cantaes  
 Entre Móz e Ferrerim,  
 Perguntae aos meus amores  
 Como passam lá sem mim.

3830 Passarinho que cantaes  
 No campo com liberdade  
 Canta tu, chorarei eu  
 Minha eterna saudade.

3831 Passarinho que cantaes  
 N'esse raminho de flôres.  
 Canta tu, cantarei eu,  
 Que assim faz quem tem amores.

3832 Passarinho, que bem cantas,  
 Quem te ensinou a cantar?  
 É's como os rapazes novos,  
 Que todos sabem amar

(A.)

3833 Canta, canta, passarinho,  
 Canta, canta, até mais não  
 Quanto melhor tu cantares  
 Mais se alegra o coração

(A.)

3834 Entre as flôr's do meu jardim  
 Cantam dois mil passarinhos,  
 Vão dizendo em altas vozes  
 Que são falsos teus carinhos.

(A.)

3835 Se pensas que por cantar  
 A vida alegre me corre,  
 Eu sou como o passarinho,  
 Que até canta quando morre.

(B.)

3836 Abre as azas passarinho,  
 Vae ao peito do meu bem;  
 Entrega-lhe este suspiro  
 Não o digas a ninguém.

(A.)

3837 Passarinho *avda, avda*  
 Onde irás tu a parar,  
 A' janella da menina  
 Com quem tu vae a falar.

(A.)

- 3838 Passarinho, *avôa, avôa*,  
Caminho de S Lórico,  
Leva cartas ao meu bem,  
Apertadinhas no bico.  
(A.)
- 3839 As telhas do meu telhado  
Um passarinho as correu,  
Levava cartas d'amores,  
Só da minha se esqueceu.  
(A.)
- 3840 O' meu amor, se te fôres,  
Escreve-me do caminho,  
Se não houver portador,  
Nas azas d'um passarinho.  
(A.)
- 3841 Nas azas d'um passarinho,  
Feliz carta vai voando,  
Tenho um bem que Deus me deu  
Por quem fico suspirando.  
(D.)
- 3842 Nas azas d'uma pombinha  
Vae esta carta voando,  
Vae ditosa possuir  
Por quem fico suspirando.  
(A.)
- 3843 Carta vai onde te eu mando,  
Nas azas dum passarinho,  
'Spero que nellas me mandes  
Um abraço e um beijinho.  
(A.)

3844 Meu sonoro passarinho,  
Se sabes do meu tormento,  
Dá-me cantando, cantando,  
Um doce contentamento.

(ALG.)

3845 A rua da Conceição  
Tem 25 janellas  
Oh! quem fôra passarinho,  
Que entrára por uma d'ellas.

(B. B.)

3846 Dizeis que te vaes embora,  
Que te andaes aparelhando,  
Se eu fôra passarinho  
Fôra-te eu acompanhando.

(M.)

3847 Se os passarinhos vendessem  
As pennas que Deus lhe deu,  
Eu também vendia as minhas  
Que ninguém tem mais do que eu.

(D.)

3848 Os passarinhos no ar  
Com pennas vivem cantando,  
Eu com pennas vivo triste,  
Sempre por ti suspirando.

(A.)

3849: Que passarinho é aquelle  
Que no ar faz ameaços )  
Com o bico pede beijos,  
Com as azas pede abraços.

(D.)



3850 O' que lindo passarinho !  
Anda no ar e não cáe,  
Sempre anda c'o bico, bico ;  
Quero aquella que além vem.

(A.)

3851 Tendes olhos de pau preto,  
Riscadinhos ao compasso ;  
Hão-de ter muito que ver,  
Dois passarinhos num laço.

(A.)

3852 Passarinhos á janella  
E' signal de gravidade ;  
Como queres tu que eu te ame  
Se eu não te acho lealdade.

(A.)

3853 Quando os passarinhos choram,  
Que não têm entendimento,  
O que fará quem não vê  
Seu amor ha tanto tempo.

(A.)

3854 Oh ! se os leves passarinhos,  
Eu pudesse acompanhar,  
Sabia para que parte  
Me havia de encaminhar.

(A.)

3855 Andaes abaixo e acima,  
Não ataes nem desataes,  
Outros caçam passarinhos  
Nos laços que vós armaes.

(B. A.)

3856 Eu hei-de armar um laço  
Como se arma aos passarinhos,  
Hei-de me dar bem contigo,  
O' meu Manoel Antoninho.

(B. B.)

3857 D'aqui onde estou bem vejo  
Dois patinhos a beber ;  
Tanto sabes tu cantar  
Como um burro sabe lêr.

(A.)

3858 Adeus, quinta da Araúja,  
Que estás ao pé das Hortinhas,  
Tens lá uns patos reaes  
Que mais parecem galinhas.

(A.)

3859 Hei-de escrever uma carta,  
Hei-de escrever 'ma cartinha,  
Com a penna do pavão  
E o sangue da andorinha.

(A.)

3860 Com a penna do pavão,  
C'o sangue da cotovia,  
Hei-de escrever uma carta  
Ao meu amor d'algun dia

(A.)

3861 Com a penna do pavão,  
E o sangue da cotovia,  
Hei-de escrever o meu nome  
No teu coração, Maria.

(A.)

3862 Com a penna do pavão  
 C'o sangue do meu amor,  
 Hei-de fazer relação  
 Das meninas do Védor.

(A.)

3863 No alto da Porta Nova  
 Caíu a penna d' pavão,  
 Não me caias na cabeça,  
 Amor do *mê* coração.

(A.)

3864 Tenho uma pena em meu peito  
 Não m'a deu nenhum pavão,  
 Por mais que eu faça á pena  
 Não me sahe do coração.

(A.)

3855 E' da penna do pavão,  
 Da aza da *paquild* ;  
 Ausente de ti, amor,  
 Tristè de mim, que será !

(D.)

3866 Eu cortei o rabo á pèga  
 E o bico ao papagaio ;  
 O' raparigas de Espinho,  
 Se quereis comer, ganhae-o.

(D.)

3867 Aqui n'este canto, canto,  
 Aqui n'este recantinho,  
 Aqui bate a pega a aza,  
 Aqui faz o gaio o ninho.

(D.)

3868 Aldeia de S. Romão,  
Cercada de parreiras,  
Oude vão cantar as pegas,  
Também os cucos réas.

(A.)

3869 Quando ouço cantar a pèga  
Digo mal á minha vida ;  
Tenho cama, tenho roupa,  
Só me falta a rapariga.

(A.)

3870 Levantei-me manhã cedo  
Para ouvir cantar a pèga,  
Ouvi chorar a desgraça,  
Tinha morrido a gallega.

(A.)

3871 Perdigão perdeu a pedna,  
Todo o mal em cima tem,  
Mal da moça que se deixa  
Enganar pelo seu bem.

(A.)

3872 Andam dois a pretender  
D'este meu peito um abraço,  
Ha-de ter muito que vêr  
Dois perdigões em um laço.

(A.)

3873 Ando por aqui de noite  
Cómo o perdigão perdido  
Minha mãe deitou-me fóra,  
Deixa-me dormir contigo.

(B. A.)

3874 A perdiz anda no monte,  
O perdigão no vallado,  
A perdiz anda dizendo :  
Anda cá meu namorado

(B. A.)

3875 Minha perdiz amarella  
Que é d'elle o teu perdigão ?  
Não te val' andar's á tréla,  
Que tu não *no* caças, não,

(A.)

3876 Minha perdiz amarella,  
Que é d'elle o teu perdigoto ?  
Não te val' andar's á trela,  
Que não caças o maroto.

(A.)

3877 A perdiz vae pela serra,  
Julga que ninguem a vê  
Todos os homens são falsos,  
Também lá entra você.

(A.)

3878 A perdiz canta no bosque,  
Na charneca o lavrador,  
Eu só canto quando vejo  
Os olhos do meu amor.

(A.)

3879 A perdiz canta na balsa,  
Da balsa vae p'ra o bacello ;  
Se a inveja fósse tinha  
Já tu não tinhas cabelo.

(A.)

3880 A minha terra é Alter,  
Onde canta o pintasilgo ;  
Nas manhans da primavera  
E' um gosto estar contigo.

(A.)

3881 Despedida, despedida,  
Como fez o pintasilgo,  
Que se despediu cantando,  
Deixou-m'as *penas* commigo

(M.)

3882 O pintasilgo tem pennas,  
Cada penna a sua côr ;  
As pennas que a gente apanha  
São sempre penas d'amor.

(A.)

3883 Já não canto senão esta,  
Que me quero ir embora,  
São horas de recolher,  
Pintasilgos á gaióla.

(A.)

3884 Antonio é meu bem,  
Ratinho d'armario ;  
Canta o pintasilgo,  
Responde o canário.

(A.)

3885 Estes rapazes d'agora  
De aseados mettem nojo,  
São como os pintos d'inverno,  
Que andam com as azas de rojo.

(E.)

3886 Fica sabendo, Cath'rina,  
Que eu hoje não canto mais,  
Fez-se a cevada p'r'ós pintos  
E o trigo para os pardaes.

(A.)

3887 Amores ao pé da porta  
Não se podem aturar,  
São como os pintainhos,  
Não fazem senão piar.

(A.)

3888 Pirolito bate, bate,  
Toda a vida há-de bater ;  
Todo o home' é pirolito  
Quando a mulher o faz ser.

(E.)

3889 Pirolito bate, bate,  
Pirolito já bateu ;  
Quem gosta de mim é ella,  
Quem gosta d'ella sou eu.

(A.)

3890 Onde a pomba põe o bico  
Logo o pombo é rufador,  
Tambem nas aves se encontra  
O ciúme no amor.

(A.)

3891 Já morreu a pomba ap pombo  
Ficou o pombo sósinho,  
Toda a vida ouvi dizer :  
Uma ave só não faz ninho.

(A.)

3892 Aqui n'este canto, canto,  
Aqui n'este recantinho,  
Aqui bate a pomba as azas.  
Aqui tem a pomba o ninho.

(A.)

3893 Em Coimbra não há panno,  
Os 'studantes que farão ?  
Çortam as azas ás pombas,  
Estudantes pombas são.

(D.)

3894 Fizeste-me assentar praça  
No coração d'uma pomba,  
E depois da praça assente  
Déste-me baixa redonda

(A.)

3895 A pomba no seu pombal  
E' como o rei no seu throno,  
E' como a moça solteira,  
Em quanto não tem seu dono.

(A.)

3896 Vem tu cá, ó meu amor  
Da cabeleira redonda,  
Tuas falas são de vícios,  
O coração d'uma pomba.

(D.)

3897 Se ides matar a pombinha,  
Matae o pombo tambem,  
Que a pombinha sem o pombo  
Maldita a graça que tem !

(D.)



3898 O' minha pombinha branca ;  
 O' meu pombo cor de rosa ;  
 Se a inveja fôsse tinha  
 Muita gente era tihosa

(D.)

3899 A minha pombinha branca  
 Já não vae beber á valla ;  
 Por causa de ti, pombinha  
 Já meu amor me não fala.

(E.)

3900 Que desgraça a da pombinha,  
 Ter azas e não voar !  
 Maior desgraça é a minha,  
 Ter amor's não lhe falar.

(A.)

3901 Vae, vae, pombinha saudosa,  
 P r ês se mundo sem fim,  
 Dize ás tuas companheiras  
 Que não se esqueçam de mim.

(D.)

3902 A al'eia das Alpedreiras  
 Tem tres e quatro janellas,  
 Quem me dera ser pombinha,  
 Para poisar n'uma d'ellas.

(A.)

3903 Eu tenho o teu nome encripto  
 Nas azas de uma pombinha,  
 Tenh' fé em Deus benedito  
 Que inda has-de vir a ser minha

(D.)

3904 Fugiu-me a minha pombinha,  
 Já não tenho portador,  
 Já não tenho quem me leve:  
 Uma carta ao meu amor,

(T. M.)

3905 O' minha pombinha branca  
 Dá-me uma pena da aza,  
 Quero dal-a ao meu amor  
 Que me dizem que se casa.

(T. M.)

3906 O' minha pombinha branca  
 Empresta-me o teu vestido,  
 O teu vestido é de pennas,  
 Eu também em penas vivo!

(D.)

3907 De branco veste a pombinha  
 De pardo o rôlo rulhador;  
 De encarnado visto eu,  
 De azul veste o meu amor.

(A.)

3908 'Hr vai uma, 'hi vão duas,  
 Três pombinhas á voar,  
 Uma é minha, outra é tua,  
 Outra é de quem a agarrar.

(A.)

3909 Ailé,  
 No pombal das pombas,  
 Tenho o meu amor  
 Na quinta das Lóngas.

(A.)

3910 'Rulha o pombo, rulha a pomba,  
'Rulha o pombinho também,  
Todos teem seus amores,  
Só eu não tenho ninguém.

(A.)

3911 Os pombinhos innocentes  
Namoram-se e *dan bêjinhos*,  
Fazemos, amor, fazemos,  
Como fazem os pombinhos.

(A.)

3912 Quem me dera ser pombinho,  
Ou rolinho do sertão,  
Que q'ria fazer o ninho,  
Dentro do teu coração.

(A.)

3913 Canta o rôlo, canta a rôla  
E também canta a pombinha ;  
Não digas que me não queres,  
Pois que tu já foste minha.

(A.)

3914 Eu cortei o bico á rôla,  
Cortei a penna ao pavão,  
Para livrar as mocinhas  
Dos calores do verão.

(A.)

3915 Quem me dera ter 'ma lima,  
Para limar a garganta,  
Para cantar como a rôla,  
Como a rôla ninguém canta.

(A.)

3916 Quem cantára como a rôla,  
 Como a rôla ninguém canta,  
 Dár um bom geitinho á sala,  
 Derramál-a na garganta.

(D.)

3917 Namorei me foi meu gosto,  
 Olhar fui o meu regalo,  
 Não quero ser como a rôla  
 Que morreu ao desamparo.

(M.)

3918 Canta a rôla, chia a rôla,  
 Chia a rôla na tapada,  
 Todos trem, só eu não,  
 Na função a sua amada;  
 Na função a sua amada,  
 Na função o seu amor,  
 Canta a rôla, chia a rôla,  
 Chia a rôla no vapor.

(A.)

3919 O' ar  
 No ar canta a rôla,  
 Por amor de ti  
 Passo vida tôla.

(A.)

3920 Das aves que andam no campo,  
 O rouxinol é o rei;  
 Dá-me a tua liberdade  
 Que eu a minha já t'a dei.

(A.)

3921 Na dia em que tu nasceste,  
Todas as flores brotaram  
'Té na pia do baptismo  
Lindos rouxinoes cantaram.

(A)

3922 Muito bem canta Maria,  
Mesmo um rouxinol parere,  
'Stá guardada p'ra hortelão,  
Que o maltez não a merece.

(A.)

3923 De manhã o rouxinol.  
Faz numero á cotovia ;  
Eu então é pela noite  
Que falo á minha Maria.

(E.)

3924 Rouxinol canta de noite  
E de dia a cotovia ;  
Todos cantam seus amores,  
Só eu chor' sem alegria.

(A)

3925 Já comi e já bebi,  
Já molhei minha garganta,  
Eu sou como o rouxinol,  
'Que em bebendo logo canta.

(D.)

3926 Quando o rouxinol padece,  
Que é uma ave tão pequena,  
Que furá o meu coração  
Com tanta mágua e pena !

(A.)

- 3927 Que rouxinol tão bonito  
 O que tem a minha amada,  
 Tanto canta d'anoitecer  
 Como canta d'madrugada. (A.)
- 3928 Quando o rouxinol fôr conde  
 E a cotovia condessa,  
 Então deixará de haver  
 Mulher's varias da cabeça. (A.)
- 3929 Raparigas cantae todas  
 Ajudai o rouxinol,  
 Ajudai quem tem amores  
 Que eu já 'stou fóra do sol. (D.)
- 3930 A minha terra é Alter,  
 Onde canta o trigueirão,  
 Nas manhans da primavera  
 E' um gosto ver João. (A.)
- 3931 Despedida, despedida,  
 Que me fez o trigueirão  
 Que se despediu cantando,  
 Deixou as pennas no chão. (A.)
- 3932 Anda cá, se queres  
 Vêr meu coração  
 Coração de penas,  
 Como o trigueirão.

3933 Haja no *sante* percebeito,  
Haja nas falas cautelas,  
Bicha que mette respeito  
E' chamada a bicha fôra.

(A.)

3934 Parece que já te deram  
Sangue de fera a beber,  
Tens um génio tão ativo,  
Tão custoso de soffrer.

(A.)

3935 Vae-te falso, vae-te ingrato,  
Vae-te p'r'ás feras viver,  
Que eu acho que as próprias feras  
Horror de ti hão de ter.

(A.)

3936 Já morreu o boi Capote,  
Camarada do Pombinho;  
Quem não é capaz não bote  
Regos ao pé do caminho.

(A.)

3937 Lá nos campos de Valêra  
Lavrê com dois bois torrados,  
Nunca dei tamanha gêra,  
Nem regos tão abrutados.

(A.)

3938 Já fui ganhão na Palheta,  
Também fui sementeiro,  
Eu trago os bois á direita,  
Como trago o meu amor.

(A.)

- 3939 O meu amor é boieiro,  
Guarda bois na Vectoria,  
Quando vem já s'tou deitado,  
É quando abala é de dia.  
(A)
- 3940 O meu amor é boieiro  
E' boieiro e guarda bois  
Mora lá nos Reboleiros  
Ha de cá vir *ó depois*.  
(A)
- 3941 Coitadinho de meu pae,  
Que não tem senão a mim,  
Furtaram os bois do ailo,  
Cedo furtarão a mim.  
(D)
- 3942 Eu não quero amor toureiro  
Só se mudar o sentido,  
Póde vir a boi matreiro,  
Fica a mulher sem marido.  
(A)
- 3943 Eu não quero amor toureiro,  
Posso mudar de opinião,  
Pode vir um boi matreiro,  
E atirar com elle ao chão.  
(A)
- 3944 Ailé,  
Monte do Rocha,  
Quando um boi puxa  
O outro *affrôxa*.  
(A)



3945 Hei-de casar-me êste anno,  
Em que seja c'uma burra,  
Que é para andar a cavallo,  
Esta vida não se atura.

(A.)

3946 De Lisboa me mandaram  
Quatro frades n'uma burra.  
Frei machete, frei vi-la.  
Frei guitarra, frei bandurra.

(A.)

3947 Eu subi á serra d'Ossa  
A cavallo n'um burrinho,  
Fui com medo de cair,  
Dentro d'algum barranquinho.

(A.)

3948 O' meu amor da minh'alma,  
Amor do meu coração,  
Quem lava a cabeça a burros  
E' gastador de sabão

(A.)

3949 O' vida da minha vida,  
Tres com um burro andam bem.  
Um carrega outro arrocha,  
Outro olha se vae bem.

(B. A.)

3950 Se um dia tomar amores  
Ha-de ser c'um carvoeiro  
Ao sabbado leya o burro,  
Ao domingo tras dinheiro.

(M.)

3951 Aqui n'esta rua mora,  
 Uma grande alcoviteira  
 Leva cartas e traz cartas,  
 Anda o burro na carreira.

(D.)

3952 Um burro a fazer troça  
 Do cantar dos passarinhos,  
 Um sapo a tocar guitarra,  
 'Ma rã a bater ferrinhos.

(T. M.)

3953 Isso nunca foi cantiga  
 E' uma zorra ruim,  
 Eu não duvido dizer  
 Que os burros cantam assim.

(A.)

3954 O homem casado é burro,  
 O homem solteiro é cão,  
 O homem viuvo é porco  
 Que anda a fossar pelo chão.

(D.)

3955 Se tu viras o que eu vi,  
 Lá detraz daquele viteiro:  
 Quatro cabras a bailar,  
 Que fugiram ao cabreiro.

(A.)

3956 O' minha cabra amarella  
 Pellada pela barriga,  
 Tambem eu me ando pellando  
 Por aquella rapariga.

(T. M.)

3957 Se tu viras o que eu vi.  
 Nas ruas da Guimarães :  
 Uma cadela com pintos,  
 Uma galinha com cães.

(A.)

3958 Se tu viras o que eu vi  
 Havias de te admirar,  
 Uma cadella com pintos,  
 Uma galinha a ladrar.

(A.)

3959 Se queres que vá e venha,  
 De noite, pelo luar,  
 Hasde matar a cadella,  
 Que não faz senão ladrar

(A.)

3960 Andas para me enganar,  
 Tira de mim o sentido,  
 Muitos cães me têm ladrado,  
 E poucos me têm mordido.

(D.)

3961 Tenho corrido mil terras,  
 Mil terras tenho corrido,  
 Muito cão me tem ladrado,  
 Mas nenhum me tem mordido.

(A.)

3962 E' de noite, faz escuro,  
 Ladram os cães, tenho medo ;  
 Bem poderas tu, menina,  
 Tirar-me deste segredo

(A.)

- 3963 Na rua do Esp'rito Santo  
 Não se pode namorar,  
 De dia as velhas á porta,  
 De noite os cães a ladrar.  
 (A.)
- 3964 O homem p'ra namorar,  
 Deve ter as pernas tortas,  
 Nariz de cão perdigueiro,  
 Uma corcanda nas costas.  
 (A.)
- 3965 Oh olhos de cão damnado!  
 Oh coração de peçonha!  
 O meu corpo não tem erros  
 Que a tua bocca lhe ponha.  
 (D.)
- 3966 *Ru'doima ru'ibaixo*  
 C'o meu câosinho *bébéu*,  
 Cortei lhe a ponta do rabo  
 P'r'á boia do meu chapéu  
 (A.)
- 3967 Alegra-te cão carecho,  
 Que amanhã há fartadella,  
 Já morreu o chibo m'cho,  
 Filho da cabra amarella,  
 (A.)
- 3968 Vós de cá e nós de lá,  
 Cantamos melhor que a vós,  
 Se compramos um carneiro  
 Os cornos comei-l'os vós.  
 (M.)

- 3969 Sete annos eu fui soldado.  
Sete cavallos matei,  
Se mais tempo sirvo o estado,  
Deitava a perder o rei.  
(A.)
- 3970 Lá cavallo como o meu,  
Nem o tem el-rei de Hespanha,  
Para menear uina p ta  
E perciso uma semana,  
(A.)
- 3971 Oh' menina esper' me aqui  
Que o meu cavall' vae ferrar,  
P'ra ir vêr o meu amor,  
Que veio do Ultramar.  
(A.)
- 3972 Venho do monte dos Guerns,  
E passei á Atalaya :  
'Stá por 'hi um chibo aos berros,  
Fechem-lhe a porta na cara.  
(A.)
- 3973 Eu sou coelhinho manso,  
Que no m. uo ardo mettilo,  
Não há galgos que me apanhem,  
Só se fór o teu sentido.  
(A.)
- 3974 E' o coelho matreiro,  
Durme c'os olhos abertos,  
Eu durmo c'os meus fechados,  
Porque tenho amorés certos.  
(A.)

3975 O' meu amor, meu amor,  
Quando vamos á conselha?  
Se me quizer's apanhar,  
Has ter dente de coelha.

(A.)

3976 Fui á serra armar um laço  
Para agarrar um coelho,  
E agarrei uma menina,  
P'las tranças do seu cabello,

(A.)

3977 Caçador que vaes á oças,  
Não vaes lá pelo coelho.  
Tu vaes por vêr a menina  
Do colletinho vermelho.

(E.)

3978 O' José, ó Joséinho,  
Olhos de coelho manso,  
Diz-me quando me hás de dar  
Nêsses braços o descanso.

(A.)

3979 Lá em cima n'aquella serra  
Andam dois coelhos bravos,  
Já é tempo que se juntem  
Dois corações desejados.

(T. M.)

3980 Onde há mattos há coelhos.  
Onde há coelhos há camas;  
Não te leves por conselhos  
Não deixes de amar quem amas.

(A.)

3981 Fui á tapada do rei  
 Para apanhar uma corça ;  
 Quem não cantar bem  
 Fazem-no cantar á fôrça.

(A.)

3982 As velhas gostam de gatas,  
 Tratam-nas com muito dó ;  
 Não há gata mais bonita,  
 Que aquella da minha avó.

(A.)

3983 Minha sogra é remelosa,  
 Tem dentes arreganhados,  
 Já correu atraz de mim.  
 Como os gatos assanhados.

(A.)

3984 As mulher's que a moda usam  
 Dos cabellos erriçados,  
 Tanto se querem compor,  
 Que são gatos assanhados.

(A.)

3985 Minha mãe quando me ralha  
 Bate c'os pé n'uma banca,  
 C'o o *lavarinto* que faz,  
 Inté o gato se espanta.

(A.)

3986 Não digas ao gato : sape...  
 S' não anda cá bichano :  
 Nem digas ao burro : vac-te,  
 Mas sim ; anda cá meu mano.

(A.)

3987 Chamaste-me olhos de gata.  
Muitas senhoras os teem.  
Eu não fui tirar meus olhos  
Aos gatinhos de ninguém.

(A.)

3988 Apareça, não se esconda,  
Que eu bem a vi o buraco,  
É bonita, não é feia,  
Olhe não a lamba o gato.

(A)

3989 Eu já vi um gato morto  
Com a mão no coração,  
A pedir em altas vozes  
A's ratazanas perdão.

(A.)

3990 Eu já vi um gato lê-,  
Um grilloho andar á escola,  
Nas azas duma formiga  
Armar-se o jogo da bola.

(A.)

3991 O' bairro do Monte Arroio,  
Que te reclinas alegre,  
Quem n'elle tomar amores  
Ha de saltar como a lebre.

(D.)

3992 O' rapaz, bem me percebes,  
Sei que no cantar tens fama,  
Gostas d'apanhar as lebres  
Que estão deitadas na cama.

(A.)



3993 Eu fui a uma caçada  
A Santo Amar' da Correia  
Vi uma lebre deitada,  
Dei-lhe com o pé, levantei-a.

(A.)

3994 Minha mãe é coelheira,  
Meu pae caçador de lebres,  
Eu por ser o mais mocinho,  
Sou caçador de mulheres.

(A.)

3995 Já sei do passo da lebre,  
Cá m'o vieram dizer,  
Aguentar-te e cara alegre,  
Isso é que não pode ser.

(A.)

3996 Vou-me por aqui abaixo,  
Aos saltinhos, como a lebre.  
Não há galgo que me spante,  
Nem caçador que me leve.

(A.)

3997 Lebre que vai pelo monte  
Corre que desaparece ;  
Quem dá falas a malandros  
Grande castigo merece.

(D.)

3998 Eu já vi lebres á canga,  
Coelhinhos a lavrar ;  
Rapazes e raparigas  
E' mau gado de guardar.

(A.)

3999 Os homens são como os lobos,  
O que lhes falta é o rabo,  
Em ganhando um uma teima  
Não-de-a levar ao cabo.

(D)

4000 Os homens quando pretendem,  
Fazem papel de cordeiros  
Apanhando o que desejam  
Fazem-se lobos matreiros

(A. h)

4001 De Lisboa me mandarão  
Um macaço de presente,  
Com 'ma fita atada ao rabo  
Fazendo' festas à gente.

(A.)

4002 Eu vou por aqui abaixo  
C'o meu machinho, tráz, tráz,  
Em casa das raparigas,  
Para m'as, que são rapaz.

(D.)

4003 Eu não quer' fazer viagens,  
Eu só quer' o meu sócego,  
P'ra não ir de terra em terra  
Ser figura de mocego.

(A.)

4004 Eu sou capaz de cantar  
Toda a noite no desafio,  
N'uma praça tourear  
Qualquer novillo bravo.

(A.)

4005 Cova da onça,  
 Alto pinheiro,  
 Meu lindo amor  
 E' lisongeiro ;  
 E' lisonseiro  
 Que eu bem o sei,  
 Cova da onça,  
 Jardim do rei.

(A.)

4006 O meu amor é pastor,  
 Guarda ovelhas d'alavão,  
 Já cá tem malhada assente  
 Dentro do meu coração.

(A.)

4007 Toda a vida fui pastor  
 Toda a vida tive ovelhas ;  
 D'aquellas que vestem saias,  
 Trazem brincos nas orelhas.

(A.)

4008 Eu já fui moiral das cabras,  
 Sargento-mór das ovelhas,  
 Quem ~~traz~~ traz luvas nas pernas  
 Traz brincos nas orelhas.

(A.)

4009 Minha mãe quando morreu,  
 Prometteu-me tres ovelhas,  
 Uma coxa, outra cega,  
 E outra não tinha orelhas.

(A.)

4010 Os rapazes de Viciros  
São poucos, mas são valentes,  
Quando enchem com os porcos  
Quebram a pia co' os dentes.

(T. M.)

4011 Esses rapazes do Porto  
São poucos mas são valentes,  
Levam a pia dos porcos  
Atravessada nos dentes.

(A.)

4012 As meninas lá de Porto  
Já não sabem ir á missa,  
Ficam na côrte dos porcos  
Rilhando palha painça.

(M.)

4013 O rato era roqueiro,  
Fazia rocas de vidro,  
Livrou m' nha mãe de pancadas  
Por causa d'um individuo.

(A.)

4014 O amor é como o rato,  
Não lhe escapa baraquinho,  
Entra por'quê e sae p'r' allí  
Vae seguindo seu caminho.

(A.)

4015 Colhi um rato da tulha.  
Por vir em tão boa hora  
Tu deitas os mais á bulha,  
Ficas c'o rabo de lóra.

(A.)

4016 Se pensas que eu por ti morro  
Nem por ti rompo sapatos,  
Minha cara de faneca,  
Toda roída dos ratos.

(A.)

4017 Foram as unhas dos ratos,  
Mais os dentes das formigas,  
Que me romperam o sacco  
Onde eu trazia as cantigas.

(A.)

4018 António, ratinho novo,  
Criado entre as ervilhas,  
Não penses, ratinho novo,  
Por ser novo, que me pilhas.

(D.)

4019 A moça para ser boa  
Ninguem lhe há de pôr mão,  
Ha de ser como a toupeira  
Que anda, por baixo do chão.

(D.)

4020 Não se me dá de ir á guerra  
A levar golpes mortaes ;  
O touro que muito berra  
Não é dos que marra mais.

(A.)

4021 Bella Tapada Real,  
Perto de Villa Viçosa,  
Manda de lá um veado,  
Com a pelle côr de rosa.

(A.)

4022 Já vou de caraç a Hespanha,  
 Já volto p'ra Portugal,  
 As mulher's teem mais manhas  
 Que sete zorras n'um valle.

(A.)



Em respeito a esta secção veja também os *Cantos* n.º 63, 72, 75, 76, 119, 124, 126, 200, 227, 243, 257, 270, 297, 367, 369, 389, 367, 426, 703, 715, 824 a 826, 862, 863, 928 a 930, 964, 965, 1027, 1076, 1083, 1256, 1300, 1302, 1311, 1443, 1477, 1490, 1535 a 1543, 1552, 1567, 1568, 1597, 1702, 1736, 1764, 1736, 1789, 1790, 1804, 1806, 1809, 1825, 1827, 1829, 1834, 1843 a 1845, 1854, 1858, 1878, 1880, 1886, 1900 a 1902, 1904, 1910, 1912, 1929, 1931, 1935, 1950, 1952, 1958, 1961, 1963, 1967, 1983, 1984, 1987 a 1989, 1994, 1995, 2006, a 2010, 2015, 2019, 2020, 2025 a 2027, 2031 a 2033, 2128, 2145, 2401, 2462, 2411, 2556, 2638, 2770, 2887, 2894, 2895, 2934, 2980, 2981, 2991, 2992, 3021, 3031, 3048, 3062, 3063, 3102, 3120, 3180, 3287, 3340, 3457, 3497, 3498, 3540, 3591, 3603.

121

## O HOMEM E A SOCIEDADE

## a) Cantos do berço

4023 O' papão, vac-te d'ahi,  
De cima d'esse telhado,  
Deixa dormir o menino  
Um somninho descãçado.

(A.)

4024 O' papão, vac-te embora,  
D'ahi d'esse cantinho,  
Deixa dormir o menino  
Um somninho pequenino.

(A.)

4025 O' meu filho dorme dorme,  
Olha o papão que além está;  
O' papão vai-te embora,  
Que o menino dorme já.

(A.)

4026 Rouxinol do bico preto,  
Deixa a baga do loureiro,  
Deixa dormir a menina,  
Que está no somno primeiro.

(B. B.)

4027 O rouxinol quando canta  
Põe o pé no amieiro,  
Deixa dormir a menina,  
Que está no sono primeiro.

(A.)

4028 Faz ó ó, ó meu menino  
Que te quero ir deitar  
N'uma caminha bem lófa,  
Teu coispinho consolar.

(A.)

4029 O meu menino tem sono  
Tem sono e quer dormir,  
Venham os anjos do céu  
Ajuda-o a dormir.

(A.)

4030 Meu menino, dorme, dorme,  
O sono não te quer vir,  
Venham os anjos do céu  
Ajuda-o a dormir.

(A.)

4031 Dorme, dorme, meu menino,  
Que é alegre o sono teu,  
Enquanto na terra dormes,  
Folgam os anjos no céu.

(A.)

4032 O meu menino é de ouro,  
É de ouro mui fininho,  
Hei-de mandal-o p'r'ós anjos  
Em quanto for pequenino.

(A.)



4033 N'este berço de descanço,  
 Descança o corpo gentil,  
 Dorme, derme, meu menino,  
 Bella flor do meu abril

(A.)

4034 Só á meia noite durmo  
 Um somninho descançado,  
 Quando os filhos 'stão dormindo  
 É o marido está delgado.

(A.)

4035 Uma mãe que um filho embala,  
 Todo o seu fim é chorar,  
 Só por não saber a sorte  
 Que Deus tem para lhe dar.

(A.)

4036 Quando uma criança dorme  
 Vela a mãe o seu dormir,  
 Rodeando-a de cuidados,  
 P'r ó filhinho não cair,

(A.)

4037 Quando uma criança dorme,  
 Estão os anjos a sorrir,  
 Abrem-se as portas do céu  
 Para Deus as ver dormir.

(T. M.)

4038 Quem tem pinheiros tem pinhas,  
 Quem tem pinhas tem pinhões,  
 Quem tem amores tem filhos,  
 Quem tem filhos tem pensões,

(A.)

4039 Quem tiver filhos pequenos  
 Por força lh'há-de cantar;  
 Quantes vezes chora a mãe  
 Com vontade de chorar!

(A.)

### b) Carinhos e penas filiais

4040 O' minha mãe da minh'alma  
 O' meu pae do coração,  
 Duzentos anos que eu viva,  
 Não lhes pago a criação.

(A.)

4041 Minha mãe, minha mãesinha,  
 Minha mãesinha do céu,  
 Que me trouxe nove mezes  
 Debaixo do seu mantéu.

(D.)

4042 Minha mãe, minha mãesinha,  
 Que aos seus peitos me criou,  
 Valha-me por caridade,  
 Que eu nem sei onde estou.

(E.)

4043 Minha mãe, minha mãesinha,  
 O' minha mãe, minha amiga,  
 Quem perde o amor de mãe  
 Perde tudo a esta vida.

(A.)

4044 Minha mãe, minha mãesinha,  
 Caixinha dos meus segredos,  
 Qu'ria-lhe contar um conto,  
 De lh'o contar tenho medo,  
 — Conta, minha filha, conta,  
 Conta tudo que quizeres,  
 D'estas portas para dentro,  
 Todas nós somos mulheres.

(A.)

4045 Minha mãe, minha mãesinha,  
 Caixinha dos meus segredos;  
 Q'ria-lhe dizer : já amo,  
 Mas não digo, tenho medo.

(A.)

4046 O' minha mãe, minha mãe,  
 Companheira de meu pae,  
 Tambem serei companheira  
 D'aquell' moço que alem vae.

(A.)

4047 O' minha mãe, minha mãe,  
 Não se pode ser mulher,  
 Se é bonita tem seu erro.  
 Se é feia ninguem a quer.

(D.)

4048 Minha mãe que me creou  
 Ao peito com tanto mimo!  
 Se um dia lhe pagar mal,  
 Não foi por falta de ensino.

(A.)

4049 A minha mãe quer-me muito,  
Traz-me no seu coração,  
Eu e ella dentro d'elle,  
Não lhe devo nada, não.

(A.)

4050 Minha mãe é uma rosa,  
Eu sou filha da roseira,  
E não me atrevo a apartar  
De rosa que também cheira.

(A.)

4051 Minha mãe é camponeza,  
Eu como camponez sou,  
E' como a chita franceza  
Da primeira que se usou.

(A.)

4052 Não há amor de mulher,  
Por mais pura e virtuosa,  
Não há amor que eu compare  
Ao d'uma mãe carinhosa.

(D.)

4053 Não há 'mor como o de mãe  
Por firme que seja o amante,  
O d'este pode variar,  
Mas o de mãe é constante.

(A.)

4054 O' meu pae, ó minha mãe,  
Senhora tia Maria,  
Bote-me as suas *bençdes*,  
Que eu venho da romaria.

(D.)

4055 Minha mãe bem me dizia,  
 Eu não q'ria acreditar :  
 Qual é que há de ser o dia  
 Que de mim te há de lembrar !

(A.)

4056 E' tal a minha desgraça,  
 Que me desatò a chorar,  
 É nem mesmo a minha mãe  
 Me pod : a mim consolar.

(A.)

4057 Meu pae chora que se mata  
 Por eu chegar ao estalão,  
 Não chore, meu pai não chore,  
 Que eu hei de ter livração.

(B. A.)

4058 Chora meu pae que se mata,  
 Por eu chegar ao estalão,  
 Não chore, meu pai, não chore,  
 Os homens para que são?

(D.)

4059 Oh quanto meu pae chorou  
 Quando me viu ao estalão !  
 Não chore, meu pae, não chore,  
 Que os homens p'r'á guerra são.

(D.)

4060 Adeus meu pae, adens mãe,  
 Adeus ó minha *soidade*,  
 Eu vou a servir o rei,  
 Captivar a liberdade.

(A.)

4061 Oh minha mãe, minha mãe,  
Oh meu pae querido, amado!  
Ao cabo de vinte annos  
Eu cá vou para soldado.

(A.)

4062 Coitado d'um pae que cria,  
Um filho para soldado.  
Fica co'o tempo perdido  
E o coração magoado.

(B. B.)

4063 Minha mãe, que me creaste  
Com tanto amor e carinho!  
Agora vou para a guerra  
Morrer como um passarinho!

(D.)

4064 Vejo a guerra, vejo a guerra,  
Vou marchar para a marinha,  
Quem por mim tem sentimento  
É' minha mãe, coitadinha.

(A.)

4065 Quando deixei minha aldeia  
Olhei para traz chorando:  
Minha mãe do coração,  
Tão longe me vaes ficando.

(A.)

4066 Quando de casa sahi  
A meu pae pedi a *benç.*  
E agora para cantar  
O's senhor's peço lic

(A.)

4067 Adeus casa de meus paes,  
 Adeus meu real convento,  
 Já deixei a mocidade,  
 Acabou-se o meu bom tempo

(A.)

4068 Quem me dera dar um ai,  
 Que chegasse á minha terra.  
 Que dissesse á minha mãe  
 Que tal filha não tivera.

(A.)

4068 Quem tem paes é que tem terra  
 Terrinha que lhe é natal,  
 Leva a vida sempre alegre,  
 Nem há alegria igual.

(E.)

4070 Não me *alembra* a minha terra,  
 Nem a hora que abalei,  
 Só me *alembra* pae e mãe,  
 Meu amor que lá deixei.

(A.)

4071 Casas altas, casas baixas,  
 São as casas de meu pae,  
 O tempo que eu morei n'ellas  
 Esse tempo já lá vae.

(A.)

4072 Vae carta, feliz, voando,  
 Bate ás portas do jardim,  
 Lança-te aos pés de meu pae,  
 Da-me um abraço por mim.

(D.)

4073 Vae-te carta, vae-te carta,  
A's mãos da minha mãe ter,  
Pede-lhe por mim a benção,  
Já que me não pode vêr.

(A.)

4074 Vae-te carta, vae-te carta,  
Aonde a minha mãe mora,  
Pede-lhe a bença' por mim,  
Adeus que me vou embora.

(A.)

4075 Que alegria pôle ter  
Uma mãe que me criou ?  
Andar á minha procura  
Sem saber aonde eu estou !

(A.)

4076 Se soubera minha mãe  
P'ra que sorte me criava,  
Nem me trazia ao seu peito,  
Nem no berço me deitava.

(A.)

4077 Se soubera minha mãe  
P'ra que sorte me criava,  
Não me punha aos seus peitos,  
Nem ao berço me botava.

(D.)

4078 Minha mãe, minha mãesinha,  
Não me chame sua filha,  
Chame-me uma desgraçada,  
Que nasceu p'r' á triste viad.

(M.)



4079 O' minha mãe, minha mãe.  
 O' minha mãe da minh'alma,  
 Quem tem sua mãe tem tudo,  
 Quem a perde não tem nada.

(A.)

4080 Minha mãe é pobresinha,  
 Creou-me na boa vida,  
 Se vem a morte e me leva  
 Minha mãe fica perdida.

(D.)

4081 O' morte, tyranna morte,  
 Que mataste a minha mãe!  
 Deixaste-me ao desamparo,  
 Sem abrigo de ninguem

(E.)

4082 Tenho dentro do meu peito  
 Um laço de fita preta,  
 Já me morreu minha mãe,  
 O meu traço é de baêta.

(B. B.)

4083 Já me morreu minha mãe,  
 Minha doce companhia!  
 Caixinha dos meus segredos,  
 Espelho aonde eu me via.

(A.)

4084 Minha mãe era uma santa  
 Por quem sempre chorarei.  
 Porque amor igual ao d'ella  
 Nunca mais encontrarei.

(A.)

4085 Coitado de quem perdeu  
Pae e mãe seu natural;  
Da mesma sorte fui eu,  
Atraz do bem veio-me o mal.

(A.)

4086 Já morreu a minha mãe,  
Que me *faze* tanta falta!  
Se ella agora me vivesse  
'Scusava de andar á malta.

(A.)

4087 Já não tenho pae nem mãe.  
Nem irmãos, nem amor,  
Vivo só e abandonada  
Por causa de um traidor.

(A.)

4088 Meu amor não te menti,  
Já não tenho pae nem mãe,  
Na desgraça em que cahi  
Qualquer innocente cahe.

(A.)

4089 Quero cantar, mas não posso,  
Minha fala não me ajuda,  
Morreu-me men pae ha pouco,  
Sou filho d'uma viuva.

(A.)

4090 Já lá vae minha ventura!  
Oh tempo que já lá vaes!  
Só penso na sepultura  
Aonde estão os meus paes.

(A.)

4091 Já não tenho pae, nem mãe,  
 Já não tenho rei, nem roque.  
 Sou como as embarcações,  
 Quando andam a reboque.

(E.)

4092 Quem me dera meu pae vivo  
 É m'nha mãe, que Deus lá tem  
 'Scusava d'agora andar  
 O's pontapés de ninguem.

(A.)

4093 Se eu tivesse o meu pae vivo  
 Como tenho minha mãe,  
 'Scusava d'andar p'r aqui  
 O's pontapés de ninguem,

(E.)

4094 Quem me dera ter por mãe  
 Inda que fosse uma silva,  
 Em que ella me picasse  
 Sempre eu era sua filha.

(A.)

Em respeito a esta secção veja tambem os *Cantos* n.  
 45, 58, 321, 817 e 1301.



### c) A amizade

4095 Uma simples amizade  
 Muitas vezes sem se q'rer,  
 Vae criando sympathias,  
 Chega a pontos de morrer.

(A.)

4096 Paixão d'amor não se pode  
Co' a amizade confundir,  
Que existir pôde a amizade  
Sem amor nunca existir.

(A.)

4097 Quem me dera uma amiga  
Igual ao meu parecer,  
Estas amigas d'agora  
São de levar e trazer.

(T. M.)

4098 Quem me dera ter 'ma amiga  
Que guardara o meu dizer.  
Estas amigas d'agora  
São de levar e trazer.

(A.)

4099 Não contes os teus segredos  
A nenhuma amiga tua,  
Que ainda os não tens contados  
E já se sabem na rua.

(D.)

4100 Fita verde, fita verde,  
Fita da côr da margaça ;  
De tres amigas que tinha  
A mais real me foi falsa.

(A.)

4101 Não deites água no vinho,  
Que se turva na garrafa;  
De tres amigas que tinha  
A mais firme foi-me falsa.

(A.)

4102 Já uma amiga das minhas  
 Me quiz tirar meu amor  
 Só se fôr na minha ausência,  
 A' minha vista está calor!

(A.)

4103 Menina, você não conte  
 Seus segredos a ninguém,  
 Uma amiga tem amiga  
 Outra amiga amiga tem.

(D.)

4104 Um amigo tem amigo,  
 Outro amigo amigo tem,  
 Anda amigo, vem commigo,  
 O amigo amigo vem.

(A.)

4105 A quem podesse entendê-lo,  
 Tudo eu quizera contar,  
 Mas as amigas são raras,  
 Não sei onde as encontrar.

(A.)

4106 A amizade que eu te tenho,  
 E a que te podia ter  
 Cabe na casca d'um ovo,  
 E não a chega a encher.

(A.)

4107 Quer'-te bem desde criança,  
 Coisa que hoje ninguem faz:  
 O interesse é quem manda,  
 A amizade fica atraz.

(A.)

4108 Eu sou muito tua amiga,  
Deves tel-o conhecido,  
Mas amor e amizade  
Só o tenho a teu marido.

(A.)

4109 O' amor paga a quem deves,  
A mim não me deves nada,  
Só me deves amizade  
Amizade não é paga.

(A.)

4110 Quero bem á minha sogra  
Por ser mãe do meu amor  
Que criou uma craveira  
P'ra me dar a mim a flôr.

(A.)

4111 Quero bem á minha sogra.  
Por ser mãe do meu amor,  
Porque me deu a 'scolher  
Do jardim a melhor flôr.

(A.)

4112 O meu vestido de droga  
Tem a roda para traz ;  
Quero bem á minha sogra,  
Que é a mãe do meu rapaz.

(A.)

4113 Anda cá cunhada minha,  
Anda cá, p'r'ó pé de mim,  
Já que não vejo teu mano,  
Alegro, vendo-te a ti.

(A.)

4114 Se cunhadas são unhadadas  
 Eu cunhada sou também ;  
 Adoro minha cunhada  
 Conforme adoro o meu bem.

(A)

4115 No aro do meu pandeiro  
 Ninguém lhe ha de pôr a mão,  
 Só se fôr minha cunhada,  
 Se eu casar com seu irmão

(A.)

4116 De sete amigas que eu tinha.  
 De nenhuma levo paixão,  
 Só a Carolina Augusta  
 Levo-a no meu coração.

(A.)

4117 Quatrocentos graus d'altura  
 Subiu a nossa amizade,  
 Desceu a maior baixura  
 Pela tua falsidade.

(A.)

4118 Tenho o meu peito aberto.  
 Para quem quizer entrar,  
 As pessoas a quem 'stimo  
 'Stão em primeiro lugar.

(A.)

4119 Com pena te escrevo esta,  
 Amado e querido irmão,  
 Pedindo me venhas ver  
 A's grades d'esta prisão.

(A.)

4120 Onde se arranjam amigos,  
No centro d'uma prisão :  
Foi 'ma onça de tabaco  
E um aperto de mão.

(A.)

4121 Rapazes, contar-vos vou  
Factos da m'nha mocidade,  
Em tudo fui infeliz  
Té na primeira amizade.

(A.)

4122 Vae-te carta, vae-te carta,  
Entra pelo meu jardim,  
Se lá está minha madrinha,  
Dá-lhe um abraço por mim.

(D.)

4123 Ailé,  
Em Villa Viçosa  
A minha cunhada.  
E' 'ma linda rosa

(A.)

4124 Não quero riquezas.  
Não sou *entressê'ra*.  
Quer' um' amizade  
Firme e *verdadera*.

(A.)

4125 Ailé,  
Comadre, comadre,  
Ha de ser eterna  
A nossa amizade

(A.)



4126 Ailé,  
Comadre querida,  
A nossa amizade  
E' por toda a vida.

(A.)

4127 Ailé,  
Rua dos Curraes  
A nossa amizade  
Cada vez é mais.

(A.)



## d) Cantigas amorosas

### 1) Anhelos, requebros e lisonjas

4128 Cara linda, linda, linda,  
Para linda do jardim,  
Tenho visto caras lindas,  
Como a tua inda não vi;

(A.)

4129 Como a tua inda não vi,  
Como a tua isso não,  
Cara linda, linda, linda,  
Cara linda da estação.

(A.)

4130 Nunca ví cara mais linda  
Nem corpo mais delicado,  
Nem andar com mais decencia,  
Nem falar com mais agrado.

(A.)

4131 Tenho corrido mil terras,  
Inda não fui a Pará  
Tenho visto caras lindas,  
Mas como esta não na ha.

(D)

4132 Tenho corrido mil terras,  
Cidades mais de quarenta,  
Tenho visto caras lindas  
Só a tuo me contenta.

(A.)

4133 Tenho um casaco de chita  
A' camponeza talhado ;  
Tenho visto caras lindas  
Só tu és do meu agrado.

(A.)

4134 O teu rosto, encantador!  
Os teus lábios, côr de rosa!  
Cara mais linda que a tua  
Decerto ninguém a gosa.

(A.)

4135 Tuas faces vertem sangue,  
Os teus lábios, côr de rosa!  
Cara mais linda que a tua  
Por certo ninguém a gosa.

(A.)

4136 Chamaste ao meu cabelo  
Cannavial de Vianna,  
Eu tambem chamei ao teu  
Braços de prender quem ama.

(A.)

4137 Chasmaste ao meu cabello  
 Dobadoira de dobar,  
 Também eu chamei ao teu  
 Sarilhos de ensarrilhar.

(D.)

4138 O cabell' da minha amada  
 E' composto p'la sua mão,  
 Toda a gente se admira  
 De tão grande perfeição.

(A.)

4139 Maria, muito te quero  
 Quando essas tranças penteias,  
 Tu bem sabes que me prendes  
 Nessas formosas cadeias.

(A.)

4140 Trazeis o cabelo atado,  
 Pelas costas ao comprido  
 N'esse nó que vós lhe daes  
 'Stá o meu amor mettido.

(D.)

4141 Trazeis o cabelo atado  
 Pelas costas ao comprido  
 N'essa trancinha do meio  
 Anda o meu amor mettido.

(B. A.)

4142 Teus cabellos me prenderam,  
 Os teus olhos me mataram,  
 Os teus lindos pés fugiram  
 Quando morto me deixaram.

(A.)

4143 As tranças do meu cabelo,  
Dão quatro voltas no ar,  
Com ellas prendo o amor,  
P'ra me não poder deixar.

(A.)

4144 Esse cabelo que tens,  
Pela testa *enrameado*,  
Mette corações a pique,  
Maginações em cuidados.

(A.)

4145 Tendes um lindo cabelo  
Pelas costas aos anneis.  
Quando vos for's a deitar  
Embrulhae-o em papeis.

(D.)

4146 Tendes os cabellos louros,  
A roda co'os seus anneis,  
Tendes uns olhos marotos,  
Não sei se me enganareis.

(A.)

4147 Tendes o cabelo louro,  
Na cara lindos signaes,  
Tu vaes ao domingo á missa  
Tirar a direita ás mais.

(E.)

4148 O teu cabelo dobado  
Dá mais de trinta novellos,  
Os teus olhos ramalhudos  
Oh quem me dera vencel-os!

(A.)

4149 Os cabell's na tua testa  
São anneis *ensobrecidos*;  
Os suspiros dos amantes  
Ao longe são conhecidos.

(A.)

4150 O teu cabelo entrançado  
Serve de toda a maneira,  
De dia serve de gala,  
A' noite de travessera.

(A.)

4151 Tens o cabelo entrançado  
Pelas costas *o* comprido  
Servirá de travesseiro  
Quando dormires comigo.

(A.)

4152 Meu amor, em tu morrendo  
*Roubarei-te*, com certeza,  
A trança do teu cabelo  
E um beijinho á franceza.

(A.)

4153 Sobrancelhas de oiro fino  
Penteadas *o* deserto,  
Orelhas *crystallinas*,  
Olhos por quem eu me perco.

(A.)

4154 Sobrancelhas de velludo,  
Olhos pretos como o vidro,  
Palavras da tua bocca,  
Trazem meu peito rendido.

(A.)

4155 Sobrancelhas mais galantes  
 Impossivel é havel-as,  
 São laços de fitas finas  
 Que encobrem duas estrellas.

(A.)

4156 Hei-de-te mandar dourar  
 Os arcos das sobrancelhas,  
 São laços de fitas finas  
 Que encobrem duas estrellas.

(A.)

4157 Oh meus olhos de pau preto,  
 Sobrancelhas de oiro fino,  
 Não me percas o affecto,  
 Que eu de ti não perco o tino!

(A.)

4158 Tu tens olhos de matar,  
 Sobrancelhas de ferir,  
 Tu tens a côr demudada,  
 Isso é de não dormir.

(A.)

4159 Os teus olhos são capellas,  
 Onde os meus vão ouvir missa,  
 As sobrancelhas são velas  
 Que estão pedindo justiça.

(A.)

4160 Tendes dois olhos na cara  
 Que parecem dois ladrões,  
 Quem com elles penetrar,  
 Que bonitas perfeições!

(D.)

4161 Tendes dois olhos na cara  
Que parecem dois ladrões,  
Elles postos nas estradas  
Podem roubar corações.

(T. M.)

4162 Abre os olhos, deixa ver  
Debaixo d'essas pestanas,  
Pois que quero conhecer  
As luzes com que me enganas.

(A.)

4163 Vem livrar-me com teus olhos,  
Que eu por elles me perdi,  
Dá me a vida com teus beijos,  
Já que por elles morri.

(A.)

4164 Eu hei de amar ao meu bem,  
Hei de fazer o meu gosto,  
Tem a cara redondinha  
E os olhos á flor do rosto.

(A.)

4165 Alegraram-se os meus olhos,  
Meu amor, quando te vi,  
Quanto mais contigo falo  
Menos posso estar sem ti.

(A.)

4166 Não sei a côr dos teus olhos,  
São lindos, o mais não sei,  
Sejam pretos ou castanhos  
Que importa, se os adorei ?

(A.)

4167 Defronte de mim 'stão olhos,  
Eu a vel-os inda não,  
Pelos raios que elles botam  
Que dão ao meu coração.

(B. A.)

4168 Nos olhos do meu amor  
Leio o seu pensamento,  
N'elles vejo hade ser meu  
D'aqui a bem pouco tempo.

(A.)

4169 Muito se engana quem cuida,  
Que os olhos que querem bem,  
Em tu 'stando á minha vista  
Não me lembra mais ninguem.

(A.)

4170 Deante de mim 'stão olhos,  
Quem m'os déra ver tirados,  
São olhos que me perderam  
E que amo por meus peccados.

(A.)

4171 Se nos meus olhos conheces,  
Meu amor, o que te digo,  
Olha p'ra mim, faço o mesmo,  
'Scuso de falar comtigo.

(A.)

4172 Lindos olhos, lindos olhos,  
Lindos olhos tenho eu,  
A belleza dos meus olhos  
Meu amor é que m'a deu.

(A.)



4173 Tendes dois olhos na cara  
Que parecem duas flôres.  
Se eu assim tivera os meus  
Já 'stava sem amores.

(D.)

4174 Tendes dois olhos na cara  
Da côr da baêta fina ;  
Não sei que amor é o teu,  
Que tanto me desatina.

(D.)

4175 Esses teus olhos menina,  
São dois vasos d'alegria,  
Amal-os é meu intento  
Beijal-os é que eu queria.

(A.)

4176 Os teu olhos teem meninas  
Essas meninas tem olhos,  
Os olhos d'essas meninas  
São as m'ninas dos meus olhos.

(A.)

4177 Tens os olhoz marotinhos,  
Cara todo abrejeirada,  
Os pés acatitadinhos,  
A cintura delicada.

(A.)

4178 Quem me encanta n'este mundo ?  
Quem me dá prazer a mim ?  
Encantam-me esses teus olhos,  
Que eu por elles me perdi.

(D.)

4179 Fui a Coimbra aos estudos,  
Aprendi lição d'amar,  
Depois que vi os teus olhos  
Nunca mais pude estudar.

(D.)

4180 P'los olhos que hotaes  
Sei o bem que me quereis,  
Eu quero-vos outrotanto,  
Commigo nada perdeis

(M.)

4181 Troquemos olhos por olhos,  
Corações por corações,  
Ema fala requiere outra  
Em certas occasiões.

(M.)

4182 Os meus olhos são gabados  
Por fidalgos e doutores.  
Dou-os por bem empregados  
Nos meus primeiros amores,

(D.)

4183 Esses teus olhos amor,  
Trazem-me a mim captivado,  
Dentro do teu *entrior*  
'Stá meu nome separado.

(A.)

4184 O' olhos, *abellesae*  
A terra p'ra donde fores,  
Eu também *abellesei*  
Os meus primeiros amores.

(D.)

4185 Se os meus olhos te offendem,  
Aqui estão, castiga-os bem,  
Não quero na minha cara,  
Olhos que offendam ninguém.

(M.)

4186 Assim que teus olhos vi  
Fiquei de todo pasmado,  
Eu inda não encontrei  
Figura tão do meu grado.

(A.)

4187 Amar, e saber amar,  
Amar, e saber a quem,  
Amar os teus lindos olhos,  
Não amar a mais ninguém.

(A.)

4188 A' porta fiz um cigarro,  
A' porta o embrulhei,  
A' porta vi os teus olhos,  
A' porta os namorei.

(A.)

4189 Estas mocinhas d'agora,  
Estas que d'agora são,  
Dão um geitinho aos olhos,  
Que regala o coração.

(T. M.)

4190 Não to digo quanto sinto,  
Por causa dos que aí estão ;  
Mas com um certo geitinho  
Os meus olhos t'ó dirão.

(A.)

4191 Os teus olhos são encantos  
 Protegidos do amor,  
 Felis de quem os gozar,  
 Triste de mim, se eu não for.

(A.)

4192 Se queres saber se te amo.  
 Olha p'r'ós meus olhos bem.  
 Elles mesmo 'stão dizendo.  
 A paixão que por ti teem.

(A.)

4193 Os olhos do meu amor  
 Não sei eu que encanto teem  
 Quando os vejo, esqueço tudo,  
 Não me lembra mais ninguém.

(A.)

4194 Vossê era o que dizia  
 Que era firme no amar,  
 Vossê tem bellos olhinhos,  
 Mas é para me enganar.

(D.)

4195 Olhos mais lindos que os teus  
 Não os vi, nem os conheço,  
 Depois que teus olhos vi  
 Todos os mais aborreço.

(A.)

4196 O' meu amor, meu amor,  
 O' meu amor, nada não,  
 C'o a agua d'estes meus olhos  
 Rego eu o teu coração.

(A.)

197 Indo eu certo dia á caça,  
Sem mesmo ser caçador.  
Fui frido no coração,  
C'os olhos do meu amor.

(A.)

198 Em te não vèr, adoço,  
Vendo-te, logro saude,  
Já quiz fazer uma ausencia  
Aos teus olhos, mas não pude.

(A.)

199 O' meu amor, não vás hoje,  
Que amanhã também é dia,  
Deixa-me ficar teus olhos  
Para a minha companhia.

(D.)

200 O meu amor quer deixar-me,  
Depressa lhe digo adeus,  
Mas não me leve os olhos,  
Que esses são muito meus.

(A.)

201 As meninas dos meus olhos,  
Dormem ás portas fechadas,  
Acordam como sentidas!  
Dormem como apaixonadas.

(A.)

202 Oh noites de primavera!  
Quem as pudera gosar!  
Juntinho da minh'amada  
P'ros seus olhos adorar.

(A.)

4203 Não quer' ir á tua terra,  
Nem tampouco lá passar,  
Que os olhos das raparigas  
Prendem, não sabem soltar.

(A.)

4204 Os teus olhos são capellas :  
Oh! quem fôra capellão ;  
Que em vez de dizer a missa,  
Roubava te o coração.

(A.)

4205 Tão delicado é o fumo  
Que passa a telha dobrada ;  
Delicados são teus olhos,  
Que namoram de pancada.

(A.)

4206 Os olhos do meu amor  
São sanefas de velludo.  
Quem me dera já lograr  
Olhos, sanefas e tudo.

(A.)

4207 Eu não sei que sympathia  
Meus olhos contigo têm,  
Em não estando á minha vista  
Nada me parece bem.

(A.)

4208 Os olhos do meu amor  
São bonitos, benza os Deus !  
Não são pequenos, nem grandes,  
São par'eidos com os meus.

(A.)

4209 Tu és clara como o leite,  
E o leite também se come,  
E tens dois olhos na cara  
Que enganam a qualquer home'.

(A.)

4210 Lindos olhos tem meu bem,  
Inda agora reparei,  
Se reparara ha mais tempo.  
Não amara a quem amei.

(A.)

4211 Quando eu era pequenina  
Acabada de nascer,  
Inda não abria os olhos,  
Jé gostava de te ver.

(A.)

4212 Lindos olhos são os teus.  
Tu és a minha doidice;  
Teu modo é igual ao meu,  
Quero-te bem, já t'ò disse.

(A.)

4213 Os teus olhos são meus olhos,  
Teus olhos minha doidice,  
Teus agrados me captivam,  
Quero-te bem, já t'ò disse.

(D.)

4214 Os meus olhos são os teus,  
Tu és a minha doidice,  
Quero-te bem acabou-se,  
Quero-te bem, já t'ò disse.

(A.)

4215 Lindos olhos são os teus,  
Olhos da minha doidice,  
E's a minha sympathia,  
Quero-te bem, já t'o disse

(T. M.)

4216 Os teus olhos são os meus,  
Tu és a minha doidice,  
Quero-te bem, na verdade,  
Gosto de ti, já te disse.

(A.)

4217 Os seus olhos 'stão chamando  
O meu coração p'ra lá,  
Sirva-se d'elle, ó menina,  
Depois mande-m'o p'ra cá.

(A.)

4218 Tendes olhos de pau preto,  
Riscadinhos ao compasso,  
Duas luzes que allumiam  
As ruas por onde passo.

(D.)

4219 Os olhos do meu amor  
Foram feitos a compasso,  
Todos os veem e resistem,  
E só eu eahi no laço.

(A.)

4220 Os olhos do meu amor  
São os que nunca me esquecem,  
Quantas mais vezes os vejo  
Mais bonitos me parecem.

(A.)



4221 Os teus olhos são dois livros  
 Com que amor lições me deu.  
 Com taes mestres e taes livros  
 Ninguem ama como eu.

(A.)

4222 Adeus Campo Maior das flores,  
 Onde tenho a minha amada ;  
 Se eu não logro esses teus olhos  
 Minha sorte é desgraçada.

(A.)

4223 Tenho os olhos tão affeitos  
 A mirarem-se nos teus,  
 Que de tanto confundil-os  
 Já não sei quaes são os meus.

(D.)

4224 Costumei tante os meus olhos  
 A namorarem os teus,  
 Que de tanto confundil-os  
 Já não sei quais são os meus.

(A.)

4225 Lindos olhos te deu Deus  
 N'essa tua linda cara,  
 Se eu assim tivera os meus,  
 Outro gallo me cantara.

(A.)

4226 Quando te eu vi logo disse :  
 Lindos olhos para amar,  
 Linda bocca para beijos.  
 Ai quem t'os podera dar !

(A.)

4227 Assim que te vi, eu disse:  
Lindos olhos para amar.  
Linda bocca para beijos,  
Lindos braços p'ra abraçar.

(A.)

4228 Os meus olhos estão presos,  
Mas não choram na prisão,  
Deixal-os andar, deixal-os,  
Presos ao teu coração.

(E.)

4229 Se os meus olhos te incomodam,  
Quando estão na tua frente,  
Eu prometo de arrancar-os,  
Para te amar cegamente

(E.)

4230 Tendes dois olhos na cara,  
Que merecem ter vidraça,  
Muito gosto eu de vel-os  
E a todos da sua raça.

(A.)

4231 Tendes os olhos pisqueiros  
E a vista apegadiça,  
Trazeis a prisão comvosco.  
Não vos faz ninguém justiça.

(D.)

4232 Tens os olhos d'uma Santa,  
Sobrancelhas de Princeza,  
A boquinha é d'Infanta,  
Cinturinha de Marçuzza.

(A.)

4233 Os meus olhos são dois laços,  
 Que avistam villas e campos ;  
 Só tu me podes dar passos  
 Domingos e dias santo.s

(A.)

4234 Os teus olhos são dois laços  
 Os meus são um ramallete,  
 Os passos que eu por ti dou,  
 Deus queira que te aproveitem.

(A.)

4335 Esses teus olhos, amor,  
 Trazem-me a mim captivado,  
 Dentro do meu int'rior  
 'Stá teu nome retratado.

(A.)

4236 Os meus olhos, mais os teus,  
 Dão ao mundo que entender,  
 Namoram-se devagarinho  
 P'ra ninguem os perceber.

(A.)

4237 Os meus olhos mais os teus,  
 São quatro a quererem bem,  
 Os meus adoram os teus,  
 Mas os teus não sei a quem

(A.)

4238 Teus olhos são dois botões,  
 Gerados na flôr do rôsto  
 Tuas faces são carmim,  
 E's uma dama de gosto

(A.)

4239 Se te fôres, hei de armar  
 Laços á tua partida,  
 Eu quero mais a teus olhos  
 Do que á minha própria vida.

(T.M.)

4240 Longe de mim estão olhos,  
 Olhos a quem eu venero,  
 Olhos a quem eu quiz muito,  
 Quiz muito e ainda quero.

(A.)

4241 Quem me dera ter-te á vista  
 Trinta dias cada mez,  
 Cada semana seis dias.  
 E cada instante uma vez.

(A.)

4242 Se chego ao longe a avistar-te,  
 De prazer eu enlouqueço,  
 Só a ti, meu bem, eu amo.  
 Tudo mais eu aborreço.

(A.)

4243 'Stou defronte de quem amo,  
 Quem eu vejo estou querendo,  
 Quem me dera em meus braços,  
 Quem meus olhos estão vendo.

(T. M.)

4244 Eu quero muito ao meu bem,  
 Mas nunca falei com elle,  
 Só c'o a vista me contento,  
 Penso que assim será elle.

(A.)

4245 Já hoje vi meu amor  
Logo pela manhãzinha,  
Agora posso dizer :  
Feliz sorte foi a minha.

(D.)

4146 Quem o teu sorriso gosa  
Quem gosa o teu terno olhar,  
E' feliz, é venturosa,  
Não tem mais que desejar

(A.)

4247 Quando olhares para mim  
Olha com certo geitinho,  
Que eu não quero que se saiba  
Tu és o meu amorzinho.

(A.)

4248 Eu suspiro e tu suspiras.  
Sômos dois a suspirar,  
Eu suspiro por te vêr  
Tu suspiras por me amar.

(A.)

4249 P'a volta da meia noite.  
Ouvi cantar o meu bem,  
Acordei sobressaltado,  
Olhei e não vi ninguém.

(A.)

4250 Defronte tenho quem quero,  
Quero bem a quem 'stou q'rendo,  
A' vista tenho quem amo,  
Quero bem a quem 'stou vendo.

(A.)

4251 Tenho ao lado quem me ama  
E defronte quem venero ;  
Se eu te chegar a lograr  
Mais nada do mundo quero.

(A.)

4252 Semeei o roxo n'agua,  
O encarnado na *arêa*,  
A' vista d'esses teus olhos  
Quem tem juizo *varêa*.

(A.)

4253 Os olhos pretos são vários,  
Os azues são lisongeiros,  
Os olhos acastanhados  
São os leaes, verdadeiros

(A.)

4254 Olhos pretos são fidalgos  
Os azues são cavalheiros,  
Os olhos acastanhados  
São falsos e lisongeiros.

(A.)

4255 Tens os olhos mais escuros  
Do que a noite mais fechada,  
Apesar de tanto escuro,  
Sem elles não vejo nada

(D.)

4256 Tendes os olhinhos pretos  
Como o retroz de cozer :  
Nasceste para ser minha,  
Que lhe havemos de fazer ?

(D.)

4257 Olhos pretos roubadores,  
Porque vos não confessaes  
Dos delictos que fazeis  
Dos corações que roubaes?

(T. M.)

4258 Olhos pretos, amarellas,  
Olhos de todas as cores,  
Olhos de quem quer e gosta,  
Olhos de quem tem amores.

(A.)

4259 Os olhos de Inez são negros,  
Os de Julia côr do ceo,  
Mas dizer quaes são mais bellos  
Decerto não posso eu.

(E.)

4260 Os olhos pretos que eu vi  
Na *felor* da minha edade,  
Logo me namorei d'elles;  
Quanto vale uma amizade!

(A.)

4261 Olhos pretos, olhos pretos,  
São minhas Ave-Marias,  
São as contas por onde eu rezo  
O rosar' todos os dias.

(A.)

4262 Olhos pretos olhos pretos,  
Mais pretos que a noite escura,  
São os olhos que ao vê-los  
Ardo em chammas de loucura.

(A.)

4263 O meu amor não é este,  
Foi alguém que m'o tirou,  
Que o meu tinha olhos pretos,  
Quando para mim olhou.

(A.)

4264 Olhos negros, olhos negros,  
Olhos da minha paixão,  
Os verdes dão mais 'speranças,  
Mas fiar-me d'elles, não.

(A.)

4265 Os teus olhos pretos, pretos,  
Os teus olhos pretos são,  
A *jelor* do teu affecto  
Captiva o meu coração.

(A.)

4266 Assim que teus olhos vi,  
Logo me elles *cantivaram*,  
Olhos pretos para mim,  
Toda a vida me encataram.

(A.)

4267 Olhos pretos, bocca linda,  
Gosto d'elles, mas, porém,  
Tenho medo de os amar,  
São crueis não pagam bem.

(A.)

4268 Olhos pretos são captivos.  
Os azues não tem fé,  
Os olhos acastanhados  
'Stão dizendo o que não é.

(A.)



4269 Os meus olhos são dois pretos,  
Que me chegaram de fóra,  
De lá me vieram livres,  
Captivos os tenho agora.

(A.)

4270 Que lindos olhos tão pretos!  
Que lindos olhos eu vi!  
Eram negros, côr da noite,  
Mataram-me e não morri.

(E.)

4271 Olhos pretos e azues  
Trago eu n'este cabazinho,  
Os azues posso eu vender,  
Os pretos dout'os por vinho.

(A.)

4272 O meu amor não é este.  
E se é este não o quero,  
O meu tem os olhos pretos,  
Este tem-n'os amarellos.

(M.)

4273 Não me lembra pae nem mãe,  
Nem o leite que mamei,  
Lembra-me d'uns olhos negros,  
Que eu em rapaz namorei.

(A.)

4274 Olhos pretos são marotos,  
Os azues enganadores,  
Os castanhos não tem preço,  
Esses são os matadores.

(M.)

4275 Os teus olhos, Manoel,  
São negros como o carvão,  
Penetram dentro em meu peito,  
Vão até ao coração.

(A.)

4276 Olhos pretos são captivos,  
Os azues são brejeiros,  
Os olhos acastanhados  
Para amar são os primeiros.

(A.)

4277 Olhos pretos não têm graça,  
Olhos azues graça teem,  
Os olhos do meu amor  
São azues, querem-me bem.

(A.)

4278 Olhos pretos e travessos  
São p'ra mim olhos d'amor,  
Os azues matam a gente,  
Requebradoa com langor.

(A.)

4279 Olhos pretos, olhos brancos,  
Olhos da côr da perdiz,  
Olhos de quem quer e gosta,  
Olhos de quem quer e quiz;  
Quem lograr os teus carinhos  
Póde-se julgar feliz.

(A.)

4280 Olhos azues, olhos pretos,  
Castanhos e amarellos;  
A'quella dos olhos verdes  
E' que eu faço mais desvelos.

(A.)

4281 Olhos pretos são falsetes,  
Os azues enganadores,  
Estes meus acastanhados  
São leaes aos meus amores.

(A.)

4282 Os olhos azues são varios,  
E os verdes são traidores,  
Estes meus acastanhados  
São leaes aos teus amores.

(A.)

4283 Quem tiver olhos azues  
Bem os póde arrecadar,  
Que os olhos azues são poucos,  
Bem custosos d'alcançar.

(A.)

4284 Tens o rosto côr de rosa,  
Os olhos da côr do ceu,  
Tens o cabello tão lindo,  
Não precisas de chapéu.

(A.)

4285 São azues, da côr do ceu,  
Os formosos olhos teus,  
Tão azues, que até parece  
Que n'elles eu vejo os meus.

(A.)

4286 Anda cá, olhos azues,  
Carreira dos namorados,  
Ensina-me estes caminhos,  
Que errei por meus peccados.

(D.)

4287 Os olhos verdes dão 'sp'rança,  
Os azues lembram o eco,  
Os negros lembram a morte,  
P'los castanhos mostro eu:

(A)

4288 Lindos olhos tem meu bem,  
Verdes, da cor de limão,  
Os azues são lealdade,  
Os negros dizem traição.

(A.)

4289 Olhos verdes são marótos,  
Os azues são engraçados,  
E os pretos são medonhos,  
Castanhos desconfiados.

(A.)

4290 Os olhos do meu amor  
São bonitos, que encandefiam,  
E são riscados de verde,  
Que a terra toda *almeiam*.

(A.)

4291 Oh que olhinhos tão bonitos!  
Tanto com elles engraço!  
São luzes que m'*almeiam*  
Quando pela rua passo.

(A.)

4292 Amar, mas saber amar,  
Amar, mas saber a quem,  
Amar a luz dos teus olhos,  
E não amar mais ninguém.

(A.)

293 Quem me dera já lograr  
 D'esses teus olhos as luzes,  
 Mais de quatro não de ficar  
 Na bocca fazendo crases.

(A.)

294 Esses teus olhos, menina  
 São duas luzes de gaz,  
 Amar-te, lá isso sim,  
 Deixar-te não sou capaz.

(A.)

295 A tua cara de neve  
 Foi feita de podraria,  
 Os teus olhos são candelas  
 Que accendem a luz do dia.

(A.)

296 Dava-te fitas aos molhos,  
 Que mais queres que eu te dei?  
 É deite a luz dos meus olhos,  
 Té cega por ti fiquei.

(A.)

297 Morena, Morena,  
 Dos olhos rasgados,  
 Teus olhos, morena,  
 São os meus pecados.

(T. M.)

298 Ailé.  
 O' amor, troquemos  
 Os teus olhos grandes  
 Pelos meus pequenos.

(A.)

4299 O'lhos azues,  
Boquinha tão doce,  
Eu não 'stava aqui  
Se o meu bem não fosse

(A.)

4300 Ailé,  
Anda cá correndo,  
Teus olhos são laços  
Que me 'stão prendendo.

(A.)

4301 Ailé, Manuel,  
E's um lindo cravo.  
Tens olhos azues,  
Acções de fidalgo.

(A.)

4302 Oh que lindos olhos  
Tem o meu amor!  
São mal empregados  
Andar ao calor.

(A.)

3303 O' olhos azues,  
Que já foram meus,  
São agora d'ouro,  
Paciencia, adeus.

(A.)

4304 O' olhos azues,  
Boca pequenina,  
Tudo quanto dizes  
E' uma gracinha.

(A.)

- 4305 Ailé,  
Anda cá p'r' aquí,  
Que te quero ver.  
Que inda te não vi!  
(A.)
- 4306 Solteirinha engraçada,  
Lindas faces côr de rosa,  
Enganando por esp'rança,  
Trigueirinha mais formosa  
(A.)
- 4307 Tens o nariz bem composto,  
Os dentes são de marfim,  
Feliz será minha sorte  
Se nascestes para mim.  
(A.)
- 4308 A boca da minha amada  
Tem uma grande virtude,  
Pois que até os seus beijinhos  
Aos doentes dão saude.  
(A.)
- 4309 O' menina, diga, diga,  
Por sua bocca o confesse.  
Se já teve n'este mundo  
Amor que mais lhe quizesse.  
(A.)
- 4310 Tens a boquinha pequena,  
O queixo tão redondinho,  
Que morrerei de paixão  
Se me não dás um beijinho.  
(A.)

4311 Tua bocca me parece  
Um botõesinho de rosa;  
Tenho visto boccas lindas,  
Mas nenhuma tão airosa.

(A.)

4312 Linda boquinha p'ra beijos!  
Oh quem t'os poderá dar!  
Para matar os desejos  
Que en trago, amor, de te amar.

(A.)

4313 'Inda bem que já achei  
*Amorinhos* a meu gosto,  
Com a bocca pequenina,  
Olhos á *felor* do rosto.

(A.)

4314 Quem me dera ser cigarro  
Na bocca dos fumadores,  
Sempre andaria brilhando  
Na bocca dos meus amores.

(A.)

4315 Quando o meu amor me beija,  
Não sei explicar que sinto,  
Fico parva, fico doida,  
Falo a verdade, não minto.

(A.)

4316 As caricias do meu bem  
Não as posso eu esquecer.  
Os seus beijos e abraços  
Hão lembrar-me até morrer.

(A.)



4317 Meu amor, dêi-te meus beijos,  
E com beijos me pagaste,  
Deus te pague a alegria,  
Todo o bem que me causaste

(D.)

4318 Quem me deu agora mesmo  
Ter-te aqui ao pé de mim,  
Com meus beijos vermelhava  
Tuas faces de jasmim.

(E.)

4319 O beijo que tu me deste  
Nunca me hade esquecer,  
Inda tenho a bocca doce,  
Inda me estás a saber bem.

(D.)

4320 Os abraços e beijinhos,  
Diz-me, amor, que gosto têm?  
Beijinhos de quem namora,  
Abraços de quem quer bem.

(A.)

4321 Um abraço não é nada,  
Um beijo que gosto tem?  
São affectos de quem ama,  
Carinhos de quem quer bem.

(A.)

4322 Tenho fome, tenho sede,  
Não é de pão, nem de vinho,  
Tenho fome de um abraço,  
Tenho sede de um beijinho.

(A.)

4323 Se eu tivera que dar, dera,  
Sempre te estaria a dar,  
*Beijinhos* na tua cara,  
Lindo amor, sem descançar.

(A.)

4324 Se eu tivera que dar, dera,  
E sempre estaria a dar,  
*Beijinhos* até morrer,  
Abraços sem descançar.

(A.)

4325 Quem me dara, dera, dera,  
Estar sempre a dar, a dar,  
Beijinhos a tres e tres,  
Abraços a par e par.

(A.)

4326 Aile,  
*Cadê os* áruinhos,  
Dá-me tu abraços,  
*Q'ê te dê beijinhos.*

(A.)

4327 Tendes o dentinho raro  
Mettei-lhe o cravo no meio,  
Toda a gente se admira  
Do teu bonito asseio.

(A.)

4328 O' hassarinho, abre o bico,  
Que te quero ver os dentes,  
Índa meus olhos não viram  
Perolas tão excellentes.

(T. M.)

4399 Tens os dentes minúsculos  
 Como as pedrinhas de sai,  
 D'aqui me estão parecendo  
 Bocadinhos de crystal

(A.)

4330 Entre o dizer e o calar  
 Ha guerra viva em meu peito,  
 O amor manda que flic,  
 Que cale diz o respeito.

(A.)

4331 O meu peito é um jargu.  
 Para ti 'stá preparado,  
 Se me amas como é devida,  
 N'elle serás sepultado.

(A.)

4332 Tonho dentro do meu peito  
 Uma cadeira de vidro,  
 Onde o meu amor se senta  
 Quando vem falar comigo.

(A.)

4353 Tenho dentro do meu peito  
 O que eu não quero dizer  
 Um bocadinho d'amor  
 Que me faz endoidecer.

(B. B.)

4334 Tenho dentro de meu peito  
 Mil vellas, mil castiças,  
 No altar onde te adoro  
 Estás tu e ninguem mais.

(A.)

4335 Tenho dentro do meu peito  
Dois moinhos a moer,  
Um anda, outro desanda,  
E outro olha o bem querer.

(M.)

4336 Tenho dentro do meu peito  
Duas saquinhas de flores,  
Por uma descem suspiros,  
Por outra sobem amores.

(T. M.)

4337 O' meu amor, meu amor,  
O' meu amor, nada digo,  
Nada em meu peito tenho,  
Que não reparta contigo.

(A.)

4338 O' meu amor, meu amor,  
O' meu amor, nada não,  
Nada tenho no meu peito  
Em que não tenhas quinhão.

(A.)

4338 Que queres, meu bem, que queres,  
Que queres d'este meu peito?  
Se queres meu coração,  
Mette a mão, tira com jeito.

(A.)

4340 Lá de frente do amor  
Brincas tu e brinco eu,  
Anda, amor, par' o meu peito,  
Ninguém te quer mais do que eu.

(A.)

4341 Cá dentro d'êste meu peito  
 Tenho um lugar p'ra te dar,  
 Faze tu pelo mer'cer,  
 Que eu não t'o heide negar.

(M)

4342 Para dominar meu peito  
 Só de ti fiz eleição,  
 Toma posse da minha alma,  
 Domina o meu coração.

(A.)

4343 Altas torres tem teu peito,  
 Com alicerces de vidro,  
 Com chaves de diamantes  
 Para me fechar contigo.

(A.)

4344 Altos muros tem teu peito,  
 Eu lá não poderei entrar.  
 Quem merecimentos não tem,  
 Glórias não pode alcançar.

(E.)

4345 Altas torres tem teu peito,  
 Oh quem em ellas se vira,  
 Para descobrir a terra  
 De meu bem, que é de Tavira.

(A.)

4346 Altas torres tem teu peito,  
 Eu a todas tenho ido,  
 Só me falta ir agora  
 A's torres do teu sentido.

(A.)

4347 Altas torres tem teu peito,  
Mais altas são as muralhas,  
Se tu prometes ser minha,  
Eu te prometto saltal-as.

(A.)

4348 Quem embarca, quem embarca,  
Quem vem p'r'ó mar, quem vem?  
Quem embarca no meu peito?  
Que linda maré que tem!

(A.)

4349 Se eu soubera que já tinha  
N'esse teu peito um logar,  
Eu fazia um protesto  
De p'ra outro não olhar.

(A.)

4350 Tenho dentro do meu peito  
Um a b c bem bonito,  
Quem o ler com piedade  
Ha-de chorar infinito,

(A.)

4351 O teu coração é fita  
Que no meu peita se enleia,  
É's a cara mais bonita  
Que passeia n'esta aldeia

(A.)

4352 Eu quero que tu escrevas  
Com o sangue do teu peito:  
Fui fôrro, fiquei captivo,  
Fui-livre, fiquei sujeito.

4353 Não se me dava morrer  
Tendo a salvação segura,  
Sabendo que havia ter  
Em teu peito a sepultura.

(A.)

4354 Se eu morrer na minha sina,  
No meu sentido perfeito,  
Hei de pedir que me enterrem  
No jardim d'esse teu peito.

(A.)

4355 O' meu amor, meu amor,  
Só tu tivestes a dita  
De entrar dentro do meu peito,  
N'uma sala tão bonita.

(E.)

4356 Se entrei n'essa tua sala  
Pesso-me dar por feliz,  
Já te quiz amar ha tempo,  
Mas a tua mãe não quiz.

(M.)

4357 Esses ossos lindos peitos  
Ambos de dois são eguaes,  
Não são altos não são baixos,  
São como vós precisaes.

(D.)

4358 Ailé,  
Onde vou, irei,  
O teu peito é laço,  
N'elle cahirei.

4359 Ailé

Quero, mas não posso,  
 Unir o meu peito  
 Ao coração vosso.

(A.)

4360 Meu amor, se sabes ler,  
 Dentro do meu coração.  
 Vem abril-o, então verás,  
 Se te quero bem ou não.

(D.)

4361 Menina, que sabe ler,  
 Leia no meu coração,  
 E dentro d'elle ha de ver  
 Se lhe quero bem, ou não.

(T. M.)

4362 Menina se sabe ler,  
 Leia-me o meu coração.  
 Que dentro d'elle hade achar  
 Se eu lhe quero bem ou não,

(B. A.)

4363 O meu amor me pediu,  
 Meu coração emprestado  
 Se estivessemos sósinhos,  
 Até l'ho teria dado

(A.)

4364 Dava-te o meu coração,  
 Coiza que dar não podia,  
 Já te dava a melhor prenda  
 Que no meu peito trazia

(A.)



4365 Sois alegre e andaes triste,  
Dizei-me, porque razão?  
Se é por falta de amores,  
Aqui tens meu coração.

(D.)

4366 Suspirei quando te vi,  
Roubaste a minha afeição,  
Tenho agora os teus carinhos,  
Que mais quer meu coração?

(A.)

4367 Apalpei meu lado esquerdo,  
Não achei meu coração,  
Logo me veio ao sentido;  
Que fugiu p'r'á tua mão.

(A.)

4368 Olhei p'r'ó meu lado esquerdo,  
Não achei meu coração,  
De repente me lembrou  
Que 'stava na tua mão.

(A.)

4369 Puz a mão da parte esquerda,  
Não achei meu coração,  
Não me lembrei que o tinha  
De penhor na tua mão.

(T. M.)

4370 Já não tenho coração,  
Já m'ó tiraram do peito,  
Onde eu tenho o coração  
Nasceu-me um amor perfeito.

(A.)

4371 Tenho um amor em balanças,  
Não sei se o ame se não,  
Se o deixo, que grande pena,  
Meu amor do coração !

(A.)

4372 O' meu amor diz-me a quem  
Empenhaste o coração,  
Ainda que eu pague juros,  
Quer' tel-o na minha mão.

(A.)

4373 Ha muita gentinha honrada  
Que é peor do que um ladrão,  
Pensa até não roubar nada  
Quando rouba um coração.

(A.)

4374 Da aldeia de Santa Eulália.  
A Elvas tres leguas são,  
Mais curtas do que a corrente.  
Que nos prende o coração.

(A.)

4375 Aqui tens meu coração,  
Se o quizeres matar, podes,  
Olha que 'stás dentro d'elle.  
E se o matas também morres.

(A.)

4376 Vivo triste, e essa tristeza  
Vai-me toda ao coração,  
Dá remédio a este mal,  
Allivio a esta paixão.

(A.)

4377 Eu hei-de sempre adorar-te,  
 Quer tu me queiras e não,  
 É tu mesma já não podes  
 Sahir do meu coração.

(A.)

4378 Cá te trago retratada  
 No coração, lá no fundo,  
 Tirando a Deus, eu não tenho  
 A quem ame mais no mundo.

(A.)

4379 Coração por coração,  
 Não deixes de amar o meu,  
 Olha que o meu coração  
 Sempre foi leal ao teu.

(A.)

4380 Os solteiros não têm preço,  
 Amor do meu coração,  
 E não ha nada que os pague,  
 Valem mais do que um milhão.

(ALG.)

4381 O meu coração é teu,  
 O teu é de quem tu queres,  
 Estou prompta para t'o dar  
 Quando tu o teu me deres.

(A.)

4382 O meu coração é teu,  
 Aqui e em toda a parte,  
 Antes cegar que não ver-te  
 Antes morrer que deixar-te.

(A.)

4383 O meu coração é teu,  
Já o deves entender,  
Se o queres amar, ama-o,  
Não o deixes padecer.

(D.)

4384 Nossos corações nasceram  
Um para do outro ser,  
Quem intentar separá-los  
Perde o seu tempo por q'rer.

(A.)

4385 Meu amor, meu bem querido,  
Enleio do coração,  
Doce objecto dos meus votos,  
E da minha adoração.

(A.)

4386 O' meu amor, meu amor,  
O' meu amor, nada não,  
Só tu vieste a dar vida  
A meu mortal coração.

(A.)

4387 Suspira, meu bem, suspira,  
Suspira, não tenhas medo,  
Aqui 'stá meu coração  
P'ra te tirar do degredo.

(A.)

4388 O encarnado ao longe *lux*,  
O branco de noite alveja ;  
O meu coração, amor,  
Ao pé do teu se desceja.

(A.)

4389 Eu amo-te, sem máu fim,  
E' nobre minha paixão.  
Sigo as leis da natureza,  
Oíço a voz do coração.

(A.)

4390 Coração, arriba, arriba,  
Nãõ queiras estar doente,  
Poe-te á janella p'ra veres  
Teu amor, que está na frente.

(A.)

4391 Aqui tens meu coração  
E a chave para o abrires,  
Nãõ tenho mais que te dar,  
Nem tu mais que me pedires.

(A.)

4392 Amór do meu coração,  
Meus suspiros são fataes,  
Vem dar fim á minha vida,  
Dar sepultura a meus ais.

(A.)

4393 O coração, alma e vida,  
Tudo, tudo eu já te dei,  
Se tens tudo que me anima,  
Cõmo sem ti viverei?

(A.)

4394 A palpitar em segredo  
O meu coração me diz,  
Que contigo, cedo ou tarde,  
Heide vir a ser feliz.

(A.)

4395 O meu coração palpita,  
O palpar é segredo,  
Hei-de vir a ser feliz  
Contigo ou tarde ou cedo.

(A.)

4396 Anda cá, se queres ver,  
O que tenho no sentido,  
Na memória retratado,  
No coração applaudido.

(A.)

4397 Os nossos dois corações  
Sempre unidos hão de estar,  
E' um nó tão venturoso,  
Que o não quero desatar.

(A.)

4398 Se tu suspiras, suspira  
Cá dentro o meu coração,  
Se tu choras também chora,  
Vê lá se te amo, ou não.

(A.)

4399 Aldeia de Vaimonte,  
Lá no fundo moro eu;  
Já não é de ontem nem de hoje  
Que o meu coração é teu.

(A.)

4400 Tenho-te muita amizade,  
Amor do meu coração,  
Se fôr da tua vontade,  
Has-de vir p'r'a minha mão.

(A.)

4401 Tenho-te muita amizade,  
 Amor do meu coração,  
 Se por Deus é apartada,  
 Vou a morrer de paixão.

(A.)

4402 Amor do meu coração,  
 Tenho-te muita amizade  
 Se não logro os teus carinhos,  
 Não captivo a liberdade.

(A.)

4403 Amor do meu coração,  
 Não me percas a amizade,  
 Se te quero bem / não  
 O meu travesseiro o sabe.

(A.)

4404 Anda cá, meu bago d'ouro,  
 E minha renda engommada,  
 No ventre da tua mãe  
 Já meu coração te amava.

(A.)

4405 O meu coração  
 Dera de penhor  
 A quem me trouxera  
 Aqui meu amor.

(A.)

4406 Ailê,  
 O meu coração  
 Vae de boamente  
 Lá p'r'a tua mão.

(A.)

- 4407 Ailé,  
O meu coração,  
Se não logra o teu,  
Morre de paixão.  
(A.)
- 4408 Ailé,  
Hei de te dar,  
O meu coração,  
Has de o estimar.  
(A.)
- 4409 Anda cá, meu bem,  
Que te quero dar  
O meu coração,  
Que é prenda leal.  
(A.)
- 4410 Meu bem, meu bem,  
Segura, tem mão,  
Vem devagarinho  
P'r'ó meu coração.  
(A.)
- 4411 Ailé,  
Coração, patente,  
Cheio, d'alegria,  
Para toda a gente.  
(A.)
- 4412 Ailé,  
Meu coração  
Vae brinca, brinca,  
Para a tua mão.  
(A.)



4413 Tens cintura delicada,  
Não sei como não quebraes,  
E's a rainha das flores,  
Não desfazendo nas mais.

(A.)

4414 Delicada da cintura,  
Como tu ninguem a tem,  
Com um pé bem pequenino,  
Que te fica mesmo bem.

(A.)

4415 Fui fazer uma caçada  
Ao largo do Arcinho,  
Só para ver se caçava  
O ladrão do teu corpinho.

(D.)

4416 Amanhã, por esta hora,  
Onde estará o meu corpo?  
Estará n'esses teus braços,  
Ou na sepultura morto.

(D.)

4417 Meu amor não arreceis  
De me dar a tua mão,  
Dá me os teus braços, que em troca  
Te off'rec'rei meu coração.

(A.)

4418 Saudades te persigam  
Que te não possas valer,  
De tão alto cáias tu  
Que aos meus braços venhas ter

(A.)

4419 Não posso viver sem ti,  
Nem tu, meu amor, sem mim,  
Anda, amor, para os meus braços,  
Vira-te cá para mim.

(A.)

4420 Anda cá para os meus braços,  
Se tu vida queres ter,  
Os meus braços dão saude  
A quem 'stá para morrer.

(A.)

4421 Anda cá para os meus braços,  
V'rás a vida que te eu dou,  
Não queiras viver captiva  
D'essa mãe que te criou.

(A.)

4422 Fui um dia a passear,  
Com o cestinho no braço,  
Encontrei o meu amor,  
Ai Jesus não sei que faço!

(A.)

4423 Eu queria e inda quero,  
Eu q'ria, tornava a q'rer,  
Nos braços do meu amor  
Eu sempre poder viver.

(A.)

4424 Os braços do meu amor  
Apertam-me com paixão,  
Sobe-me a côr ao rosto,  
Palpita-me o coração.

(A.)

- 4425 A rua direita é estreita  
É toda feita a compassos ;  
Qual será o venturoso  
Que te irá cair nos braços !  
(A.)
- 4426 Qual será o dito dia,  
Para nós tam desejado,  
Que me veja nos teus braços  
Com laços de amor fechado ?  
(A.)
- 4427 Se eu tivera um bom marido,  
Um rapaz bem comportado,  
Haviam gostar de ver-me  
Com elle de braço dado.  
(A.)
- 4428 Desejas morrer na força  
Meu crime não é de morte,  
Se teus braços forem força,  
Não se me dá que me enforcem.  
(D.)
- 4429 Os braços do meu amor  
São mesmo uma perfeição,  
São duas grossas cadeias  
Que prendem meu coração.  
(A.)
- 4430 O sangue das tuas veias  
Gira no meu coração,  
Se os teus braços são cadeias,  
Eu já me entrego á prisão.  
(A.)

4431 Bastas vezes tenho escripto  
Que te quer' do coração,  
Na cadeia dos teus braços  
Eu quero ter a prisão.

(A.)

4432 Quando meus olhos te viram,  
Meu coração te adorou,  
Na cadeia dos teus braços  
Minh'alma presa ficou.

(A.)

4433 As cadeias dos meus braços  
São as que te hão de prender;  
Vou á serra armar um laço,  
Alguem hade cair n'elle.

(A.)

4434 Recostei-me nos teus braços,  
Oh que encosto tão galante!  
Fiquei presa nos teus laços,  
Na cadeia dos amantes.

(A.)

4435 Ai, Jesus, valha-me o céu!  
Não sei que céu hade ser,  
Valha-me o céu de teus braços,  
Que n'elles hei de morrer.

(A.)

4436 Vae-te já d'aquí embora,  
Nam me venhas a tentar,  
Que me 'stás dando *enganações*.  
De contigo me abraçar

(A.)

4437 Se eu soubera, amor,  
 Que me eras leal,  
 O sangue do braço  
 Te havia de dar.

(A.)

4438 Aperta-me, amor, aperta-me,  
 Aperta-me a minha mão,  
 Que estes apertós me dizem :  
 Quer' te bem do coração.

(A.)

4439 Aperta-me a minha mão  
 'Té que me estalem os dedos ;  
 Como queres que eu te ame,  
 Se eu não sei os teus segredos ? !

(A.)

4440 Aperta-me a minha mão,  
 Que é um sinal encoberto,  
 Antes que o mundo murmure,  
 Ninguem o sabe de certo.

(A.)

4441 Aperta-me a minha mão,  
 'Té que diga—deixa já ;  
 Quem mais aperta, mais quer,  
 Quem mais quer, mais firme está.

(A.)

4442 Aqui t'ns a minha mão,  
 Ajunta-a palma com palma,  
 Domina o meu coração,  
 Toma posse da minh'alma.

(A.)

- 4443 Quando a minha mão apertas  
Sem que os outros possam ver,  
Toda me ponho vermelha,  
NÃO 'stejam a conhecer.  
(A.)
- 4444 O' minha bella menina,  
Ponha aqui a sua mão,  
Ouvirá as pancadinhas  
Que dá o meu coração.  
(A.)
- 4445 Hei de retratar meu bem,  
Na palma da mão direita,  
Pára sempre ter á vista  
Esta açucena bem feita.  
(A.)
- 4446 Trago-te na mão pintado,  
No coração *escrevido*,  
Na memória retratado,  
No centro d'alma mettido.  
(A.)
- 4447 Minha palavra está dada  
Para te amar com primor,  
Minha mão 'está preparada  
Para dar ao meu amor.  
(A.)
- 4448 Lindo pé, linda pégada,  
Lindo passear de brio,  
Linda trança de cabello  
Tral-o amor a cotio.  
(A.)

4449 Que lindo pé que tu tens,  
 É deixa ver, impostora!  
 Não me enganas, esses pés.  
 São de fada, sim senhora.

(A.)

4450 Puz o pé na veia ardente,  
 E puz-me a amar com fervor,  
 Ai Jesus, que eu já não posso,  
 Estou captiva do amor!

(A.)

4451 Quem me dera que dissessem:  
 Além vai o seu amor;  
 Eu não andava, voava,  
 Corria como o vapor.

(A.)

4452 Minha saia de paninho  
 Tem pospontos nas bainhas;  
 Inda espero de ajuntar  
 As tuas mãos com as minhas.

(A.)

4453 Tenho uma saia de chita  
 Toda cheia de *felores*,  
 Para domingo vestir  
 Quando vieres, amor.

(A.)

4454 Que linda chombra encarnada  
 Que eu trago no meu corpinho;  
 Estou louca de contente  
 De lograr os teus carinhos.

(A.)

- 4455 Minha amada é campontéz,  
Eu tambem camponez sou,  
E' como a chita franceza,  
Da primeira que se usou.  
(A.)
- 4456 Toda a vida trouxe e trago  
Fita verde no colete ;  
Agora trago-te a ti,  
Servindo de ramallete.  
(A.)
- 4457 Quem me dera ser tabaco,  
De papel o ramallete,  
Para andar arrecadada  
No bolso do teu colete.  
(A.)
- 4458 Que bella cinta encarnada  
Que traz aquelle pimpão !  
Quem me dera a fôrma d'ella,  
E a cinta viera ou não.  
(A.)
- 4459 O' José aperta a cinta,  
Manoel alarga a manta ;  
Em quanto não fores minha,  
A minh' alma não descança.  
(A.)
- 4460 Trazes gorro á Borda d'agua;  
Bordado de linhas pretas,  
A menina que o bordou  
Fazia as coizas bem feitas  
(A.)



4461 Meu amor, nas tuas costas  
Todo o fato assenta bem,  
Todas gostam de te ver,  
Eu então mais que ninguém.

(A.)

4462 Não me namora o teu trajo,  
Nem a tua formosura,  
Namora-me o teu socego,  
Que é o que um homem procura.

(A.)

4463 Não me namora o teu fato,  
Nem o teu palavriado.  
Namoro um homem pacato,  
Que é o que a mulher 'stá dado.

(A.)

4464 Manoel é panno fino,  
Trago-o na minha algibeira,  
Atado á minha cintura  
Com uma fita estrangeira.

(A.)

4465 Eu trago um laço de fita  
Fechado na minha mão ;  
O mundo não acredita  
Que é meu o teu coração.

(A.)

4466 Muito bonita é a chita,  
Amor, do teu avental ;  
E's a cara mais bonita,  
Que passeia em Portugal.

(A.)

4467 Trazes sais sôbre sais,  
Unidinhas á cintura ;  
Pareces filha dum rei,  
Deus te dê boa ventura..

(A.)

4468 Menina de saia branca,  
Do avental encarnado,  
Bem parece uma santinha  
Que está no altar sagrado.

(A.)

4469 Bella toalha de medina,  
Estendidinha a *côrar*,  
A mocinha que a levou  
Quem m'a dera para amar!

(A.)

1470 Lá de longe me mandaram  
Uma camisa bem feita,  
O nome do meu amor  
Vinha na manga direita.

(A.)

4471 Quem me dera ser retroz,  
Ou linha de toda a côr,  
Para andar junto ao teu peito  
Servindo de atacador.

(A.)

4472 Se eu tivesse a liberdade,  
Amor, quem tem o paninho,  
Andaria ao teu pesçoço  
Servindo de collarinho.

(A.)

4473 Quem tivera a liberdade  
 Que tem o panno de linho,  
 Que 'stava n'esse teu peito  
 Servindo de collarinho.

(D.)

4474 Trazeis colletas de linho,  
 Todo feito á peralta,  
 Quem me dera a fôrma d'elle  
 Pano de linho não falta.

(D.)

4475 Andaes vestido d'azul,  
 Andaes á minha vontade,  
 Bem haja quem nos criou  
 Para tanta honestidade.

(B. .B)

4476 Andas vestida d'azul  
 Andas á honestidade,  
 E' a côr que dá ao mundo  
 O signal da virgindade.

(E.)

4477 Andas vestido d'azul  
 Trajo de toda a semana,  
 Lá virá esse domingo,  
 Que vistas á castelhana.

(A.)

4478 Um vestido azul ferrete  
 Dei eu já ao meu amôr,  
 Porque ás moças trigueirinhas  
 Fica bem aquella côr.

(A.)

4479 Hei-de me vestir de branco,  
De côr de rosa é ternura ;  
Já fui amada d'um anjo,  
Sempre Deus me deu ventura.

(A.)

4480 Andas vestida de luto,  
E' côr da honestidade,  
Andas ao gosto do mundo,  
Tambem á minha vontade.

(A.)

4481 Andas vestida de luto,  
Pareces hospitaleira ;  
Se um dia cahir doente,  
Has-de ser minha enfermeira.

(A.)

4482 Dizem que o preto que é luto,  
Eu acho que é gravidade,  
Deixa-te andar, meu amor  
Que andas á minha vontade.

(A.)

4483 Dizem que o preto que é luto  
Gala lhe chamarei eu,  
Que de preto anda vestido  
Um amor que Deus me deu.

(A.)

4484 Dizeis que o preto que é feio,  
O preto é 'ma linda côr,  
O preto é com que eu escrevo  
Cartas ao meu lindo amor.

(B. A.)

4485 Muito bem que diz o preto  
 Ao pé do branco lavado;  
 Muito brilha uma menina  
 Ao pé do seu namorado.

(A.)

4486 Menina do lenço preto,  
 Diga-me quem lhe morreu,  
 Se lhe morreu pae, ou mãe,  
 Pela filha, morro eu.

(B. B.)

4487 Menina do amarello,  
 E do encarnado ao peito,  
 Desjava que houvesse guerra,  
 Pra plejar por seu respeito.

(A.)

4488 Memina do amarello,  
 Diga-me quanto custou,  
 Que me quero vestir d'elle,  
 Já que tanto me agradou.

(D.)

4489 Tu trazes laço encarnado,  
 Trazes a guerra em teu peito,  
 Não se me dá de ir á guerra,  
 Sendo ella por teu respeito.

(A.)

4490 O encarnado esareluz,  
 O branco de noite alveja;  
 Tambem o meu coração  
 Ao pé do teu se deseja.

(A.)

4491 Trazeis collete *de melho*.  
 Dórredor do coração,  
 Quando te vi o collete  
 Desejava ser coração.

(M.)

4492 O' colletinho encarnado,  
 Forradinho de nobreza,  
 No meio do caseado  
 Tenho eu minh' alma presa.

(A.)

4493 Meu amor é um pimpão,  
 Usa botões no barrete,  
 Traz uma cinta encarnada,  
 E traz gorro azul ferrête.

(A.)

4494 Encarnado, encarnado,  
 Quem o usa faz figura,  
 Quem me dera já chegar  
 A ser d'essa altura

(A.)

4495 Aindas vestido de verde  
 Dos pés *inté* á cintura.  
 Oh quem tôra jardineiro,  
 Que regara essa v rdura!

(A.)

4496 O verde dizem que é 'sperança  
 Vingativo o amarello,  
 Eu não te amo por vingança,  
 Mas sim pelo que te quero.

(A.)

4497 Mal-o haja quem te deu  
 Fita verde p'r'ó chapeu,  
 Que te queria eu dar  
 Uma azul, da côr do ceu  
 (A.)

4498 Semcei o verde n'agua,  
 O encarnado na areia,  
 O rôxo n'esse teu peito,  
 Na mais delicada veia.  
 (A.)

4499 O' meu lencinho encarnado,  
 Que me deu o meu amor,  
 Quero tanto ao meu lencinho  
 Por causa daquela côr.  
 (A.)

4500 O' meu lencinho encarnado,  
 Não percas a linda côr,  
 Que eu tambem não quer' perder  
 Amizade ao meu amôr.  
 (A.)

4501 Muito gosto do teu lenço,  
 Com cercadura no meio!  
 Se muito me agrad' o lenço,  
 Muito mais o tê paleio.  
 (A.)

4502 O meu amor deu-me um lenço  
 Feito em dois corações;  
 Ainda hoje me não 'squecem,  
 Amor, as tuas razões.  
 (A.)

4503 As letrinhas do meu lenço  
São feitas do teu cabelo  
Por mais que o veja e reveja,  
Nunca me farão de vel-o.

(A.)

4504 Nas pontinhas do meu lenço  
Tocaram mãos do meu bem  
Gosas, feliz, essa dita,  
Já que meu peito a não tem.

(AIG.)

4505 Defronte da tua porta  
Fiz signal com um lenço,  
Não te vi não te falei,  
Falar-te hei no S. Lourenço.

(T. M.)

7506 Quem no peito o amor sente  
Não o pode disfarçar,  
N'este lenço te confesso  
Quanto sab'rei te eu amar.

(A.)

4507 Eu q'ria ás horas da sesta  
Ser o teu lenço d'amor,  
Para enxugar o teu rosto  
Nas horas de mais calor.

(A.)

4508 Se algum dia a cruel sorte,  
Me apartar dos olhos teus,  
Com o teu lenço, de longe,  
Dá-me amor, eterno adeus.

(A.)



4509 Assim como n'este lenço  
Os fios unidos 'stão,  
Assim 'stivera a tu'alma  
Unida ao meu coração.

(A.)

4510 O teu lenço mais o meu  
Ambos são da mesma peça ;  
Eu conheço o meu amor  
Ó longe pela conversa.

(A.)

4511 O meu lenço e o teu lenço  
Ambos são da mesma côr ;  
Eu ao longe bem couheço  
As falas do meu amor.

(A.)

4512 O lenço que tu me deste  
Trago o eu sempre no seio,  
Com medo que me perguntem  
D'onde este lenço me veio.

(A.)

4513 O' meu lencinho de seda,  
Bordadinho d'algodão ;  
De tantos amor's que eu tive,  
Só me mereces paixão.

(A.)

4514 A' sua porta, menina,  
'Stá um lenço d'algodão,  
Todos passam, não se prendem,  
Só eu fiquei na prisão.

(A.)

4515 Tenho um lencinho de seda,  
D'aquella mais sup'rior,  
Que me deu o meu rapaz,  
Só pára mim tem valor.

(A.)

4516 Eu tenho uma lenço de seda  
Bordado no bastidor,  
Ninguem o põe na cabeça  
Senão eu, mais meu amor.

(A.)

4517 Ailé,  
O' amor immenso,  
Para te assoares  
Aqui tens meu lenço.

(A.)

4518 Ailé,  
Eu quero, eu quero,  
Amar a menida  
Do lenço amarello.

(A.)

4519 Trazeis chapéu á vareira,  
Por baixo lenço riscado,  
Ainda mais por baixo andam  
Olhinhos do meu agrado.

(M.)

4520 Antonio merece tudo,  
Fita verde no chapéu.  
Quem toma amor's com Antonio  
Tom' amor's com Deus do ceu.

(A.)

4521 O meu amor não é este,  
 É outro mais *chabantão*,  
 Fita branca no chapéu  
 Chegam-lhe as fitas no chão.

(T M.)

4522 Adeus, que me vou embora,  
 Para o monte do Barranco;  
 Muito gosto eu de vêr  
 Meu amor de chapéu branco.

(A.)

4523 O' minha pombinha branca,  
 Que é da fita do chapéu?  
 — Tenho-a na minha gaveta,  
 O' meu seraphim do ceu.

(A.)

4524 Lá vem o meu bem abaixo,  
 En pelo andar o conheço,  
 Traz o chapéusinho á banda,  
 E o capote do avesso.

(A.)

4525 Meu amor não é aquelle,  
 Era outro mais galante,  
 Fita preta no chapéu,  
 De luto pela amante.

(A.)

4526 Meu amor não é aquelle,  
 Era outro mais *chiquinho*,  
 Fita branca no chapéu,  
 De luto no colarinho.

(A.)

4527 Chapeu de meia moeda  
 Traz o meu bem na cabeça;  
 Não há nada neste mundo  
 Que o meu bem não mereça.

(A.)

4528. O' rapaz do chapeu alto  
 Bem o podes redondar,  
 Debaixo d'esse chapeu  
 Tens olhinhos de enganar.

(A.)

4529 Chapeu novo, redondinho,  
 Diz bem n'um homem casado,  
 Melhor diz n'um solteirinho  
 Com acções de namorado.

(A.)

4530 O anel que tu me deste,  
 Nem o dei, nem o vendi,  
 Tenho-o dento do meu peito,  
 Assim te eu tivera a ti,

(A.)

4531 O anel que tu me deste,  
 O' Manoel, lavrador,  
 E'-me largo no meu dedo.  
 E apertado no amor.

(D.)

4532 O anel que tu me deste,  
 No domingo do Senhor,  
 Fica-me largo no dedo,  
 E justinho no amor.

(A.)

4533 O anel que tu me deste  
 Trago-o no dedo mendinho,  
 Cada vez que tu me lembras  
 No anel dou um beijinho.

(D.)

4534 Ahi vem meu bem  
 Feito *bul bul*,  
*Chapézinho* ó lado,  
 Casacão azul.

(A.)

4535 Ailé,  
 Debaixo do céu,  
 Conheço o meu bem  
 No pôr do chapéo.

(A.)

4536 Muito bem te diz.  
 Saia e roupinha,  
 Melhor te dissera  
 Se tu foras minha.

(A.)

•4537 Ailé, ailé,  
 O' meu bem 'amado,  
 Na tua cintura  
 Brilha o encarnado.

(A.)

4538 Ailé,  
 No monte da quinta,  
 Conheço o meu bem  
 Pelo pôr da cinta.

(A.)

4539 Ailé,  
 António, meu mano,  
 Muito bem te diz  
 Collete de panno.

(A.)

4540 A minha rua é jardim,  
 As visinhas são as rosas.  
 E eu por ser jardineiro,  
 Escolhi a melhor rosa.

(A.)

4541 Quando na rua te encontro,  
 Ao rôsto me sobe a côr,  
 Inda que eu queira, não posso  
 Negar que te tenho amor,

(A.)

4542 Aqui nesta rua mora,  
 Aqui n'esta rua está,  
 Quem me a mim tira o descanso  
 Co'as palavras que me dá.

(A.)

4543 Aqui n'esta mesma rua,  
 Aqui n'este canto, canto,  
 Mora a mãe do meu amor,  
 A quem eu venero tanto.

(A.)

4544 Quando passas pela rua,  
 Os meus olhos em ti vão,  
 Quando olhas com ternura  
 Choro sem consolação.

(A.)

4545 A rua do meu amor,  
E' bonita na verdade,  
Por lá passeiam dois olhos,  
A que guardo lealdade.

(A.)

4546 O' rua das Caldeirinhas,  
P'ra baixo, p'ra cima não.  
Para baixo vão os meus olhos.  
P'ra cima meu coração.

(A.)

4547 Ai que rua tão comprida  
Para mim que sou rapaz!  
Os olhos vão adiante,  
O sentido fica atraz.

(A.)

4548 Pela rua vae passando  
Quem me a mim tira o dormir,  
Se elle é casado ou solteiro,  
Não o quero eu descobrir.

(A.)

4549 Esta rua não tem nome,  
Hei de lh'o agora pôr,  
E' a rua das esquinas  
Onde mora o meu amor.

(A.)

4550 Esta rua não tem nome,  
Hei de lh'o mandar a pôr,  
E' a rua da inveja.  
Onde passa o meu amor.

(A.)

- 4551 Pela minha rua acima  
Lindas palmas vão batendo,  
E' o meu galante amor  
Que a casa vae recolhendo.  
(A.)
- 4552 A guitarra vae na rua,  
Perto vae o tocador,  
Menina chegue á janella,  
Se quer ver o seu amor.  
(E.)
- 4553 A viola vae na rua,  
O tocador a pé vae,  
Menina venha á janella,  
Que o seu amor aqui vae.  
(B. B.)
- 4554 Adeus rua das Parreiras,  
Mais abaixo moro eu,  
Já não é de hontem nem de hoje  
Que meu coração é teu.  
(A.)
- 4555 Passei pela tua rua,  
Meu coração se assustou,  
Prantei os olhos em terra,  
Toda a gente reparou,  
(A.)
- 4556 O' bella rua dos P'reiras,  
Convento dos Agostinhos,  
Quem me dera ter maneiras  
P'ra lograr os teus carinhos.  
(A.)



4557 Fui um dia passear  
Até á 'squina da praça,  
Vi uma janella aberta  
Que até aos cegos dá graça,

(A.)

4558 As telhas do teu telhado,  
E os ladrilhos do meu chão,  
E' que te podem dizer  
Se eu te quero bém ou não.

(A.)

4559 Esta noite, á meia noite,  
A' meia noite seria,  
Ouvi cantar meu amor  
Aos cantos da Mouraria.

(A.)

4560 O meu amor é da villa  
Mora por trás da cadeia,  
Mais val' um amor da villa  
Que vinte cinco da aldeia.

(E.)

4561 As telhas do teu telhado,  
As mais d'ellas têm virtude  
Passei por ellas doente,  
Logo me deram saude.

(A.)

4562 Ailé,  
Rua d'Abebreira,  
Aonde eu tenho  
A minha cegueira

(A.)

4563 Ailé,  
Rua da Cadeia,  
Todo o meu sentido  
Para lá *vareia*.

(A.)

4564 Ailé,  
Rua da Rainha,  
Rua do meu bem,  
E' igual á minha.

(A.)

4565 Da minha janella á tua  
E' uma légua medida,  
Do meu coração ao teu  
E' uma estrada seguida.

(T. M.)

4566 Da minha janella á tua,  
E' 'ma vara bem medida ;  
Do teu coração ao meu  
E' uma estrada seguida.

(A.)

4567 Da minha janella á tua,  
Do meu coração ao teu,  
E' uma estrada seguida,  
O passeador sou só eu.

(A.)

4568 Da minha janella á tua,  
Do meu coração ao teu,  
Devia andar um navio.  
O navegante ser eu.

(A.)

4569 Da minha janela á tua,  
Do meu coração ao teu.  
Terá de andar um barquinho,  
O barqueiro serei eu.

(T. M.)

4570 M'nina que está á janella,  
Quizera ser o seu leito,  
Só para a ver debruçada  
No peitoril do meu peito.

(M.)

4571 Janellas avarandadas  
Só o meu amor as tem,  
Tenh'as elle, o meu amor,  
Não as tenha mais ninguem.

(T. M.)

4572 Janellas avarandadas  
Só o meu amor as tem,  
Hei-de mandar fazer uma  
Avarandadas tambem.

(A.)

4573 Janellas para o deserto  
Só o meu amor as tem,  
Hei-de mandá-las fazer  
Para o deserto também.

(A.)

4574 Janellas avarandadas !  
Mora ali algum morgado !  
Mora ali o meu amor,  
Que p'r'áqui veio degredado.

(A.)

4575 Janellas sobre janellas,  
Janellas sobre um balcão,  
Sobre o balcão uma rosa,  
E sobre a rosa um botão.

(A.)

4576 Tira-te dessa janella,  
Cara linda bexigosa,  
Cada bexiga é um cravo,  
Cada signal uma rosa

(ALG.)

4577 Janella de pau de pinho,  
E' bonita e é bom traste,  
Lindos olhos encobriste  
Quando agora te fechaste.

(A.)

4578 Oh que janellas tão altas!  
Mais alto vae meu intento;  
Quem me dera pôr os olhos  
Onde tenho o pensamento.

(A.)

4579 Oh que janella tão alta!  
Oh quem lá há de subir!  
Quem lá tem os seus amores.  
Que há de fazer, se não ir!

(D.)

4580 Das janellas do meu pae  
Vejo eu as do meu sogro,  
Quem bem me ouvir, bem me entenda  
Não é pelo pae que eu morro.

(ALG.)

4581 Das janellas de meu pae  
Vejo eu as do meu sogro,  
Não é pelo pae que eu choro  
Pelo filho é que eu me morro.

(A.)

4582 Oh menina da janella,  
Deita p'ra cá um sorriso,  
Dás-me, assim, se tu quizeres,  
A chave do paraizo.

(A.)

4583 Assoma a essa janella.  
Em que te venhas vestindo;  
As maçãs desse teu rosto  
São rosas que vão abrindo.

(A.)

4584 Acorda se estás dormindo,  
E vem a pôr-te á janella  
Para veres a quem te ama,  
Minha adorada donzella.

(A.)

4585 Os vidros d'essa sacada  
São uns vidros d'encantar,  
Bem de longe és conhecido  
Quando andas a jogar.

(A.)

4586 Quando passo á tua porta  
Os meus olhos a ti vão,  
E se me olhas com ternura  
Choro sem consolação.

(A.)

4587 Passei pela tua porta,  
Acenaste-me, eu entrei,  
Em troca dos teus afagos  
Mil abraços eu te dei.

(A.)

4588 Quando me passar's á porta  
Co' o capote do avesso,  
Se me não vir's á janella,  
'Scarra, que eu bem te conheço.

(A.)

4589 A's tres portas ao cantinho  
Mora a minha namorada,  
Cara linda, n'esta terra,  
Não há outra comparada.

(A.)

4590 Não passes á minha porta,  
Não olhes p'r'ó meu telhado;  
Se fôras vinho do Porto,  
Já te tinha engarrafado.

(A.)

4591 Aqui estou á tua porta  
Como um feixinho de lenha,  
Esperando p'la resposta  
Que da tua mão me venha.

(A.)

4592 Passei pela tua porta,  
Puz o pé, achei firmeza,  
Acorda se estás dormindo,  
Coração de uma princeza.

(A.)

4593 Amores ao pé da porta  
 Tomara eu sempre ter,  
 Antes que a bocca não fale,  
 Os olhos gostam de ver.

(A.)

5494 Passas pela minha porta  
 A toda a hora do dia,  
 Eu em te amar faço gosto,  
 Em te ver tenho alegria.

(A.)

4595 Esta noite sonhei eu  
 Que te estava dando beijos.  
 Acordei, achei-me só,  
 Tive dobrados desejos !

(A.)

4596 Esta noite sonhei eu  
 Que te estava dando beijos,  
 Acordei, achei-me só,  
 Mal o hajam taes desejos !

(A.)

4597 Toda esta noite sonhei  
 Cuidando que te beijava,  
 Acordei beijando o chão,  
 Apalpei, não achei nada.

(A.)

4598 Esta noite sonhei eu  
 Que te estava dando abraços,  
 Acordei, achei-me só,  
 Mal o hajam sonhos falsos !

(B.)

4599 Esta noite sonhei eu  
 Que tu 'stavas a meu lado,  
 Acordei achei-me só,  
 Tive cuidados dobrados.

(A.)

4600 Esta noite, e em dois sonhos,  
 Nos meus braços te apertei,  
 Mas era sonho e fugiu  
 De manhã, quando acordei.

(A.)

4601 Esta noite sonhei eu,  
 Contigo minha lindeza,  
 Acordei, achei-me só . . .  
 Em sonhos não há firmeza.

(D.)

4602 Esta noite sonhei eu  
 A outra sonhado tinha,  
 Que estava na tua cama,  
 Acordei, 'stava na minha.

(D.)

4603 Esta noite sonhei eu,  
 A outra sonhado tinha,  
 Que tu 'stavas nos meus braços  
 Muito bem apertadinha.

(A.)

4604 Esta noite sonhei eu,  
 Sonhei, oh, que não t'o digo!  
 Sonhei que na tua cama  
 'Stava dormindo contigo,

(A.)



4605 Esta noite sonhei eu  
 Um sonho bem atrevido :  
 Que tinha na minha cama  
 A fôrma do teu vestido.

(A.)

4606 Esta noite sonhei eu  
 Mil coisas que te não digo,  
 Não se pode dizer tudo,  
 Em dizel-o há seu p'rigo.

(E.)

4607 Esta noite! toda a noite,  
 Comtigo estive a sonhar,  
 Acordei, achei-me só,  
 Oh que triste despertar !

(A.)

4608 Esta noite sonhei eu  
 Comtigo, meu lindo amor,  
 Acordei, achei-me só,  
 Oh que sonho enganador !

(A.)

4609 Tendes dois olhos, menina,  
 Postos na fôrma da lei,  
 E eu que tanto vos quero,  
 Até com elles sonhei.

(M.)

4610 Lindos sonhos, lindos sonhos,  
 A' noite quando me deito !  
 Lindo cravo, lindo rosa, #  
 Oh meu lindo amor perfeito ;

(D.)

- 4611 Esta noite, á meia noite,  
Comtigo sonhando estava,  
Que te unia ao meu peitinho  
É mil abraços te dava.  
(A.)
- 4612 O teu peito é um altar  
Aonde eu vou ouvir missa,  
Teus olhos são duas velas  
Que 'stão req'rendo justiça.  
(A.)
- 4613 No domingo fui á missa,  
E com grande devoção,  
Mas logo dei á entrada,  
Com os olhos em ti, João.  
(A.)
- 4614 Vestido d'azul e branco,  
Vae o meu amor á missa.  
Joêlha á porta travessa,  
Fica-me ao correr da vista.  
(B. B.)
- 4615 O' trigueirinha engraçada,  
Todo o mundo te cobiça!  
No domingo na igreja,  
Quem te vê não ouve missa.  
(A.)
- 4616 Para domingo que vem  
Hei-de ir á missa do dia,  
Quero ver o meu amor  
A' porta da sacristia.  
(D.)

4617 Cada vez que vou á missa,  
No adro faço reparo,  
Olho para toda a gente.  
Só tu és do meu agrado.

(B. A.)

4618 Cada vez que vou á missa,  
No adro faço parada,  
Vejo tanta cara linda,  
Só a tua é que me agrada.

(A.)

4619 Cada vez que vou á missa,  
E no adro te não vejo,  
Enchem-se-me os olhos d'água,  
Fico cega, nada vejo.

(B. A.)

4620 Cada vez que vou á missa,  
Eu ajoelho entre os bancos,  
Co' os olhos no meu amor,  
Não faço caso dos santos.

(A.)

4621 Cada vez que vou á missa,  
Faço reparo cá fóra,  
Vejo muita cara linda,  
Só a tua me namora.

(A.)

4622 Se fô-es domingo á missa,  
Não olhes para o telhado,  
Olha para o meu collete  
Se anda bem aparelhado.

(D.)

4623 Da minha alma fiz igreja,  
Do teu coração altar,  
Do meu peito fiz columna,  
Meu amor, p'ra te adorar.

(A.)

4624 Do meu peito fiz tribuna,  
Do teu coração altar,  
Da minha alma fiz igreja,  
Meu amor p'ra te adorar.

(A.)

4625 Quando vou á missa  
Olho para os bancos,  
Se vejo o meu bem  
Não venero os santos.

(A.)

4626 O' Rosa, parte comigo,  
Pede licença a teu pae,  
Que teu pae é meu amigo,  
Logo te diz : Rosa vac.

(A.)

4627 O' Rosa, parte comigo,  
Pede licença a teu pae,  
Se elle te disser que não,  
A' janella dá um ai.

(A.)

4628 O' Rosa, parte comigo,  
Deixa ficar a roseira,  
Olha que esta noite chove,  
Rosa molhada não cheira.

(A.)

4629 O' Rosa, tu és ditosa  
 Se vieres p'r'à minha mão,  
 Se tu fôres p'r'á mão d'outrem  
 Ou serás ditosa, ou não.

(A.)

4630 O' Rosa de Jericó,  
 Vi e-te deitar a dormir,  
 Que eu não quero vêr penar  
 A quem hei de possuir.

(D.)

4631 Que lindo botão de rosa  
 Que aquella roseira tem!  
 Debaixo não se lhe chega,  
 Acima não vae ninguem.

(T. M.)

4632 Não posso viver sem ti,  
 Nem tu, meu amor, sem mim!  
 Anda cá m'nha rosa branca,  
*Queravo* do meu jardim.

(A.)

4633 Tendes dois olhos na cara,  
 Que parecem dois foguetes,  
 Por dentro são duas rosas.  
 Por fora dois ramalhetes.

(D.)

4634 Minha cunhada é 'ma rosa,  
 Minha sogra é uma flor,  
 O meu sogro é um *queravo*,  
 Que fará o meu amor!

(A.)

4635 Eu tenho um amor em Borba,  
E outro em Villa Viçosa,  
E tenho outro em Portalegre,  
Que é como a folha do rosa.

(A.)

4636 Não quero que me dê nada,  
O' minha rosa em botão!  
Quero só que tu me roubes  
Do peito o meu coração.

(A.)

4637 O' minha rosinha branca!  
Toda a gente te quer bem!  
Nunca tens 'ma má razão  
Para dares a ninguém

(A.)

4638 O' bella rosa encarnada!  
Como tu nenhuma cheira!  
Por ti se salvam as almas,  
E a minha seja a primeira.

(A.)

4639 M'nha rosa d'Alexandria!  
Meu cravo d'estimação!  
Eu prometo de ser tua,  
O' tu me queiras o não.

(A.)

4640 O' rosa d'Alexandria,  
Que primeiro foste botão,  
Foste nascida e criada  
Dentro do meu coração.

(A.)

4641 Já fui roseira cahida,  
Três annos 'stive no chão,  
De todas fui esquecida,  
Só do meu amor não.

(A.)

4642 Abaixa-te cá, roseira,  
Quero colher uma rosa,  
Das tres a mais pequenina,  
E das quatro a mais formosa.

(B. B.)

4643 Ailé, ailé,  
O' rosa, rosinha,  
A poder de tempo  
Inda has de ser minha.

(A.)

4644 Antoninho, cravo roxo,  
Tu não vás ao meu quintal,  
Que te querem dar um tiro,  
Não te posso vêr matar.

(B. A.)

4645 Antoninho, pé de goivo,  
Dizes que te não mereço,  
Quantas folhas tem o goivo  
Tantas penas eu padeço.

(A.)

4646 Antoninho, pé de cravo,  
Manoel, pé de cereja,  
Antoninho sempre, sempre,  
Manoel nunca te veja.

(D.)

- 4647 O' Antonio, maçã verde,  
 Filho da mãe *maçameira*,  
 Não te cases tu, António.  
 Enquanto eu estiver solteira.  
 (A.)
- 4648 António, pinheiro verde,  
 Arvore de todo o v'rão,  
 Cadeado do meu peito,  
 Chave do meu coração.  
 (D.)
- 4649 Antonio é almofariz.  
 Onde se pisam as flores,  
 Digam lá o que disserem,  
 Antonio são os meus amores.  
 (A.)
- 4650 Antonio, ó lindo Antonio,  
 O' lindo Antonio, decerto,  
 Tu és o mais lindo cravo  
 Que o craveiro tem aberto.  
 (D.)
- 4651 Cravo vermelho—Antonio,  
 Da janella da botica,  
 Vós que não falaes commigo  
 E' porque alguem vos quita  
 (T. M.)
- 4662 Carlos, meu lindo Carlos,  
 Ramiinho de amor perfeito,  
 Linda joia preciosa  
 Que eu trago dentro do peito.  
 (A.)



4653 Francisco, cravo vermelho,  
Serpão da minha varanda,  
Caixinha de meus segredos,  
Onde o meu coração anda.

(T M.)

4654 Eu não gosto de Francisco,  
Que amarga com 'o trovisco,  
Gosto mais de Manuel,  
Que é nome de Jesus-Cristo.

(A.)

4655 Francisquinho, pé de goivo,  
Se te colhem mbrrer i,  
Peço-te que não descubras  
O que comtigo passei.

(A.)

4656 Francisco, cacho d'uvas,  
Oh! quem te depenicára!  
De baguinho em baguinho,  
Nem um bago te deixara.

(D.)

4657 Joaquim, mólho de *querápos*,  
Ao longe vac rescendendo,  
Da palavra que te dei  
'Stou firme, não me arrependo.

(A.)

4658 O' Joaquim, ó Joaquimsinho,  
Corpinho de ramallete,  
Muito bem me estão par'cendo  
Os botões do teu collete.

(A.)

4659 O' José, cabelo loiro,  
 Penteado d' deserto,  
 Tu és o mais lindo cravo  
 Que a craveira tem aberto.

(A.)

4660 O' José, ó Josésinho,  
 Todos te chamam moreno,  
 Só te eu chamo cravo branco,  
 Pela paixão que te tenho.

(D.)

4661 O' José, craveiro fino,  
 Vaso da minha varanda,  
 Caixinha dos meus segredos,  
 Onde o meu sentido anda

(A.)

4662 José é almofariz  
 Onde se pizam os cravos,  
 Ando lá por onde andar,  
 José são os meus cuidados.

(A.)

4663 O' José, folha de cravo,  
 Ao longe vae rescendendo,  
 Já disse e ainda te digo :  
 Sou firme, não me arrependo.

(A.)

4664 Todos os Josés são varios,  
 Franciscos extravagantes,  
 Manoeis folhas de rosa,  
 Antónios fieis amantes.

(A.)

4665 Manoel, ó Manoel.  
Boca de cravo, false-me,  
Se me não falas verdade  
Manuel, desamparae-me.  
(D.)

4666 Manoel é cachó d'uvas,  
Vamo-l'ó *depinicar*,  
Que é amigo das cachopas,  
Sua mãe *qui-l'ó* matar.  
(D.)

4667 O meu amor é um cravo,  
A' craveira o fui colher,  
Para a craveira dar outro  
Ha de tornar a nascer.  
(D.)

4668 O meu amor é um cravo,  
Eu bem o soube escolher,  
No jardim não 'stava outro,  
Só se elle agora nascer.  
(D.)

4669 O meu amor é um cravo,  
No craveiro fui 'scolhido,  
Hei-de pôl-o á janella  
N'uma garrafa de *vrido*.  
(D.)

4670 O meu amor é um cravo,  
De tres que o craveiro deu,  
Toda a gente tem inveja  
De o melhor cravo ser meu.  
(A.)

4671 O meu amor é um cravo,  
Ninguem me diga mal d'elle,  
Elle é do meu coração,  
Eu sou do coração d'elle.

(D.)

4672 O meu amor é um cravo,  
Eu sou uma rosa d'elle,  
E dou por bem empregada  
Minha mocidade n'elle.

(A.)

4673 O' meu *queravo* d'encanto,  
Que assim me tens encantado,  
Sou uma rosa brilhante,  
Aqui me tens a teu lado.

(A.)

4674 O' meu cravo avelludado,  
Desvelo do meu sentido,  
No peito foste creado,  
Em meu coração nascido.

(A.)

4675 O' meu *queravo* encarnado,  
Hei de te mandar compôr,  
Se d'antes não me eras nada,  
Agora és o meu amor.

(A.)

4676 O' meu *queravo* em botão,  
Tenho-te muita amizade,  
Has-de vir p'r'a minha mão,  
Se fôr da tua vontade.

(A.)

4677 O' meu *queravo* em botão,  
Toda a gente te cobiça,  
Se chegas a vir-me á mão,  
Têm as almas uma missa.

(A.)

4678 O' cravo, vae-te deitar,  
Não queiras passar má noite,  
Vae dormir, vai descansar,  
Que eu sou tua, não sou d'outre'.

(A.)

4679 O' cravo dāixa-te estar  
Fechadinho no botão,  
Se te levam p'r'á cidade,  
Desfolham-te pelo chão.

(A.)

4680 Todo o mundo tem inveja  
Que tu sejas meu amor,  
Deixa lá falar quem fala,  
Tu és cravo, e eu sou flôr.

(A.)

4681 Vejo-te tanto moroso,  
Tão repêso no falar,  
Só tu, ó meu lindo cravo,  
Me poderás captivar

(A.)

4682 Erga o chapéu para cima,  
Não o traga sempre ao lado,  
Que quero ver a meu gosto  
Essa boquinha de cravo.

(D. A.)

4683 O' meu rapaz, não me deixes,  
Que eu não tenho quem me queira  
Sou bonita e boa moça,  
Nascida d'uma craveira.

(D.)

4684 Eu não pensei, não pensei,  
Nem por sombra eu cuidava,  
Que o craveiro do meu sogro  
Tão lindos cravos deitava.

(A.)

4685 O meu amor é um cravo,  
Rescende mais que o jasmim,  
E dá por bem empregada  
A sua mocidade em mim.

(A.)

4686 Já fui cravo, já fui rosa,  
Já 'stive n'um alegrete,  
Agora estou no teu peito,  
Servindo de ramalhete.

(A.)

4687 Ailé,  
Lá na do Mouro,  
Meu bem amado  
E' um cravo d'ouro.

(A.)

4688 O meu bem amado  
E' um cravo branco,  
E' o melhor moço  
Que passei ao campo.

(A.)

4689 Puz-me a amar quem nunca amára,  
 Nem tal sentido tivera,  
 Puz-me a amar o rei das flôres  
 No pino da primavera.

(A.)

4690 Eu amei quem nunca amara  
 Nem tal intento tivéra,  
 Eu amei o rei das flôres  
 No tempo da primavera

(T. M)

4691 O' meu amor, meu amor,  
 Amor do meu coração,  
 O teu peito é um palmito  
 Chegam-te as *felôres* ao chão.

(A.)

4692 A' roda da estrada novo  
 Vaç um palmito d'enleio,  
 Em casa da minha sogra  
 E' onde está meu recreio.

(A.)

4693 Deus te dê 'ma boa tarde  
 Minha *felor* d'alecrim,  
 Nunca 'sp'rei de vir a ter  
 'Ma fortuna ao pé de mim.

(A.)

4694 O' minha assucena branca,  
 O' rosa do meu jardim,  
 Deus te dê uma saudade,  
 Te compadeças de mim.

(D.)

4695. O' minha assucena branca,  
Pena de mangericão,  
Tira-me d'esta ternura,  
E dá-me o teu coração.

(D.)

4696 Anda cá, meu goivo rôxo,  
Creado na goivaria ;  
Quem quer bem trata por tu,  
Amor não tem senhoria.

(A.)

4697 Junquillo, flor sem alento,  
De que sorte é que tu amas ?  
Aqui tens este meu peito,  
Abraza-te n'estas chammas.

(A.)

4698 Adeus, raminho de murta,  
Raminho de perfeição,  
Se ha de pôr os pés na rua,  
Ponha-os no meu coração.

(B. A.)

4699 Silva verde não me prendas,  
Olha que me não seguras,  
Olha que tenho quebrado  
Outras algemas mais duras.

(T. M.)

4700 Silva verde não me prendas,  
Que eu não tenho quem me solte,  
Olha que eu tenho quebrado  
Outras cadeias mais fortes.

(A.)



4701 Uma silva me prendeu,  
 Outra me deu á prisão,  
 Outra me deu o dinheiro  
 Para a minha *livração*.

(A.)

4702 Uma silva me prendeu,  
 Outra me deu á prisão;  
 Não ha coisa que mais prenda  
 Do que a silva com razão.

(A.)

4703 Uma silva me prendeu,  
 Outra me foi a soltar;  
 Não ha silva que mais prenda  
 Que os olhos d'um militar.

(A.)

4704 Uma silva me prendeu,  
 Uma silva pequenina;  
 Não ha coisa que mais prenda  
 Que os olhos d'uma menina.

(A.)

4705 Das silvas que ha n'este mundo,  
 Só uma silva me prende,  
 Eu amo do coração  
 A silva que me pretende.

(A.)

4706 *Ailé*,  
 Meu bem, meu recreio,  
 Minha silva d'ouro  
 Aonde eu me enleio.

(A.)

- 4707 Ailé.  
Lindo mangerico,  
Já te vaes embora,  
Eu inda aqui fico.  
(A.)
- 4708 O' olhos de preta amora,  
Carinha d'amendoa branca,  
Quero-me afastar de ti,  
Mas o teu olhar me encanta.  
(A.)
- 4709 Os olhos do meu meu amor  
São duas azeitoninhas,  
Fechados são dois botões,  
Abertos duas rosinhas.  
(A.)
- 4710 E's *quelara* como o leite,  
Corada como a cereja,  
E's o melhor ramalhete  
Dos que eptam na minha igreja.  
(A.)
- 4711 Minha cereja bical,  
De biquinho amarello,  
Se te chegar a lograr,  
Mais nada do mundo quero.  
(M.)
- 4712 Minha laranja da China,  
Meu limoeiro galante,  
Se vens qui p'a me ver,  
Já me tens amor bastante.  
(A.)

4713 Maria, tu és a lima,  
Teu pae é que é o limão,  
Tua mãe é a laranja,  
Oh! que linda geração!

(A.)

4714 O teu coração é lima,  
O teu corpo é limoeiro,  
Os teus braços são çadelas  
Onde eu vivo prisioneiro.

(A.)

4715 O' limão, ó limãosinho,  
É's neto do limoeiro,  
Não negues tu, ó limão,  
Que és o meu amor primeiro.

(A.)

4716 Oh que bellos limões doces  
Que tem aquella moçina!  
Cá de longe mais parecem  
Duas laranjas da China.

(A.)

4717 Tens no seio dois limões,  
Inda não foram 'spremidos,  
Quando olho para ti,  
Vario dos meus sentidos.

(A.)

4718 Teu peito são dois limões,  
O teu corpo um limoeiro,  
Os teus braços são prisões  
Onde eu 'stive prisioneiro.

(A.)

4719 Minha maçã vermelhinha,  
Picada do gaio novo;  
Inda hoje hei de passar  
Pela porta de meu sogro.

(D.)

4720 O' minha pombinha branca,  
O' minha branca pombinha,  
Quando ha de chegar a hora  
Em que te hei de chamar minha!

(D.)

4721 O' minha pombinha branca,  
O' minha pomba sem fel,  
Mal empregada pombinha  
Morrer de morte cruel.

(A.)

4722 Anda cá, pombinha branca,  
Anda cá p'r'ó meu pombal,  
Has de ser uma infanta  
Chegada á casa real.

(A.)

4723 O' minha pombinha branca,  
Quando ha de ser a hora,  
Que tu has de dar um salto  
D'esse pombal para fóra!

(D.)

4724 Adeus, ó largo da praça,  
Calçadinho á meesadam,  
Dentro d'elle está 'ma pomba,  
Arrecada os meus *réstumes*.

(A.)

4725 Eu quero bem a um nome,  
 Que tem um A no começo  
 Quem souber ler, que me leia,  
 Sabe por quem eu padeço.

(A.)

4726 O A quer dizer amor,  
 Não há palavra mais doce,  
 Antes que de mim não gostes,  
 Gosto eu de ti, acabou-se.

(A.)

4727 A paixão que me domina  
 P'r um A é que principia,  
 Amizade, não é não,  
 E' amor, quem tal diria?

(A.)

4728 Quando aprendi a escrever  
 Logo foi com tinta preta,  
 Engracei na letra A,  
 Por ser a primeira letra.

(A.)

4729 O meu nome mais o teu  
 N'um A ligados estão,  
 O teu lado diz: amor,  
 O meu lado diz: paixão.

(A.)

4730 O A quer dizer amor,  
 Pela primeira dicção,  
 O S quer dizer Senhor,  
 Dono do meu coração.

(A.)

4731 O H é uma letra  
 Que não entra nas vogaes ;  
 Quero-te bem por vingança,  
 Quero-te cada vez mais.

(A.)

4732 O L quer dizer Luiza,  
 O F quer dizer *fêlor*,  
 O M quer dizer Maria,  
 O A quer dizer amor.

(A.)

4733 Que linda letra é o Q.  
 Cá p'rá o meu entendimento!  
 O que quer dizer que tenho  
 Amores ao meu contento.

(A.)

4734 Eu quero bem a um nome,  
 Mas a letra não a digo,  
 Não quero que ninguém saiba  
 Por quem morto, ou por quem vivo

(A.)

4735 Meu nome será amar-te,  
 O sobrenome querer-te,  
 O alcunha é lograr-te,  
 O appellido mer'cer-te.

(A.)

4736 Dizem que Antónia que é minha,  
 Provera a Deus que assim fôra !  
 Então era eu de Antónia,  
 Antónia, minha senhora.

(A.)

4737 O' Anna, tres vezes Anna,  
E Maria só uma vez,  
Vale mais uma vez Anna,  
Que Maria todas tres.

(A.)

4738 Todas as Annicas são  
Doçes como o caramello,  
E eu como sou guloso,  
Pelas Annicas me pello.

(A.)

4739 O' Anna, tres vezes Anna,  
O' Anna feita de cera!  
Quem fora braza de lume  
Anna, que te derreteria!

(A.)

4740 Inda hoje não vi Anna,  
Nem ao jantar, nem á ceia;  
Que é da minha rica Anna?  
Que é da minha casa cheia?

(D.)

4742 Ainda hoje não vi Anna,  
Nem Anna me viu a mim,  
Cada vez que vejo a Anna  
Vejo as flor's do meu jardim.

(B. A.)

4742 O' Anninhas, ó Anninhas,  
O' Anninhas da varanda!  
E's uma garça fechada  
Onde o meu coração anda.

4743 Ailé,  
 Maria mais Anna,  
 Para o meu agrado  
 Quero Mariana.

(A.)

4744 Cath'rina linda e formosa,  
 Que dás par'cências á lua,  
 Inda os meus olhos não viram  
 Uma cara igual á tua.

(A.)

4745 Deus te salve Magdalena,  
 Deus te dê a salvação,  
 Não ha outra como ella  
 Cá p'r'a minha estimação.

(A.)

4746 Margarida, corpo lindo,  
 Salva da minha varanda,  
 Caixinha dos meus segredos,  
 Onde meu coração anda.

(A.)

4747 Não há nome que me agrade  
 Como é o de Margarida,  
 Foi o primeiro amor  
 Que tive na minha vida.

(B. A.)

4748 Eu, dos nomes que mais gosto  
 E' do nome de Maria;  
 Quem té poz tão lindo nome  
 Meu segredo já sabia.

(A.)



4749 Maria, minha Maria,  
Rosario sem mançaneta,  
Trago-te no coração,  
Na derradeira gaveta.

(D.)

4750 Maria, minha Maria,  
Minha 'strella reluzente,  
Quem tem amor's com Maria  
Gosa de gloria p'ra sempre.

(A.)

4751 Maaia, minha Maria,  
Meu rosario, meu botão,  
Meu oratorio de vidro  
Aonde eu faço oração.

(D.)

4752 Maria, minha Maria,  
Meu pucarinho d'Aveiro,  
Todos andam á porfia  
Quem te ha de lograr primeiro.

(D.)

4753 Maria, minha Maria,  
Meu pucarinho de tenda,  
Se alguém te quizer comprar,  
Diz-lhe que estás de encomenda.

(E.)

4754 Maria, minha Maria,  
Maria, *mé* doce bem.  
Nos dias que te *na* vejo.  
*Na* me unporta a *ma*im ninguem.

(A.)

4755 Maria, minha Maria,  
 Tu és o meu ai Jesus!  
 Nos dias que te não vejo  
 Nem a cadeia dá luz.

(A.)

4756 Maria, minha Maria,  
 Quem me dera já ser teu,  
 Para outra não votar.  
 Num coração que é só meu.

(A.)

4757 Maria, dá-me o teu nome,  
 Que também quer' ser Maria,  
 As Marias são alegres,  
 Eu quero ter alegria.

(A.)

4758 Maria sei que te chamas,  
 Por sobrenome luzeiro,  
 Vale mais teu sobrenome  
 Que o imperio do mundo inteiro.

(A.)

4759 Eu quero bom ás Marias,  
 A's Marias quero bem;  
 Marias são lindas caras;  
 Lindos olhos têm também.

(A.)

4760 O coração de Maria  
 Dizem que o tenho eu;  
 O coração sem o corpo,  
 Para que o quero eu?

(A.)

4761 O coração de Maria  
 Quem o podera apanhar  
 Pois eu tambem tenho um  
 Para na troca lhe dar.

(A.)

4762 Por Maria é que eu me morro,  
 E por Anna é que eu pateço,  
 Se não lograr uma d'ellas  
 Estou certo que endoideço.

(A.)

4763 Lá vem a manhã na serra,  
 Lá vem o *quatro* dia,  
 Lá vem a Maria Rosa,  
 Lá vem a Rosa Maria,

(A.)

4764 Com oito letras se escreve  
 O nome de Marianna,  
 Com quatro tambem se escrevem  
 Os de Rosa, Iria e Anna.

(A.)

4765 S'ora D. Marianna,  
 E' d'assucar e canella,  
 Aqui nestes arredores  
 Não ha outra como ella.

(A.)

4766 Eu entreguei a Antonio  
 A chave do pensamento,  
 Antonio é moço firme,  
 Já o amo ha muito tempo.

(A.)

4767 Se o meu amor fôra Antonio,  
Assim como é João,  
Mandav'ô engasfalar  
Dentro do meu coração.

(A.)

4768 António, vem a meus braços,  
Unir-m'os peito com peito,  
Ao depois d'esta nuíto,  
Ter-te amor não é defeito.

(A.)

4769 Antonio, meu oratorio,  
Caixinha dos meus segredos,  
Quem te disse a ti, Antonio,  
Que eras a flor dos mancebos?

(A.)

4770 Antonio, por mais que eu queira  
Teu lindo nome esquecer,  
Está gravado em meu peito,  
Ha de lembrar-me até morrer.

(A.)

4771 Dizem meu bem é Antonio,  
Na bocca das trapaceiras,  
Pois hei-de amar um Antonio,  
Para as fazer verdadeiras.

(A.)

4772 Antonio me deu um beijo,  
Cheio de flor's, lá na praça,  
Se eu nasci para João,  
Que quer Antonio que eu faça?

(A.)

4773 O meu amor é Antonio,  
Antonio da Conceição,  
Hei-de mudar-lhe o seu nome  
De Antonio para João.

(A.)

4774 Deus te salve Antonio Dias,  
Usas marrafinha ao lado,  
Trazes gorro na cabeça,  
E tens acções de fidalgo.

(A.)

4775 Quatro nomes ha no mundo  
Que a mim me devem paixão,  
E' Antonio, é José,  
E' Manoel, é João.

(A.)

4776 Meu amor não é António,  
Nem Francisco, nem João,  
E' um lindo Josézinho,  
Muito da minha feição.

(E.)

4777 O meu amor é Domingos,  
Eu Domingos hei de amar:  
Domingos são dias santos,  
Eu todos hei de guardar.

(A.)

4778 Eu quero bem os Domingos.  
Os Domingos quero bem,  
Domingos são dias santos,  
De oito em oito dias vem.

(A.)

- 4879 Eu quero bem a Domingos,  
A Domingos quero bem,  
Domingos Dias dos Santos  
E' o nome do meu bem.  
(A.)
- 4780 O meu amor é Francisco,  
Que lhe puseram na pia,  
O sobrenome da Graça,  
Para mais minha alegria.  
(A.)
- 4781 Francisquino, meu tinteiro  
Da tinta com que se escreve,  
Se os meus olhos te não legram,  
Deus d'este mundo te leve.  
(A.)
- 4782 Francisco, por ti me arrisco,  
Por ti perco o meu valor,  
Se foras frade, Francisco,  
Serias meu confessor,  
(A.)
- 4783 O chico caiu no poço;  
Vestidinho de licor,  
Vós ide buscar o Chico,  
Que o Chico é meu amor.  
(D.)
- 4784 Ailé,  
Francisco, Francisco,  
Amar-te, querer-te,  
A tudo me arrisco.  
(A.)

4785 O meu amor não é este,  
 O meu amor é João,  
 E' coradinho do rosto,  
 Alegre no coração.

(D.)

4786 O meu amor é João,  
 E João é que ha de ser,  
 E se eu não casar com elle  
 Solteira hei de morrer.

(A.)

4787 Não ha nome que me agrade  
 Como é o de João,  
 Cá o tenho já gravado  
 Em roda do coração.

(T. M.)

4788 O meu amor é João,  
 Antes do q'ria Joaquim,  
 Paciência, não importa,  
 João nasceu para mim.

(E.)

4789 Ailé, ailé,  
 O' João, João,  
 Eu hei de te dar  
 A m'nha d'reita mão.

(A.)

4790 Ailé,  
 João, ó João,  
 'Stás um bello moço,  
 Dá-te á estimação.

(A.)

4791 O retrato de Joaquim,  
*Defreçado de João,*  
 O retrato do meu bem,  
 Trago-o eu no coração.

(A.)

4792 Joaquim é pano fino,  
 Que se vai vender á praça ;  
 Digam lá o que quizerem,  
 Joaquim caiu-me em graça.

(A.)

4793 Joaquim, ó Joaquinzinho,  
 A minh'alma a tua adora,  
 Não posso estar sem te ver  
 Nem ao menos uma hora.

(A.)

4894 Não quero Pedro, que é pedra,  
 Nem José, que é crueldade,  
 Quero o amor de Joaquim,  
 Que é muito á minha vontade.

(A.)

4795 O' José, teu nome é joia,  
 O teu nome joia é,  
 Cada vez que falo em joia  
 Logo me lembra José.

(A.)

4796 José é nome de joia,  
 Quem lh'o pôz não lh'o errou,  
 A joia é para o peito,  
 José no meu peito andou.

(A.)



4797 O' José, ó Josézinho,  
Tudo te diz a matar!  
Até o lencinho branco,  
Quando te vaes a assoar.

(A.)

4798 O' José, ó Josézinho,  
Teu nome me vae matar,  
De dia no pensamento,  
A' noite no *maginar*.

(A.)

4799 Dá-me o retrato, José,  
Passa-o para a minha mão,  
Que o teu retrato, meu bem,  
Hei de tel-o em 'stimação.

(E.)

4800 José quero, José amo,  
José trago no sentido,  
Por amor de ti, José,  
Trago o juizo 'varrido.

(A.)

4801 José amo, José quero,  
José trago nos sentidos,  
Por causa de ti, José,  
Trago os meus sonhos perdidos.

(T. M.)

4802 O meu amor é polaco,  
Elle ahi vem de boné,  
Não trecava o meu polaco  
Pelo nome de José.

(D')

4803 O meu amor é José,  
 Quem o ha de duvidar?  
 O padrinho pôz-lhe o nome  
 Quando se foi baptisar.

(A.)

4804 O meu amor é José,  
 O sobrenome, não sei,  
 Como são amores novos  
 Inda não lh'o perguntei.

(A.)

4805 Não ha nome mais bonito  
 Do que é José para amar,  
 Se eu chegar a ter amor,  
 José se ha de elle chamar.

(A.)

4806 Lindo nome o de José!  
 Com quatro letras se escreve,  
 Cá para o meu coração  
 Não há outro mais alegre.

(A.)

4807 Olhe lá, senhor José,  
 Ouça o que lhe vou contar:  
 Se eu tivesse os quinze annos  
 Não me havia de escapar.

(A.)

4808 Ai, ai,  
 O' lindo José,  
 'Stou escantada  
 No teu cachimô.

(A.)

4809 Manoel, ó Manoel,  
O' Manoel do Senhor,  
O Senhor te faça padre,  
Para ser's meu confessor.

(D.)

4810 Manoel, dei-te meu peito,  
Vira-te cá para mim,  
Ama-me com lealdade,  
Assim como te amo a ti.

(A.)

4811 Manoel é um perdido,  
Que perde quanto lhe dão ;  
Eu ainda não perdi nada,  
Menina, da tua mão.

(D.)

4812 O nome de Manoel,  
Trago eu na minha algibeira,  
Atado á minha cintura,  
Com uma fita estrangeira.

(A.)

4813 Manuel é pano fino,  
Salpicadinho da traça ;  
Digam lá o que disserem,  
Manoel cahiu-me em graça.

(A.)

4814 Manoel é pano fino,  
Que se vai vender á feira,  
Comprem moças comprem moças,  
Que é pano que veio da Beira.

(A.)

4815 Quero-te bem, quero e quero,  
 Quero-te bem, a fartar,  
 Por causa da tua gente  
 Não t'o dou a demonstrar.

(A.)

4816 Quero-lhe muito o meu bem,  
 Quero-lhe até acabar,  
 Por amor da sua gente  
 Não lh'o dou a demonstrar.

(A.)

4817 Quero-te bem, já t'o disse,  
 Não t'o dou a demonstrar,  
 Que não te quero dar penas,  
 Nem ao mundo que falar.

(B. A.)

4818 Captivas a toda a gente  
 Com esse teu modo brande,  
 Só te peço vivamente  
 Que não mudes do teu mando.

(A.)

4819 E's o meu cofre encantado  
 Onde encontro o que procuro,  
 Allivio para o passado,  
 Esp'ranças para o futuro.

(A.)

4820 Meu amor, eu ao teu lado  
 Suspiro até me morrer,  
 Imagina o mais que eu sinto,  
 E vê-la se pode ser.

(A.)

4821 Quem nos vir assim juntinhos.  
Nossa sorte ha de invejar.  
Ou inveje. ou não inveje  
Eu sem ti não quero estar.

(A.)

4822 Pois-se este mundo anda á roda,  
Como não hei de eu andar?  
De que serve tanta volta,  
Se eu a ti hei de ir parar!

(A.)

4823 Desde o momento feliz  
Que eu te vi a vez primeira,  
Nunca mais eu encontrei  
Outro amor a quem mais queira.

(A.)

4824 Quem me dera adivinhar.  
Uma hora só no dia,  
Ad'vinhava o teu sentido,  
De quem ele pretendia.

(A.)

4825 Amar-te, não é só isso,  
Pois tenho quem me embarace,  
Ha muito que eu era tua,  
Se sósinhe governasse.

(A.)

4826 Já me pedem que te deixe,  
Já me pedem por empenho,  
Cada vez te quero mais,  
Olha a emenda que eu tenho!

(A.)

4827 Pediram-me que te deixasse  
 Por alma da minha avó,  
 E eu *le dè* por resposta:  
 Não sou eu quem amo só.

(A.)

4828 O meu aitor quef'-me muito,  
 Sempre m'o está a dizer,  
 Eu muito lhe quero a'elle,  
 Nada lhe fico a dever.

(A.)

4839 Quero bem *ô* meu amor,  
 Por cima de um bem querer,  
 Quem disser que lhe quer mais,  
*Minte*, que não pode ser.

(A.)

4830 Como te eu amei não sei,  
 E nem te o posso dizer,  
 Foi um dormir acordada,  
 Foi um sonhar a morrer.

(B. A.)

4831 O' meu amor, meu amor;  
 O' meu amor, *sim ô* não,  
 Quem me quizer namorar,  
 Tem agora occasião.

(A.)

4732 O meu amor é um dengue,  
 E' todo dado á denguice,  
 Ainda não vi um dengue  
 Mais dado á gaiaticé.

(A.)

4833 O meu amor é um «dengue»  
E' mais «danguinho» do que eu,  
Amor tão «adengadinho»  
Ninguem «no» tem senão eu.

(A.)

4834 O meu amor é um dengue,  
Ainda mais dengue que eu,  
Amor tão «adengadinho»  
Não ha outro como o meu.

(T. M.)

4835 Comi tite occasiã,  
Ao meu bemsinho falei.  
Certas coisinhas me disse  
Que nunca me esquecerei,

(A)

4836 Eu te vi, e tu me viste,  
Suspirastes, suspirei,  
Qual de nós amou primeiro,  
Tu o sabes, eu não sei.

(A.)

4837 Seja dia, ou seja noite.  
Eu não durmo, não sou cégo,  
Todo o tempo que me sobra  
Em te amar eu o emprego.

(A.)

4838 Ha quatro dias com hoje  
Que ando para lhe falar,  
A vergonha me desvia,  
O amor me faz chegar.

(A)

- 4839 O meu amor me disse hontem:  
P'ra domingo falaremos,  
A semana tem seis dias,  
Eu ainda q'ria menos,  
(D.)
- 4840 Eu hei de te amar ós mezes,  
Que ás semanas acho pouco,  
Quero que a tua mãe diga  
Que este nosso amor é louco.  
(A.)
- 4841 Quando te não conhecia  
Nada de ti se me dava,  
Sem pensamentos dormia,  
Sem cuidados acordava.  
(A.)
- 4842 Ao deserto fui chamada  
P'ra servir de testemunha;  
Diser mal do meu amor  
Não me faz conta nenhuma.  
(A.)
- 4843 O' sério, meu bem ó sério,  
O' sério, devagarinho,  
Quanto mais ó sério, ó sério,  
Mais eu quero ao meu bemzinho.  
(A.)
- 4844 Bem aja quem te creou,  
No mundo tanto á vontade!  
Só em ti é que se achou,  
Juizo e capacidade.  
(A.)



4845 Quero-te bem, quer'-te, quer'-te  
 Não nego a minha cegueira,  
 Na era em que nós *estemos*  
 Eu não tenho a quem mais queira.

(A.)

4846 Bem haja quem te criou,  
 Quem te deu a criação,  
 Só em ti é que se achou  
 Juizo, e consideração.

(A.)

4847 Foi a fir e a brincar,  
 Que de ti me namorei,  
 Agora quero estar séria,  
 Meu amor, e já não sei.

(A.)

4847 Andá cá que inda o não és,  
 E inda o podes vir a ser,  
 Casares, enviuvares,  
 E vir's para o meu poder.

(A.)

4849 O' meu amor, meu amor,  
 Quem te amava já morreu,  
 Trata-me com lealdade,  
 Quem te ama agora sou eu.

(A.)

4850 Quero-te mais que ao sabor,  
 Que me serve de sustento,  
 Se te não lograr, amor,  
 De paixão eu arrebento.

(A.)

4851 O' meu amor, meu amor,  
 Minha primeira afeição,  
 Has de ser o oratorio  
 Onde eu faça a oração.

(D.)

4852 Quanto mais eu 'stou contigo  
 Menos posso estar sem ti,  
 Que a paixão que nasce d'alma  
 Tem principio e não tem fim.

(A.)

4853 Se o *amor* fôra crime,  
 Criminoso fôra eu,  
 Quanto maior o castigo,  
 Maior fôra o amor meu.

(A.)

4854 Se eu tivera, não pedia,  
 Só p'ra não importunar,  
 Mas como não tenho, peço  
 A quem tenha que me dar.

(A.)

4855 Quem me dera ser tão leve  
 Bem como é o pensamento,  
 Que falava ao meu amor,  
 E inda me sobrava tempo.

(A.)

4856 Se q'rer-te bem é delicto,  
 Venha o juiz que me prenda  
 Abra as portas da prisão,  
 Que eu não quero ter emenda.

(D.)

4857 Escusado é eu querer  
Deixar-te por outro amor,  
Para ti não posso ter  
Ouvidos de mercador.

(A.)

4858 O meu bem diz que me ama,  
Elle afirma, elle jura,  
Não é para mim tanto bem,  
Não tenho tanta ventura.

(A.)

4859 Ninguém no mundo haveria  
Tão feliz que me igualasse,  
Se a par do meu caro bem  
Os meus dias eu passasse!

(A.)

4860 Adeus ó minha saudade,  
Espelho do meu sentido,  
Por vêr vossa magestade  
Eu venho cego e perdido.

(A.)

4861 O que é feito de vontade,  
Inda não cançou ninguém,  
Por isso não 'stou cançada  
De falar com o meu bem.

(A.)

4862 Tu é que és aquelle, aquelle,  
Aquelle a quem eu venero,  
Tu é que és o meu amor,  
E's aquelle a quem eu quero.

(A.)

4863 Tu é que és aquella, aquella,  
 Aquella a quem eu venero,  
 Tu é que és aquella, aquella  
 A quem eu queria e quero.

(A.)

4864 Anda cá linda, tão linda,  
 Anda cá bella, tão bella,  
 Tu é que és aquella ainda,  
 Tu é que és ainda aquella.

(A.)

4865 Anda cá bella, tão bella,  
 Anda cá linda, tão linda,  
 Tu é que és aquella, aquella,  
 Tu é que és aquella ainda.

(A.)

4866 Não quero nada do ovo,  
 Nem da clara, nem da gemma,  
 Anda cá meu amor novo,  
 Que te quero amar por teima.

(A.)

4867 Não quero nada do ovo,  
 Nem da gemma nem da clara,  
 Anda cá, meu amor novo,  
 Que te quero amar por gala.

(A.)

4868 Eu não quer' nada do ovo,  
 Nem da gemma nem da clara,  
 Anda cá, meu amor novo,  
 Quem ama em nada repara.

(A.)

4869 Atrevimento é o vêr-te,  
Diligência procurar-te,  
O sentimento perder-te,  
Pouco saber o deixar-te.

(A.)

4870 Já fiz votos de querer-te,  
Mil empenhos de adorar-te,  
Fortuna foi conhecer-te,  
Desgraça será deixar-te.

(A.)

4871 Eu quero-te bem sem nada,  
Sem nada te quero bem,  
Quero-te mais a ti, sem nada,  
Que áquelle que muito tem.

(A.)

4872 O meu amor não 'stá 'qui,  
Ha de vir para o Entruda,  
Venhá'quando elle quizer,  
Que eu por elle deixo tudo.

(A.)

4873 Cada um por si vasa  
Meu amor, quero-te muito,  
Em lá indo á tua casa  
Saberás por quem pergunto.

(A.)

4874 Não me namoram os teus teres,  
Nem teus teres me namoram,  
Namoram-me os teus agrados,  
Para que os prantes cá fóra.

(D.)

- 4875 Não me namora o teu ter,  
Nem a tua formosura.  
Namoram-me ésses agrados  
Com que te prantas na rua.  
(D.)
- 4876 De correr venho cansado,  
De cansado me sentei,  
Já achei o que buscava,  
Agora descançarei.  
(A.)
- 4877 Liberdade, liberdade,  
Foi coisa que nunca vi.  
Se eu tivera liberdade,  
Sempre estava ao pé de ti.  
(A.)
- 4878 Andas a baixo e acima  
Como o retroz na balança,  
E enquanto eu não for tua,  
Teu coração não descança.  
(A.)
- 4879 Andas abaixo e a riba  
Como o retroz na balança,  
Emquanto não fores minha,  
Meu coração não descança.  
(E.)
- 4880 O meu amor é do campo,  
E' do campo, é camponez,  
Mais vale um homem do campo,  
Que da villa dois ou tres.  
(A.)

4881 O meu amor é do campo,  
E' do campo e é pimpão,  
No domingo na cidade,  
Parece-me um cidadão.

(A.)

4882 O meu amor é da serra,  
E' da serra, é serrano,  
Mais vale um homem da serra,  
Que da villa algum magano.

(A.)

4883 Dá-me um ar da tua graça,  
Faz-me ao menos a vontade,  
Não procures que não achas,  
Quem te dei mais amizade.

(A.)

4884 Eu não sei como pagar-te,  
O teu amor e amizade,  
Mas como não sei 'scolher  
Fiz a isso á tua vontade,

(A.)

4885 Eu vi-te, gostei de ti,  
A ponto de endoidecer,  
Eu puz-te a amizade toda,  
Meu amor, que hei de fazer?

(T. M.)

4886 Comtigo, em triste cabana,  
Mais alegre eu viveria,  
Do que em soberbos palácios  
Sem a tua companhia.

(A.)

4887 E's o meu só pensamento,  
E's a minha sympathia.  
Serei feliz se gosar  
Tua amável companhia

(A.)

4888 Eu não sei que sympathia  
Minh'alma contigo tem,  
Sem a tua companhia,  
Nada me parece bem.

(A.)

4889 De que me servem, sem ti,  
Os bens que a fortuna dá?  
Sem elles vivemos pobres,  
Mas sem ti quem viverá?

(A.)

4890 Dizem que o meu bem é feio  
Se é feio ninguém o queira.  
Seja elle como for,  
Não o quer' p'r'a cantareira.

(A.)

4891 Eu quero bem, e não quero  
Dizer a quem quero bem,  
Quero bem seja a quem for  
Dizel-o não me convem.

(A.)

4892 Meu amor, se Deus quiser,  
Inda nos hemos de vêr,  
O mundo dá muita volta  
Tua posso vir a ser.

(A.)



4893 Quem me dera e noite escura  
Ser por ti agasalhado,  
No teu cesto de costura  
Eu dormia enroscado.  
(A.)

4894 Nem meu pae, nem minha mãe,  
Nem meu próprio confessor  
Me dizem as palavrinhas,  
Que me diz o meu amor.  
(A.)

4895 Se eu soubera que me amavas  
Lá na tua freguezia,  
E' longe, não me importava,  
A diligência eu faria.  
(A.)

4896 Quem me dera dar um ai  
É chegar aonde eu quero,  
Que dissera ao meu amor:  
Este é o ai que eu tennero.  
(A.)

4897 Toda a vida me morri,  
Por ter uma saudade:  
Desde a hora que nasci  
Que eu te tenho amizade.  
(A.)

4898 Toda a vida me morri  
Por ter amor's na cidade,  
Agora já lá os tenho,  
Já Deus me fez a vontade.  
(A.)

4899 Toda a vida desejei.  
Ter amores n'uma horta,  
Agora já lá os tenho,  
Da cidade não me importa.

(A.)

4900 Confesso que nunca tive  
Amor leal a ninguém,  
Só para ti se me abriram  
As azas do querer bem.

(A.)

4901 Protesto que nunca tive  
Amor firme a ninguém,  
Só para ti se me abriram  
As portas do querer bem.

(D.)

4902 Anda cá meu todo bem,  
Meu assoiado branquinho,  
Tu és o meu bem amado  
Eu sou o teu *belindrinho*.

(M.)

4903 Entre a branca e a trigueira,  
Não sei qual hei de escolher,  
Antes bem quizera ambas,  
Mas isso não pode ser.

(A.)

4904 Se o teu retrato falasse!  
Se o teu retrato sentisse!  
Elle mesmo te diria  
O que fiz e o que lhe disse.

(A.)

4905 Hei de te mandar pintar  
 No sobrecéo do meu leito,  
 Para vêr o teu retrato,  
 A' noite quando me deito.

(E.)

4906 Já te mandei retratar  
 Nas ombreiras do meu quarto,  
 Cada vez que tu me lembras  
 Olho para o teu retrato.

(A.)

4907 Quando eu era pequenino  
 Acabado de nascer,  
 Inda mal abria os olhos  
 Já gostava de te vêr.

(A.)

4908 Quando eu era pequenino,  
 Era muito *brejerete*,  
 Mas que havia de ser tua,  
 Meu amor, então jurei-te,

(E.)

4909 Quando eu era pequenina.  
 Que a minha mãe me embalava,  
 Já uma voz me dizia.  
 Que para ti me criava.

(A.)

4910 Meu lindo baguinho d'oiro,  
 Minha rendinha engommada,  
 Muito antes de tu nasceres  
 Já meu coração te amava.

(A.)

4911 Meu amor é pequenino,  
 Já lhe não chamam pequeno,  
 Já vae sendo maersinho.  
 Pelo amor que lhe tenho.

(A.)

4912 Meu amor é pequenino,  
 No meio de mil o conheço,  
 Todos m'o querem comprar,  
 O meu amor não tem preço.

(A.)

4913 O' meu amor pequenino,  
 Põe-te da banda do sol,  
 Abaixo de Deus não tenho  
 A quem eu queira melhor.

(M.)

4914 O meu amor é baixinho,  
 E' assim da minha altura,  
 E' trigueirinho no rosto  
 Delicado da cintura.

(A.)

4915 O meu amor é rapaz,  
 Eu também rapariga.  
 Namora-me de pequena,  
 Entre nós nunca hav'rá briga.

(A.)

4916 Ai que dita tenho eu,  
 Em ter o amor creança!  
 Nem de noite, nem de dia,  
 Se me tira da lembrança.

(A.)

4917 Por amar e querer bem  
 Me querem tirar a vida,  
 Quero amar-te quer'-te bem,  
 Que o amor é que me obriga.

(A.)

4918 Por amar e querer bem  
 Querem tirar-me a vida,  
 Hei-de amar e querer bem.  
 Dar a vida por perdida.

(T. M.)

4919 Se te eu lograr e morrer,  
 Da morte já se não me dá,  
 Se Deus me der esse gosto,  
 Logre-te eu e morra já:

(D.)

4920 Eu quizera que ao morrer,  
 Minh'alma ficasse aqui,  
 Sómente para saber  
 O que dirias de mim.

(A.)

4921 Se eu morrer á tua porta  
 Enterra-me ao *lumi*ar,  
 Fazei-me a cova *baixinho*,  
 Quero-te ver passear.

(D.)

4922 Se eu morrer na tua casa  
 Enterra-me ao *lumi*ar,  
 Que eu inda depois de morto  
 Quero contigo brincar.

(D.)

- 4923 Quando eu estiver morrendo,  
Não tendo quem me socorra,  
Fixa o teu olhar no meu,  
Que pode ser que não morra.  
(A.)
- 4924 Se eu morresse *a mal* contigo,  
Muitas vezes tenho dito,  
Nunca havia de esquecer  
O teu rosto tão bonito.  
(A.)
- 4925 Quem me dera já morrer,  
Depois de morta ter vida,  
Só p'ra ver quem te gosava,  
Prenda d'alma tão querida.  
(A.)
- 4926 Eu se te não amo morro,  
Se te adoro há quem me mate,  
Se de toda a sorte morro,  
Quero morrer e adorar-te.  
(A.)
- 4927 O' amor, fala-me á noite,  
Succeda o que succeder,  
Eu tenho só uma vida,  
Por ti a quero perder.  
(A.)
- 4928 Tendes falas que dão vida,  
Dae-me uma que estou á morte,  
Uma fala não é nada  
Para quem 'stá d'esta sorte.  
(M.)

4929 Tendes falas que dão vida,  
Dae-me uma, que estou morrendo,  
Uma fala não é nada  
Para quem 'sta padecendo.

(M.)

4930 Amar-te firme, com fé,  
Isso farei, creatura,  
Eu hei de te amar *inté*  
Dar meu corpo á sepultura.

(A.)

4931 Amar-te na sepultura,  
O' meu amor, quem podera !  
Seria a última coisa  
Que eu p'lo meu amor fizera.

(A.)

4932 Eu mandei fazer a cova,  
P'ra o dia que hei de morrer,  
A' porta do meu amor,  
Mesmo ali é que ha-de ser.

(A.)

4933 Se eu soubera que tu davas  
Um só passo por me vêr,  
Eu te promettia ao certo  
Outros amores não ter.

(A.)

4934 Se eu soubera, meu amor,  
Que tu me querias bem,  
Rendia-te uma fineza  
Como não rendo a ninguém.

(A.)

4935 Não-me importa que eu por ti  
Tenha a sorte desgraçada,  
E' sacrificio mais forte  
'Star minha alma apaixonada.

(A.)

4936 Homens altos, delgadinhos,  
E' a minha enlevação,  
Aquelles que são baixinhos  
Inda mais graça me dão.

(A.)

4937 O' vida da minha vida,  
O' vida do meu viver,  
Viver sem ti não é vida,  
Viver sem ti é morrer.

(D.)

4938 Na conversa mais sincera  
Me prendeu tua amizade,  
Agora vejo-me prêsa,  
Já não tenho liberdade.

(A.)

4939 Estou presa e bem presa,  
Meu amor é o malsim,  
Se as paixões do amor são doces,  
Ninguem tenha dó de mim.

(A.)

4940 O encarnado é vingança,  
Que se vinga do amarello,  
Eu não te amo por vingança,  
Mas pelo bem que te quero.

(A.)



4941 Se me amas com firmeza,  
 Faz p'ra comigo falares,  
 Que minhas letras são certas,  
 Eu te as quero declarar.

(A.)

4942 Eu sei ler e sei 'screver,  
 Faço letras derretida,  
 Se tu me não captivares,  
 Outro amor me não captiva.

(A.)

4943 Com sete letras se escreve  
 O nome de quem adoro,  
 Quem souber ler, que soletre,  
 Saberá por quem eu choro.

(A.)

4944 O' meu amor, meu amor,  
 Escreve, que eu vou notando,  
 Assenta que eu por ti morro,  
 Sem saber hora, nem quando.

(A.)

4945 Escrevera-te uma carta  
 Nas costas da mão direita,  
 Se a tua a souberas ler,  
 Minha rolinha perfeita.

(B. A.)

4946 Aceitai-me esta cartinha,  
 Escrita em letras azues,  
 'Stou presa da tua mão  
 Não posso ir p'ra nenhures.

4947 Vou-te escrever uma carta,  
Cada vez me lembras mais,  
Em cada ponta um suspiro,  
No meio vão os meus ais.

(D.)

4948 O' meu bem, meu bem,  
Lá vai o *requêbro*,  
Os dias alegres  
São os que eu celebro.

(A.)

4949 Se o meu bem agora  
Viesse aqui ter,  
Uma missa ás almas  
Mantava dizer.

(A.)

4950 Meu amor não era,  
Tem-se agora feito  
Um tal figurão,  
Que mette respeito

(A.)

4951 Eu tenho corrido,  
Eu tenho andado,  
A' tua pergunta,  
Não te tenho achado.

(A.)

4952 Quando eu não tinha,  
Desejava ter  
Amores contigo  
Sem ninguem saber.

(A.)

4953 Eu hei de te amar,  
 Eu hei de te q'rer,  
*Aindas* que saiba  
 A vida perder.

(A.)

4954. Anda cá, amor,  
 Senta te aqui,  
 N'esta cadeirinha  
 De pau d'alecrim ;  
 N'esta cadeirinha  
 De pau encarnado,  
 Anda cá, amor,  
 Senta-te a meu lado.

(A.)

4955 Anda cá, amor,  
 Para mim correndo,  
 Vem dar-me um allivio  
 A quem 'stá morrendo.

(A.)

4956 Anda cá, paixão,  
 Leal conselheira,  
 Vem viver comigo  
 Até que Deus queira.

(A.)

4957 Anda cá, meu bem,  
 Para mim correndo,  
 Dá-me a tua mão:  
 Que é o que eu pretendo.

4958 Anda cá, meu bem,  
 Anda cá p'r'áqui,  
 Que te quero ver,  
 Que inda não te vi.

(A.)

4959 Anda cá, meu bem.  
 Não te vás embora,  
 Que eu não posso estar  
 Sem ti uma hora.

(A.)

4960 Ailé,  
 Não te vás ainda,  
 Que eu não posso estar  
 Sem ti, cara linda.

(A.)

4961 Anda cá, meu bem,  
 Não vás p'r'ó deserto,  
 Entra p'r'ó meu peito,  
 Que é um ceo aberto.

(A.)

4962 Anda cá, amor,  
 Para mim agora,  
 Vem dar um allivio  
 A quem por ti chora.

(A.)

4965 Meu bem,  
 Lá fóra, no campo,  
 Mora o meu amor,  
 A quem quero tanto.

4964 O' minha tricana,  
 Minha tricaninha,  
 Não fujas tricana,  
 Não fujas pombinha.

(D.)

4965 Minha rica aurora,  
 P'r'á esquerda é lugar,  
 Ao pé do meu bem  
 Não posso parar,

(A.)

4966 Minha rica aurora,  
 P'r'á esquerda, p'r'á esquerda,  
 Ao pé do meu bem,  
 Não posso estar quêda.

(A.)

4967 Amor,  
 Allivia o lucto,  
 Que esse pouco tempo  
 Me parece muito.

(A.)

4968 Ailé,  
 O' mê bem, mê bem,  
 O que tu quizeres,  
 Quero eu tambem.

(A.)

4969 Ailé,  
 Meu bem, todo, todo,  
 Ainda não te amo  
 Já o sabe o povo.

(A.)

- 4970 Ailé,  
E' um regalinho  
Falar ao amor  
Quando está sósinho..  
(A.)
- 4971 Ailé,  
Rua do Grivão,  
Quem lá tem amores  
Ganha a salvação.  
(A.)
- 4792 Ailé,  
Ai flores, ai fitas,  
Morrer, acabar,  
P'las moças bonitas  
(A.)
- 4973 Ailé,  
Que eu digo, e eu digo,  
Deus me não mate  
Sem viver contigo.  
(A.)
- 4974 Ailé,  
Eu quero-te muito,  
Responde-me, amor,  
Ao que te pergunto.  
(A.)
- 4975 Ailé,  
O' amor, amor,  
Hei de te levar  
Para onde fôr.  
(A.)

4976 Ailé,  
Anda cá correndo,  
Vem a dar remedios  
A quem 'stá morrendo:  
(A.)

4977 Ailé,  
Viva a contenda  
Do meu amor,  
Que é o Zé da tenda.  
(A.)

4978 Ailé,  
Maria, Maria.  
Essa tua cara  
E' a luz do dia.  
(A.)

4979 Ailé,  
O' amor, só tu  
Tem a liberdade  
Que não tem nenhum.  
(A.)

4980 Ailé,  
O' meu bem amado,  
A' tua procura  
E' que tenho andado.  
(A.)

4981 Ailé,  
O' amor, amor,  
E' pena e pecado  
Andar's ao calor.  
(A.)

- 4982 Ailé,  
Cadeias só uma,  
Para o meu amor  
Não quero nenhuma.  
(A.)
- 4983 Ailé,  
Eu quer', eu queria,  
Nesse teu peitinho  
Armar cantoria.  
(A.)
- 4984 Ailé,  
Eu quer', eu queria,  
Entrar em teu peito,  
Armar bateria.  
(A.)
- 4985 Ailé, Ailé,  
Eu quero, eu quero,  
Nesse teu peito  
Armar um castello.  
(A.)
- 4986 Ailé,  
Eu quero-te bem,  
Bem o sabes tu  
Melhor que ninguém.  
(A.)
- 4987 Ailé,  
Suspiros e ais,  
Por ti, meu amor,  
Cada vez dou mais.  
(A.)



4988 Ailé,  
D'aqui para alem  
Vae o meu sentido  
Num minuto e vem.  
(A.)

4989 Ailé, ailé,  
O' meu rico bem,  
Quem te dá a vida  
Dará quanto tem.  
(A.)

4990 Ailé,  
Deixa vir o v'rão,  
Que eu te apanharei  
Cá p'r'a minha mão.  
(A.)

4991 Ailé,  
Tão doce, tão doce,  
Eu não estava aqui,  
Se o meu bem não fosse!  
(A.)

4992 Ailé,  
Monte da Moreira,  
Não vejo mais nada  
Que o que o meu bem queira,  
(A.)

4993 Ailé,  
Lá na do Brito,  
O meu bem amado  
E' um palmito.  
(A.)

- 4994 Ailé,  
O' amor sincero,  
Vae para a cidade,  
Que eu ali te espero.  
(A.)
- 4995 Ailé,  
Monte do Moiro,  
O meu bem amado  
E' um cravo d'oiro.  
(A.)
- 4996 Ailé.  
Lá em Sant' Olaia,  
O meu lindo amor  
E' o que faz raia.  
(A.)
- 4997 Ailé,  
Lá na Casa Branca,  
O meu lindo amor  
E' o que desbanca.  
(A.)
- 4998 Ailé,  
P'ra lá do Torrão,  
E' aonde eu tenho  
Minha adoração.  
(A.)
- 4999 Essa tua perna  
E' muito catita,  
Não é como algumas  
Que é mesmo uma guita.  
(M.)

5000 Ailé,  
 Carinha dum anjo,  
 Se vaes e me deixas,  
 E' um desarranjo.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os Cantos n.<sup>os</sup> 24 a 26, 31, 33, 39, 40, 49, 50, 53 a 56, 65, 246, 253, 258, 279, 298, 299, 330, 349, 350, 367, 371, 372, 392, 404, 438, 461, 487, 499, a 501, 503, 506, 508, 510, 517, 519, 520, 733, 786, 798, 799, 803, 809, 810, 915, 916, 938, 942, 946, 947, 951, 968, a 972, 977, 979, 983, 988, 990 a 993, 1000, e 11 e 15, e 18, e 21, e 26, e 28 a 32, e 37, e 38, e 40, e 45, e 46, e 48, e 79, e 80, e 99, 1101, e 13, e 14, e 18, e 20 a 22, e 24 a 29, e 36, e 37, e 41, e 43, e 45 e 53, e 54, e 58, e 61, e 64, e 65, e 67, e 89 a 91, e 94, e 1206, e 07, e 09, e 14, e 15, e 17, a 19, e 23, e 25, e 29, e 30, e 37, e 38, e 44, e 46, e 51, e 58, e 62, e 98, 1307, e 24, e 32, e 33, e 55, e 56, e 62, e 93, 1422, e 35, 91, e 1502, e 03, e 08, e 36, e 38, e 58, e 90, e 96, 1608, e 09, e 12, e 34, e 36, e 39, e 46, e 59, e 61 a 65, e 67, e 69, e 71, e 80, e 94, 1709, e 27, e 40 e 64, e 71, e 84, e 1810 a 13, e 34, e 37, e 77, e 93, e 94, 1913, e 28, e 54 a 57, e 60, e 63, e 73, e 77, e 82, e 85, e 86, e 89, e 91, 2061, e 69 e 98, e 2102 a 05, e 11, e 50, e 91, e 89 a 2201, e 04, e 16, e 33, e 42, e 57, e 59, e 74, e 98, e 99, 2303 a 06, e 07, e 10, e 11, e 20, e 45, e 48 a 50, e 57, e 84, e 93, e 95, 2414, e 15, e 26, e 34, e 36, e 41, e 45 a 48, e 55, e 56, e 57, e 65, e 72, e 76, e 77, e 82, e 85, e 95, e 97, 2503 a

a 05, e 08, e 09, e 20, e 27 a 29, e 32, e 42,  
 e 43, e 57, e 58, e 76, e 82, e 86, e 95, 2605,  
 e 16, e 20, e 37, e 59, e 63, e 65, e 69, e 71,  
 e 84, e 86, e 87, 2708, e 20, e 21, e 25, e 62,  
 e 65, e 74, 2819, e 34, e 96, e 97, 2930, 3002,  
 e 70, e 87, 93, 3111, e 17, e 36, e 59, e 60,  
 e 63, e 64, e 83, e 92, 3201, e 24, e 28, e 39,  
 e 48, e 86, e 91, e 98, 3342, e 77, e 80, e 86,  
 3419, e 74, e 84, 3521, e 24, e 29, e 39, e 42,  
 e 55, e 56, e 62, e 64, 3600 a 602, e 08, e 13,  
 e 14, e 16, e 59, e 65, e 84, e 90, 3727, e  
 44, e 83, 3850, e 51, e 56, e 61, e 78, e 80,  
 e 96, 3902, e 03, e 11 e 12, e 20 a 22, 62,  
 e 73, e 78.



FIM DO VOLUME II

# INDICE DO VOLUME 2.º

## II

### A NATUREZA

|                     | <b>Pag.</b> |
|---------------------|-------------|
| h) Os vegetaes..... | 1           |
| i) Os animaes.....  | 190         |

## III

### O HOMEM E A SOCIEDADE

|                                          | <b>Pag.</b> |
|------------------------------------------|-------------|
| a) Cantigas do berço.....                | 247         |
| b) Carinhos e penas filiaes              | 220         |
| c) A amizade.....                        | 259         |
| d) Cantigas amorosas:                    |             |
| 1) Anhelos, requebros e<br>lisonjas..... | 265         |

















UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 02834 0258

*The* KALMBACHER  
BOOKBINDING CO.  
CERTIFIED  
BRADY BAKERY  
TOLEDO, OHIO



